



ESPAÇOS E IMAGENS

ensaios de expressão



Jones Dari Goetttert
(organizador)



Capa: Equipe TotalBooks. Fotos da capa e contracapa: Jones Dari Goettert.

Editoração: Equipe TotalBooks.

Revisão: Autores/equipe TotalBooks.

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Espaços e imagens [livro eletrônico] : ensaios de expressões / Jones Dari Goettert (organizador). -- Porto Alegre, RS : Totalbooks, 2024.

PDF

Vários colaboradores.

ISBN 978-65-88393-60-4

1. Fotografia 2. Geografia 3. Professores de geografia 4. Território nacional - Brasil I. Goettert, Jones Dari.

24-194027

CDD-770

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografia 770

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos reservados para os autores.

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito do/a respectivo/a autor/a.

Os autores e as autoras são responsáveis pelos conteúdos apresentados (textos, figuras, fotos etc.) inclusive pela grafia, correção gramatical, sintaxe e pelo uso da norma culta da língua portuguesa e de língua estrangeira, e assumem total responsabilidade pública e jurídica sobre os mesmos.

EDITORA TOTALBOOKS® LTDA.

www.totalbooks.com.br contato@totalbooks.com.br



ESPAÇOS E IMAGENS
ensaios de expressão



Jones Dari Goetttert
(organizador)



EDITORA TOTALBOOKS
CONSELHO EDITORIAL MULTIDISCIPLINAR

Dr^a Adriana Dorfman
Dr. Alfa Oumar Diallo
Dr^a Ana Maria Colling
Dr. Antonio Moreno Jiménez
Dr. Bruno de Souza Lima
Dr. Celso Augusto Nunes da Conceição
Dr. Charlei Aparecido da Silva
Dr^a Cintia Santos Diallo
Dr^a. Cristina Vargas Cademartori
Dr. Eduardo Salinas Chavez
Dr. Emerson Galvani
Dr. Edvaldo César Moretti
Dr^a Edvania Gomes de Assis Silva
Dr^a Elisabeth Ritter
Dr. Eliseu José Weber
Dr. Fabio de Oliveira Sanches

Dr^a Gilca Lucena Kortmann
Dr. Gustavo Daniel Buzai
Dr. Henrich Hasenack
Dr. Henri Luiz Fuchs
Dr. Henrique Carlos de Oliveira Castro
Dr^a Irene Santos Garcia
Dr. Javier Garcia López
Dr. Jefferson Cardia Simões
Dr. Jose Luis Gurria Gascón
Dr. Paulo José Moraes Monteiro e Teixeira Germano
Dr. Paulo Roberto Fitz
Dr^a Patrícia Cristina Statella Martins
Dr. Roberto Verдум
Dr. Rodrigo Stumpf Gonzáles
Dr. Rogério Gomes da Silva
Dr^a Valéria Silveira Brisolara
Dr. Vinícius Gadis Ribeiro



EDITORA TOTALBOOKS®
Av. Willy Eugênio Fleck, 1500/337 – CEP 91150-180 – Porto Alegre - RS
www.totalbooks.com.br

SUMÁRIO

NÃO HÁ SAÍDAS? CRIEMOS ENTRADAS E TRILHAS, ENTÃO! (APRESENTAÇÃO)

Jones Dari Goetttert 7

ASR-EXISTÊNCIAS DOS(AS) GERAIZEIROS(AS) NOS CERRADOS BAIANOS: A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

Valney Dias Rigonato 23

FLORES MIGRANTES42

Arnulfo Morínigo Caballero 42

MOVIMENTOS QUE ATRAVESSAM TERRITÓRIOS

Denise Cristina Bomtempo 65

O PULSAR DO PULSO QUE AINDA PULSA EM TRILHAS DE VIDA

Midiane Scarabeli Alves Coelho da Silva 83

A ESCOLA NO/DO CAMPO COMO ESPAÇO DE REPRODUÇÃO E RESISTÊNCIA: ASPECTOS VISUAIS DE VIVÊNCIAS PROPORCIONADAS PELO PROGRAMA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)/GEOGRAFIA/UFGD

Silvana de Abreu 102

ATÉ NA HORA DA NOSSA MORTE

Kamila Madureira da Silva

Alexandre Bergamin Vieira 124

ANDANÇAS PELO MÉXICO

Juliana Grasiéli Bueno Mota

Italo Franco Ribeiro 141

O CAMINHAR ENTRE VIDA(S), HISTÓRIA(S) E GEOGRAFIA(S)

Claudia Marques Roma 164

DARAZÃO TÉCNICA À VIOLÊNCIA INSTRUMENTAL: O VÍNCULO ENTRE PAULO AFONSO E CANUDOS NAS PROFUNDEZAS DO SERTÃO BAIANO	
<i>Thiago Romeu</i>	177
DO OUTRO LADO DO MUNDO TEM O QUÊ?	
<i>Alex Dias de Jesus</i>	195
SITUAÇÕES GEOGRÁFICAS E ESTADO: AÇÕES E OMISSÕES DELIBERADAS	
<i>Adáuto de Oliveira Souza</i>	211
PRAIA DE MACANETA, MOÇAMBIQUE	
<i>Edvaldo Cesar Moretti</i>	240
A GEOGRAFIA NO DINAMISMO DO MUNDO VIVIDO: PAISAGENS EM CORES-TEXTURAS-SIMETRIAS-FORMAS-GENTES	
<i>Charlei Aparecido da Silva</i>	258
SERES E COISAS QUE CAMINHAM COM OUTRAS COISAS, COM OUTROS SERES	
<i>Elaine da Silva Ladeia</i>	275
ONDE VIDAS HABITAM GEOGRAFIAS	
<i>Jones Dari Goettert</i>	292
AUTORAS E AUTORES.....	309

NÃO HÁ SAÍDAS? CRIEMOS ENTRADAS E TRILHAS, ENTÃO! (APRESENTAÇÃO)

Jones Dari Goettert

As imagens nos inundam. Como barragens que se rompem, as imagens são “dejetos” que velozmente deslizam arrancando tudo à frente, enquanto atrás, rastros de escombros é o que sobra. A velocidade de uma imagem na sequência da outra é tal que já não distinguimos imagens *com cheiro* daquelas inodoras – como a supor que todo cheiro rasura o que se pretende *clean*.

Na era da visão – sim, esta à qual estamos – é o que chega à vista que “comanda o mundo”. É a “cosmovisão”, criação moderno-contemporânea, que ao despejar sobre tudo, todas e todos a correnteza de imagens, ironicamente, provoca a *incapacidade* do olhar, do vagar, da contemplação. Ali, qualquer rito que *se demore mais que o necessário* é abolido, subsumido ao próximo impulso que a “nova” imagem imediatamente deve provocar. Por isso, a necessidade urgente de contrapontos em *ritos*, que, mais que *de passagem*, podem ser momentos de criação antes que o mundo se torne a “imagem única” de cada uma/um para si mesma, para si mesmo, olhando-se *eternamente* para o próprio espelho (ou para sua imagem-avatar no “Instagram”, “Facebook”, “Whatsapp”, “Twitter”...).

Diferentemente de nossas apressadas “constatações” de que “uma imagem diz tudo” ou “uma imagem fala mais que mil palavras”, talvez precisemos agora, mais que nunca, indagar se *diz tudo* ou se *fala mais...* Ou mesmo *olhar melhor*, inclusive, olhando menos! Para isso, o sentido único da visão requer a amizade de tudo o mais, de qualquer outro sentido, o que instiga, também, a contemplação como um rebelde ato de sentir, de *perceber* na demora transgressora que toda imagem-capital hegemônica não suporta.

Uma “cosmopercepção”, como nos ensina, a partir da cultura iorubá, Oyèrónké Oyěwùmí: “uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção do mundo por diferentes grupos culturais”, privilegiando “sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos”¹. Toda imagem é um “pedaço” do mundo, que – ainda bem – já sabemos que não é *um só*, Universo, mas Multiverso. Isso pode nos dizer que a mesma imagem *mostre* gentes, coisas, lugares e relações diferentes para também gentes diferentes. Mas mesmo em nosso “universo”, dominado pelo modo de produção capitalista, pela acumulação da produção, pelo racismo e pelo patriarcado, uma imagem não é a *mesma* para todas e todos.

Geograficamente, o mais comum é pensarmos as imagens (desenhos, fotografias etc.) como expressões de alguma paisagem. A paisagem, como aponta Milton Santos, é “[...] o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas por volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons [...]. A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos”². Obviamente, de uma fotografia não nos chegam, pelo menos diretamente, os *volumes*, os *movimentos*, os *odores* e os *sons*; o que pode nos levar a eles ou nos aproximar a eles é a possibilidade de que elas (as imagens) nos atravessem de tal forma que não apenas *aconteçam em si*, mas também, e, sobretudo, que *aconteçam para nós* – não como algo que acontece, mas que *nos acontece*, no encontro entre experiência e sentidos.

Essa última ideia chega-nos de Jorge Larossa Bondía, que destaca também que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Mas para algo *nos acontecer*, insiste ele, é requerido de nós um gesto, um simples gesto, no entanto, necessário:

¹ E que também destaca: “O termo ‘cosmovisão’, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos.” (OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres*: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 29).

² SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988, p. 61.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.³

... *dar-se tempo e espaço*: é isso um pouco o que propomos aqui: *dar-se tempo e espaço*...

Você pode *correr* este livro, feito sobretudo de imagens, em menos de 15 minutos... Ou ir “de-vagar”, “em vagar”, “di-vagar”, apenas *vagar*, dando-se a olhar, dando-se a *escutar*, dando-se a *sentir*, *demorando-se nos detalhes*, *suspendendo-se* por instantes, *cultivando a atenção*, *cultivando a delicadeza*, *aprendendo a lentidão*, *cultivando o encontro*... E, insistimos, *dando-se tempo e espaço*...

E aqui queremos apontar a possibilidade de que a paisagem, além do que vemos, do que cheiramos, do que ouvimos, do que *captamos* pelos sentidos, é também **o que sentimos**. E, para sentir, sim, é preciso *vagar*. E cada uma, cada um, tem seu *vagar*, como possibilidade de que a imagem toda ou algum *detalhe* lhe aconteça – e que não apenas aconteça... *Vagar*... Sentir... O que sentimos?

Você pode então, de súbito, nos interpelar: “mas como *vagar*, se só aqui neste livro tem mais de duzentas imagens?” Mais precisamente, são 273 imagens (incluindo a imagem da capa)... E agora? Duas respostas, agora, poderíamos dar: “persista em *vagar* e não apenas em ver mecânica, automática e superficialmente...” Ou a outra, que insistimos também aqui, nesta introdução: “percorra ‘de-vagar’ cada capítulo, e neles, cada imagem, e construa você mesmo sua própria *entrada*, sua própria *trilha*, seu próprio acontecer, fazendo com que imagens, e detalhes, talvez, *te aconteçam*”... (E ainda, agora, um outro aspecto, digamos, *mais técnico*, que imagens em um *e-book* podem trazer: podemos aumentar a imagem até ela se tornar outra coisa, ou mesmo um desfoco quase total, ou, de outro jeito, encontrar *miudezas* etc... Vale a pena percorrê-las também assim...) Vamos lá...

³ LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr 2002, N° 19, pp. 20-28 (citações no texto: p. 21 e 24).

*

Uma entrada, uma trilha

Valney Dias Rigonato nos mostra “r-existências dos geraizeiros (as)”... Que *existências*, que *experiências*, que possibilidades do *sentir*! Em uma das imagens *me acontece* os buritis sendo descascados pelas mãos de *geraizeiras*. Duas *coisas* se interpõem entre as mulheres e os buritis: facas e uma caixa azul de plástico... No mais, a sincronia entre mãos e buritis é *perfeita*. Amarronzados, os buritis vão se *desfazendo* em *amarelo-laranjas*, enquanto as mãos negro-morenas persistem na lida – que nunca é pouca, que nunca é “acabou”... Sintamos juntas e juntos a faca, os buritis e uma comunidade inteira em “r-existências” na inseparabilidade entre gentes e plantas, gentes e *coisas*... Ali, certamente as mãos *olham*, *cheiram* e *ouvem* buritis melhor que os próprios olhos, as próprias narinas, os próprios ouvidos, mas que se mostram em uma recíproca contemplação, com os buritis a *ansiarem* toques de mãos...



E parece ser mesmo uma troca de contemplações, o que “o-corre” entre partes de uma das “flores migrantes” de **Arnulfo Morínigo Caballero**: as duas grandes pétalas azuis a *se olharem* sem parar, como a se quererem enamorar, mas também como a protegerem os estames amarelados – também *se autocontemplando*. E meio que *para fora* mas voltando-se *para dentro*, os carpelos em *voltas* consigo mesmos... Talvez no fundo, no fundo, tudo ali *se contemple*, enquanto humanas e humanos, *nós*, extasiados, deixamo-nos envolver.



E tudo é *movimento*, que no *dizer* de **Denise Cristina Bomtempo**, *atravessam territórios*. E como atravessam... E como *nos atravessam*... Com Denise, em lugar distante daqui, do Brasil, o *movimento não para*, e entre um *lance* e outro, *gentes, coisas e lugares* vão mostrando uma *imobilidade* nunca imóvel, pois que já não estão mais onde estavam, ao mesmo tempo que, “grafadas” e “grafados”, ali permanecem... O *dorso* de um homem, talvez francês, certamente imigrante do continente de Abdelmalek Sayad, do outro lado do Mediterrâneo, do outro lado “do mundo”, de uma África que inventamos como parte do racismo e das fantasias brancas⁴, um *dorso*, nos contempla também... E em outro lugar, perto/longe dali, “casas-barracas” dão *mostras* que nem casa para todas e todos há nem mesmo no *norte que nos norteia*; mas mesmo ali, sob uma calçada dura – e talvez fria – e ao encosto de uma parede de pedras retangulares grudadas umas às outras, um emaranhado de bichos de pelúcia contemplam, mirando-nos como a dizer “Olá!”...



⁴ Em aproximação a SAYAD, Abdelmalek. *A imigração e os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EdUSP, 1998; e MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. 2 ed. Lisboa: Antígona, 2014.

Tudo ainda *pulsa*, tudo ainda *pulsa*... Este é o insistir e o acontecer com **Midiane Scarabeli Alves Coelho da Silva**, em suas *verticalidades* e *horizontalidades*, em suas linhas *para cima, para baixo, para todos os lados*... Ali, entre *planuras, aclives e declives*, entre *berimbaus e lamaçais*, uma pequena placa junto à *casa vazia* indica uma direção, impõe uma estrada, inibe a permanência, o lugar. Sim, um lugar, pois que como um *grito a gritar* “me tira daqui, não me deixem”, uma mesa de pebolim não conseguiu sair a tempo, a tempo, a tempo... Nenhuma outra mão segurará de novo seus “jogadores”, e nenhum gol mais será *gritado* ou festejado... O que *pulsa*, o que *pulsa*?



O que *pulsa*... E o que *nos habita*? Aliás, qual a terra que a *nos habitar*? A terra-lama, a terra-minério... Qual terra? **Silvana Abreu**, ao trazer-nos escolas e seus lugares como *espaços de reprodução e resistências*, através de programa universitário de *iniciação à docência*, faz *germinar* uma terra-escola-acampamento de “terra vermelha”, *muito vermelha*, que mais que moldado por pés de docentes, alunas e alunos, parece que é ela mesma que *molda* pés, pequenos e grandes. Ou mesmo, talvez, um *pisar* recíproco: pés *moldando* a terra, e a terra *moldando* pés! Descalços ou calçados, parece preciso, às vezes ou quase sempre, deixar que a *sola* da terra toque o *chão* de nossos pés...



Um chão que, mais cedo ou mais tarde, *há de nos comer...* **Kamila Madureira da Silva** e **Alexandre Bergamin Vieira** trilham o caminho da morte, que um dia virá, inevitavelmente. Antes dela, porém, *a vida quer viver*, seja em um novo nascimento, seja em cores avermelhadas de esperança, seja na alegria, mesmo que efêmera, de uma noite de festa. A morte, esta nunca igual em meio às desigualdades de toda ordem, fez-se muito mais *chegada* nos ainda mais difíceis anos da pandemia da Covid-19, nos anos de 2020 e 2021... Ali, parecia ainda mais próxima, uma mão querendo nos levar, nos puxar, nos arrancar da vida...



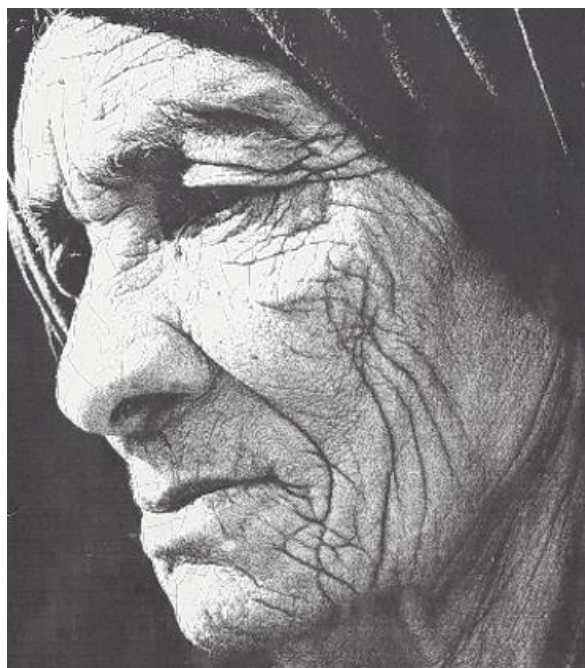
De quantas mortes é feito o México? Lá, onde a morte é *outra morte*, porque também, certamente, a vida é *outra vida*? Morte, aqui, *muerte*, lá... Lá, de *pedregais onde abundam cactos* e suas flores, onde pedras são *artistagens* grudadas umas nas outras, e tantas e tantas outras *coisas*, como *nos mostram e fazem viver* **Juliana Grasiéli Bueno Mota** e **Italo Franco Ribeiro**. Lá, onde em meio a pedras quase *sem fim*, um pequeno bicho *ardilla* encontrou um alimento, e, desconfiado e rápido, o *rói* entre patinhas que parecem mãos... Lá, junto a um museu onde *calam* arte e nos *calam* o coração e o corpo inteiro, cabelos castanhos seguram uma estátua-pedra de séculos, já não se sabendo se é a *condição humana* que busca, na pedra, uma *eternidade*, ou se é a *condição pedra* a buscar na gente um pouco de Frida...



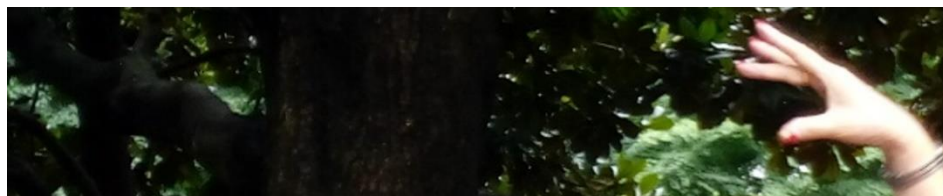
Olhemos bem! *Nos aproximemos bem...* Há um *mapa* que *nos cartografa* de dentro da casa, *olhando-nos* pela janela. Um *mapa* de papel ou um *mapa* de pano, talvez uma estampa em uma toalha pequena, talvez... Ali, com **Claudia Marques Roma**, em andanças entre vidas, histórias e geografias, há muitos outros *mapas*, trilhas para latas de água na cabeça, cápsulas de um *espaço-tempo do medo* mas também uma bola em um dribble em *espaço-tempo de criança*, de uma bola que à noite pode ser guardada e protegida embaixo da cama de um quarto pequeno... Sim, também um quarto, como naquele onde um *mapa* não para de *nos cartografar*... Mas olhando bem, o *mapa* se expande de tal jeito que *se deixa* “a-linhar” com prendedores de roupa, com um pequeno varal torto, com um par de sandálias, com uma blusa vermelha, mas também com uma parede *entre* ripas e barro, enquanto ao lado uma planta ornamenta e segura a parede da casa vizinha...



Não, não titubeemos agora: de uma razão técnica e de uma correlata violência instrumental, de um Canudos nas profundezas do sertão, quantas linhas compõem, expõem, comportam, importam ou mesmo emanam linhas de devir em um rosto, em um único rosto? Quantas? É o que também nos mostra **Thiago Romeu**, de uma lonjura “logo ali”, das superfícies e profundidades do que um dia foi e do que hoje é, como que um nativo a olhar a imensidão de gentes, coisas e lugares perdidas e perdidos... Mas quantas linhas mesmo emanam de um rosto, de um rosto Maria, como das multiplicidades Marias que simultaneamente habitam-se em mundo e nos habitam também? Quantas linhas?...



Onde fica mesmo o *outro lado do mundo*? Talvez não saibamos *onde* fica, mas algumas coisas de *lá* nos chegam pelos olhos de **Alex Dias de Jesus**: arranha-céus a *encostar* no céu; um *Buddha* a *contemplar* uma montanha ou *vice-versamente*; um caminhão para lixo de igual cor aos uniformes de *lixeiros* daqui, do Brasil; uma *imensidão* tão longe e um *paraíso* tão perto; uma *leitura* a se refletir no espelho; camadas de verde e brisa em *horizontalidades* e *verticalidades* a perder de vista; um *soldadinho* imóvel a proteger-se do sol; cadeiras e mesas de uma *biblioteca nacional* para mais de um bilhão de viventes humanos; e uma muralha *sem fim*... E no *meio* do *outro lado do mundo*, também uma mão a *dançar* o vento, ou mesmo dedos a *embalar* um tronco de uma árvore ancestral...



Seria possível falar em *estado de arte* de *ações e omissões deliberadas* do próprio Estado? Talvez... Aqui, o que **Adáuto de Oliveira Souza** apresenta, são *situações geográficas* de um Estado que é sempre para *um* público, um *um* que é vários, um *um* que é tensão, conflito, em *uns* de lutas de classe que não param. No *curso* do Estado, os “re-cursos” estão sempre em disputa... E junto de tudo isso, é como que “pura mania” essa *coisa* de “compromisso com nosso povo”; de pedidos de “sucesso” e “projetos” sempre; de *marcações* de cima e de baixo; de placas enferrujadas; do cheiro de fumaça do lixão; de braquiárias, estradas e rios a perder de vista; de *parcerias* e de *concessões* etc. etc... E então, como uma *síntese* deste país *sem caráter*, *brancos rostos* com suas *brancas roupas* a exigirem – porque *sempre foi assim* – um “fora”, dois “foras”, muitos “foras”, para conservar o que se quer *claro, límpido, transparente*, desde sempre, *branco*...



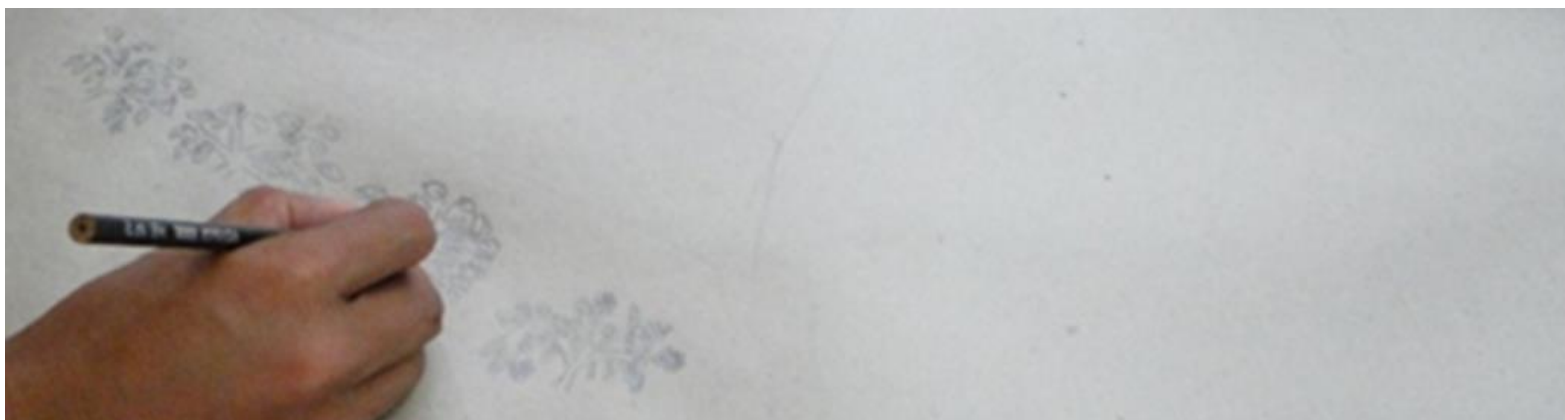
Um mar todo, um oceano todo *puxado* por uma mulher, por uma única mulher, talvez, no máximo, duas... Pequenos postes de fios de eletricidade *segurando* um pequeno *istmo*, enquanto mulheres, crianças e homens *arrastam* uma onda inteira... Onde é isso, onde? Uma praia, em um Moçambique tão distante e de língua igual à da gente, de um português negro e de uma negra África, nas beiradas do Oceano Índico... Uma praia, Macaneta, é isso que **Edvaldo Cesar Moretti** nos faz pisar, andar, molhar pés e corpo inteiro... Corpos gentes, corpos peixes, corpos camarões, corpos eretos com peixinhos embaciados, amarrados, assados, enquanto o mar inteiro é tomado de pontes, carros e gentes brancas, mas que nunca carregarão juntas a pequena canoa, e nunca saberão, talvez, a força de fazer *puxar* um mar inteiro...



Quais imagens mesmo fazemos germinar em nossas pesquisas, em nossos trabalhos, em nossas aulas, em *realidades* e em *imaginários* para fazer *ver* e fazer *fazer* nossos espaços de cada dia, de cada noite, de cada instante? **Charlei Aparecido da Silva** salienta que *a imagem-paisagem é a captura de um fragmento do espaço-tempo*, de “pedaços”, então, que podem se converter na multiplicidade em *texturas, simetrias, estruturas, cores, escolas, gente(s), grafites, localização(ões), cercas, modernidade(s) e ilustração(ões)*... E *vejamos só*: são ali, ainda e apenas, *fragmentos*, daqueles que estão também junto da gente, nos quais pisamos, os quais nos caem sobre, os quais nos atravessam pela fresta, os quais sonham a(à) noite, os quais nos acordam sempre, ou quase... E ali, então, em meio a *tudo*, em meio ao *caos*, uma “síntese” de nossa hegemônica relação com o mundo “anti-diverso”, “anti-múltiplo”, “mono-cultural”: uma árvore solitária nos espia entre o sol do dia que já foi e o olho do geógrafo que parece captar, mesmo que no momento final “do mundo”, ainda uma beleza, mesmo que em meio ao *nada*.



Lá, uma árvore que nos espia... *Aqui*, com **Elaine da Silva Ladeia**, todos os seres e coisas a caminhar com outras coisas, com outros seres. Uma pequena fogueira que faz caminhar o calor e o cheiro de uma fumaça Guarani e Kaiowá... Um grande fogo a assustar e a espantar gentes, coisas e bichos... Um jacaré e uns peixes a embalar a água de um manso rio... Uma pedra vida por onde caminham *musgos*... Um arco-íris a brotar do chão... Um coqueiro a embalar o vento e um caderno de folhas espedaçadas a coçar o chão... Uma manhã calma entre verdes e marrons... Uma paisagem *desenbandando* muitos lápis e uma borracha... E outros caminhos, outras caminhadas... Como um lápis a *guiar* uma mão em um desenho guarani-kaiowá que talvez mesmo nunca precise chegar ao fim...



E, por último, neste *itinerário* de “pequenas coisas”, uma fonte nativa-indígena que talvez, quem sabe, um dia já *se achegou* ou *se achegará* na praia de antes, enquanto *sacia* a sede de uma comunidade Guarani e Kaiowá, ou que banha um rio em outra delas, ou que se mistura a ananás e a cebolinhas, ou que escorre por paredes de lona ou de paus ou de tábuas... Em um ou em outro lugar, **Jones Dari Goettert** tenta *mostrar* que *pequenas coisas* são imprescindíveis para as grandes, para os aconteceres que misturam *miudezas* e banquinhos de sentar à sombra, a sombra de pequenas e grandes árvores com seus próprios *mapas* e com suas próprias *companhias*, como dois pequenos cães a fazer *dormir* a terra arenosa... E, de tudo isso, ou mesmo de nada disso, é ainda, talvez, razoável perceber o quanto pequenos pregos “12x12” *sustentam o mundo*, ali, em companhia de pequenos pedaços de plástico duro a segurar o vento frio e a chuva em noites de um colonialismo que insiste em *penetrar* e *ferir* a terra-tekoha, a terra do bem-viver.



Os textos-ensaios aqui seguem formatações escolhidas autonomamente pelas autoras e pelos autores. Qualquer tentativa de padronização, de nossa parte, seria como que cercar com arame farpado o que *se quer vagar*, “de-vagar”, “vaga-mundeando”. O maior importante, entendemos, é que cada ensaio *se construiu* como *entrada* e *trilha*, justamente para que outras *entradas* e outras *trilhas* possam ser abertas por você.

Boa leitura! Ou *Boas entradas, boas trilhas!*

Em um quase fim de manhã de uma quarta-feira do mês de maio
Dourados – MS, 2023

Jones Dari Goettert

AS R-EXISTÊNCIAS DOS(AS) GERAIZEIROS(AS) NOS CERRADOS BAIANOS: A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

Valney Dias Rigonato

A ideia de r-existência emerge da “observação participante” ao longo do desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa junto às famílias geraizeiras na mesorregião do extremo oeste da Bahia. Os(As) geraizeiros(as) são populações que ocupam, permanecem e reexistem nas áreas dos cerrados baianos desde o século XVIII. Depois do advento da modernização da agricultura, os seus modos de vida se resignificaram, suas territorialidades se expandiram pelos territórios próximos e distantes. Além disso, eles com os seus modos de vida resistiram às perversidades da modernização da agricultura e, principalmente, da sua nova face híbrida vinculando agroenergia e o agronegócio.

Desse modo, os geraizeiros reexistem e (re)habitam as paisagens, os lugares e projetam suas relações socioculturais nos territórios vividos dos cerrados baianos. Diante deste contexto, os geraizeiros são testemunhas da destruição dos cerrados baianos, de forma subalterna à força do capital nacional e internacional. Nesta realidade vivida, há erosão das espécies nativas e dos saberes que compõem a geocologia de saberes, dificultando a r-existência e, por sua vez, a resistência dos geraizeiros neste início do século XXI.

A r-existência na leitura sartreana-existencialista, implica estar submetido às situações espaço-temporais. A r-existência e a (re)habitação dos geraizeiros são suas reafirmações dos territórios como espacialidades vividas e percebidas e, também de autoassimilação e autoidentificação de sua(s) identidade(s) de geraizeiros(as). No plano das práticas espaciais, as suas r-existências se revelam nas lavouras de rego, do agroextrativismo, do artesanato e das práticas espaciais de r-existência e (re)habitação dos geraizeiros nos cerrados baianos.

De modo geral, pode-se afirmar que a estratégia de r-existência dos geraizeiros é assumir, de acordo com a sua trajetória espacial, múltiplas identidades, ressignificando o seu modo de vida com práticas “rurbanas” e, também, da resistência de valores, de práticas interrelacionadas com a natureza. Contudo, a r-existência e a (re)habitação dos geraizeiros são resultados de práticas espaciais que têm resistência subalternizada e que permitem a habitação desses sujeitos locais face às das perversidades do agronegócio e da agroenergia para com os cerrados baianos.

Transição agroecológica dos geraizeiros no vale do rio Guará em São Desidério, BA

Diante desta análise da r-existências dos geraizeiros(as) e da sua geocologia de saberes interrelacionados com as fitofisionomias dos cerrados baianos, principalmente nas veredas, nos vales dos rios e nos terraços, estamos juntos com eles desenvolvendo o projeto “**Quintais Produtivos, Agroecologia e Segurança Alimentar no vale do rio Guará, São Desidério-BA**”, que tem o objetivo de apresentar e divulgar tecnologias sociais e práticas sustentáveis para a produção agroecológica de alimentos, para a recuperação, conservação do solo, e para o tratamento de resíduos sólidos orgânicos em comunidades tradicionais geraizeiras no oeste da Bahia. O financiamento do projeto é do CEPF Cerrado (sigla em inglês para Fundo de Parcerias para Ecossistemas Críticos), fundo internacional administrado no Brasil pelo IEB (Instituto Internacional de Educação do Brasil), localizado em Brasília-DF. A responsabilidade técnica é do **Grupo de Pesquisa e Extensão: Educação Geográfica, Diálogo de Saberes e Cerrado**, da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), e tem parceria com a Fundação Escola Politécnica da Bahia (FEP-BA), responsável pela gestão financeira.

Aqui entendemos, juntos com as famílias geraizeiras, que a transição agroecológica é um processo gradual de r-existência diante do cercamento territorial imposto pela modernização da agricultura nas últimas seis décadas nos cerrados baianos, bem como das lógicas do agronegócio e da agroenergia. Todavia, a transição agroecológica é uma busca de sustentabilidade dos sistemas produtivos, com valorização do modo de vida das comunidades geraizeiras do vale do rio Guará.

Além disso, a troca de saberes e de práticas tradicionais com saberes agroecológicos vêm propiciando a transformação das bases produtivas e socioculturais para recuperar a fertilidade dos solos, a valorização dos produtos do extrativismo, bem como a busca do equilíbrio ecológico do agroecossistema, em consonância com o aprimoramento dos sistemas agroalimentares locais e sustentáveis. Tudo isso, sem perder de vista, em seus territórios vividos, os aspectos naturais, sociais, culturais, políticos e econômicos diante das perversidades do agronegócio e da agroenergia e dos eventos extremos das mudanças climáticas regionais.

Em síntese, a nossa proposta é a de construir uma transição agroecológica com tecnologias sociais e práticas sustentáveis a partir do diálogo de saberes, bem como diversificar a produção agroecológica de alimentos, a recuperação e a conservação do solo e o tratamento de resíduos sólidos orgânicos para as comunidades geraizeiras no município de São Desidério, região do vale do rio Guará, no oeste da Bahia.

Observe a seguir imagens das paisagens que compõem os territórios vividos no vale do rio Guará, em São Desidério, BA (2019 a 2021).

Figura 1 - Tábua de lavar roupa no rio Guará, Comunidade de Larga, São Desidério, BA.



Figura 2 - A forte relação entre as crianças geraizeiras e as águas do rio Guará, BA.



Figura 3 - A lavoura de rego com plantação de feijão no vale do rio Guará, comunidade de Cera, São Desidério, BA. Rigonato, 2020.



Figura 4 - Mutirão de mulheres descascando buriti para fazer polpa, secar e doce para a alimentação das famílias geraizeiras no vale do rio Guará, São Desidério, BA.



Figura 5 - Mutirão para capina do terraço na comunidade de Cera para implementar um quintal produtivo agroecológico, BA. Rigonato, 2020.



Figura 6 - O arado de boi e o trabalho familiar. Ampliação dos quintais produtivos agroecológicos. Comunidade de Larga, São Desidério, BA. Rigonato, 2021.



Figura 7 - Força e a liderança do trabalho feminino. Comunidade de Larga, São Desidério, BA. Rigonato, 2021.



Figura 8 - Placas solares e bomba para irrigação dos quintais produtivos agroecológicos, com instalação adaptada pelas famílias geraizeiras. Rignonato, 2021.



Figura 9 - Tecnologia social: roda de água feita com mangueiras de forma artesanal pelos geraizeiros na comunidade de Larga, São Desidério, BA. Rigonato, 2021.



Figura 10 - Produção de Mudas (mudas) nos quintais produtivos em Ponte de Mateus, São Desidério, BA. Rigonato, 2020.



Figura 11 - Quintais produtivos agroecológicos em Ponte de Mateus, São Desidério, BA. Rignonato, 2020.



Figura 12 - Quintais produtivos em Cera, São Desidério, BA. Rigonato, 2020.



Figura 13 - Oficina de biocosméticos na Associação de Extrativistas Geraizeiros(as) de Ponte de Mateus. Figueiredo, 2021.



Figura 14 - Biocosméticos com essência de barbatimão, Tingui e outras espécies típicas dos cerrados baianos. Figueiredo, 2021.



Figura 15 - As crianças geraizeiras nos quintais produtivos agroecológicos. Comunidade de Cera, São Desidério, BA. Rigonato, 2020.



R-existência: Aqui, mais do que resistência, que significa reagir a uma ação anterior e, assim sempre uma ação reflexa, temos r-existência, é dizer, uma forma de existir, uma determinação matriz de racionalidade que age nas circunstâncias, inclusive reage, a partir de um *topoi*, enfim, de um lugar próprio, tanto geográfico como epistêmico. Na verdade, age entre duas lógicas (Porto-Gonçalves, 2006, p. 165).

Dados do Projeto:

Título do Projeto de Extensão: “Quintais Produtivos, Agroecologia e Segurança Alimentar no vale do rio Guará, São Desidério-BA”. Este projeto é financiado pelo CEPF Cerrado (sigla em inglês para Fundo de Parcerias para Ecossistemas Críticos – CEPF Cerrado Hotspot). O Fundo de Parcerias para Ecossistemas Críticos é uma iniciativa conjunta da Agência Francesa de Desenvolvimento, da Conservação Internacional, União Europeia, da Gestão Global, do Governo do Japão e do Banco Mundial. Uma meta fundamental é garantir que a sociedade civil esteja envolvida com a conservação da biodiversidade. No Brasil, o fundo é administrado pelo RIT Cerrado, e IIEB (Instituto Internacional de Educação do Brasil), com sede em Brasília. A responsabilidade técnica do projeto é do Grupo de Pesquisa Educação Geográfica, Diálogo de Saberes e Cerrado, da Universidade Federal do Oeste da Bahia, com gestão financeira realizada pela Fundação Escola Politécnica da Bahia.

Link de acesso ao projeto:

<http://cepfcerrado.iieb.org.br/projetos/quintais-produtivos-agroecologia-e-seguranca-alimentar-no-vale-do-rio-guara-sao-desiderio-bahia/>

FLORES MIGRANTES

Arnulfo Morínigo Caballero

Nasci em uma pequena comunidade rural no Paraguai, Ysypó, San Miguel, Misiones, próxima à cidade de Encarnación, no extremo sul do país. Falo espanhol, também português... Prefiro pensar – e falar – em guarani.

Moro em Dourados há vários anos. Casei com alguém com nome de flor, Rosa. É brasileira, mas tão à beira do Paraguai, Sanga Puitã (próximo de Ponta Porã), que é instigante discernir nela como que uma tripla condição originária: brasileira, paraguaia, guarani. Talvez a gente possa até pensar em mais outra: uma mulher de fronteira, como Gloria Anzaldúa. Do encontro entre ela e eu veio Amaru, um nome guarani como “síntese” de um encontro da diversidade, com gosto *mestiço* – ou como escreveu a Gloria, *mestizo!*

Em casa, a língua que mais combina com a gente é a guarani. Isso vem da casa de minha família, de um lugar que visito quando posso, para reencontrar pessoas e lugares que deixei.

Há pouco mais de um ano conseguimos, juntando as economias de anos e mais anos, comprar um pequeno lote na zona rural de Dourados. Não, não é nem uma chácara e nem um sítio, muito menos uma fazenda (ainda bem). Mais ou menos mil metros quadrados; o terreno era tomado pela braquiária.

Dias e mais dias, semanas e mais semanas, junto com uma pequena roçadeira e uma enxada, aos poucos, a gramínea para vacas e bois foi dando lugar a outra vegetação, formada, sobretudo, a partir de sementes e mudas que nos eram dadas em comunidades indígenas guarani e kaiowá, que sempre visitamos. Mas também outras sementes e outras mudas eram como que uma “réplica” do que tínhamos em nossas casas da infância, seja eu, de Ysypó, seja Rosa, de Sanga Puitã.

Assim, o espaço antes monocultural tomado de braquiária foi dando lugar à *retomada* de uma diversidade com plantas de todo tipo, desde arbustos (como a guavira) e árvores de grande porte (como o cedro), atualmente difíceis de serem vistos junto a uma terra fartamente populosa de soja, milho e cana de açúcar, sobretudo; farta de tudo, parecia-nos faltar a vida.

A muda de cedro, por exemplo, foi buscada no viveiro da Reserva Indígena Te'yikue, no município de Caarapó. Em nosso novo lugar, ela foi plantada na “época certa”, no início do período das chuvas de 2020, mas com uma coincidência: enquanto a chuva quase não veio, a epidemia da Covid-19 se alastrava sem dó. Curiosamente, com a pandemia restringindo com muita força e mobilidade as visitas, dirigíamos para o lote para fazer ali brotar vidas como a querer “compensar” àquelas que o vírus fazia deixar de existir...

Já os pés de guavira, incrivelmente, começaram a aparecer uns aqui e outros lá, na medida em que a braquiária deixava a vista. Em pouco tempo começaram a aparecer pequenas folhinhas germinando no chão, enquanto a lembrança de nossas vidas de “antigamente” fazia lembrar que aquilo ali era, sim, guavira...

É engraçado que no Brasil – certamente não apenas aqui – a vida precisa de “leis” para continuar vivendo. Ou até melhor: quando a morte faz desaparecer a “coisa”, aí é preciso uma lei como que ainda para lembrar delas...

Em relação ao cedro, como é “madeira de lei”, isto é, “protegida” pelo Estado, mas há muito praticamente foi desaparecendo da vista e da terra.

Uma lei do Mato Grosso do Sul tornou a guavira símbolo do estado... Talvez seja isso: para que algo vire lei ou símbolo é preciso o seu quase total desaparecimento antes, e então leis e símbolos são a nossa “remissão dos pecados” do que um dia povoou estas terras... que, no fundo, são paraguaias, tiradas de nós com aquela triste guerra... Mas se vocês, brasileiros, discordarem de mim, pelo menos haveremos de concordar que ainda são – e sempre serão – guarani...

Sei que aqui ainda muita gente gosta e até, quando encontra, come guavira, com sentimentos de pertença à terra, tanto da gente quanto da guavira... Da minha terra trago também seu gosto *paraguaio* e *guarani*, e quando a como é inevitável que todo um “outro mundo” instantânea e afetuosamente se mistura em mim...

E também, nesses instantes, junto à correnteza de sabor-memória do qual sou esposado, uma música me atravessa como um *canto* de saudades grudado a um *canto* de esperança, de uma espera seja por novas folhinhas brotando no chão, ou de flores a cada primavera, naquelas que já nos são, agora, de companhia. A música, o *canto*, nem é uma lei e nem um símbolo estatal, pois que o sentimento “humano-planta” que sinto é maior que toda burocracia dos Estados brasileiro e paraguaio – e todos os outros–, porque nenhum deles é capaz de abarcar a espontaneidade de um povo, de uma gente, que por terras *sem fronteiras* se amigam do bem-viver.

Guavira Poty, essa música-*canto* que me acompanha como uma semente que sempre quer se achegar ao chão, é uma *flor* que nunca morre, às vezes um pouco solitária (imagem 1) e, em outras, quase todas as outras, em companhia, em muita companhia (imagem 2). Porque, afinal, é de uma companhia que o *canto* quer, que o *canto* busca, que o *canto* canta... (Por favor, vá até o “YouTube” e *plante* ali “Guavira Poty – Francisco Russo” e *cante*, e *sinta* comigo...).

Guavira Poty

*Che mbarakámi asyete nde píva
Reikuaapaitéva che mba 'e mbyasy
Aropurahéita ku ahayhuetéva
Mombyry opytáva Guavira Poty.*

*Timbo jero 'a tape ári oáva
Upépe vaicha osé oñembo 'y
Che kamba porã ijao húmíva
Ryakuã porãiteva Guavira Poty.*

*Caballero pueblo che pepo mopéva
Ikatuve ÿva nde hegui aveve
Mitã tyre ÿicha chembopadecéva
Ahechave ÿre ku Zabala Cué.*

*Ko 'íte ko 'íte rohechaga 'úva
Al meno ko 'ága oikéma ro 'y
Eju che kamba che mongéra irúva
Ani ne ñaña Guavira Poty.*

*Aníke ere mombyry aimére
Péva ja ohoitéma ndouvéi haguá
Ani repena ko yvy apére
Ndaipóri kuña rekoviará.*

*Che mbarakami asyete nde píva
Emokãna chéve ko che resay
Topi chehegui mba 'asy añandúva
Ahechaga 'úgui Guavira Poty.*

Sim, sei que muitas e muitos de vocês, que não falam guarani, já estão a perguntar: “O que o *canto* diz?” Mesmo sabendo que sentiram comigo a música-*canto*, mesmo que a letra seja ainda uma alusão junto do sentimento, segue uma tradução:

Flor de guavira

Violão meu que sonhas tão triste / Tu sabes minha dor, todo meu sofrer / Hoje vou cantar a quem quero tanto / E que está muito longe, flor de guavira. // Teus galhos que adornam o velho caminho / Me trazem lembranças que me fazem sofrer / E pareço vê-la vestida de preto / Beijando sua boca, flor de guavira. // Povo Caballero cortou minhas asas / E desde então não posso voltar / Triste como um filho longe de seu ninho / Quero ver meu rancho no antigo Zavala. // Quanto mais longe, mais sonho te ver / Chega o inverno, que se adona de mim Vem minha morena, minha doce companheira / Não seja tão mal, flor de guavira. // Não penses, minha amada, porque estou muito longe / Que eu já fui para não mais voltar / Não tenhas temores que sobre a terra / Não há de substituir-te nenhuma mulher. // Violão meu que sonhas tão triste / Escuto teu “acento” que pena / Por isso meu canto sussurra o nome / De quem está longe, flor de Guavira.

Agora, no meu *canto*, no nosso *canto*, a solidão é distante, porque convivo com Rosa, com Amaru, e com uma multiplicidade de flores de guavira junto a outras tantas flores. Em cada amanhecer elas estão ali, olhando-nos com intensidade e desejando-nos “bom dia” e “bom lugar”.

1



2



3











8





















Fonte das imagens: de pequeno terreno onde, desde início de 2020, saiu a braquiária e, então, começaram a brotar outras plantas, árvores e muitas, muitas flores. Dourados, MS, 2021.

MOVIMENTOS QUE ATRAVESSAM TERRITÓRIOS

Denise Cristina Bomtempo

Movimento: Ir. Caminhar. Sair. Estranhar. Ficar. Esperar. Prolongar. Partir. Descobrir. Continuar. Revelar. Adiar. Retornar. Separar. Chegar. Cuidar. Juntar espaço-tempo-pessoas-corações-pertencimentos. Na luta, construir territórios atravessados.

Este texto, estruturado enquanto relato de experiências, corresponde ao período vivido durante o estágio pós-doutoral realizado *no l'Institut de Géographie da Université Paris I Sorbonne* (2019 - 2021).

Há dois anos a chegada parece hoje. Chuva fina, frio, céu nublado, folhas secas, cores de aquarela, cores de outono – amarelo, laranja, vermelho, marrom e o verde persistente- resistente. Mala cheia, mochila nas costas, o carrinho, o menino. O menino, criança que 17 horas depois do balançado do trem e do paralelepípedo, continua a dormir. No caminho, a vontade de **chegar**. Na chegada, o respiro na contradição do alívio e do estranhamento. Paredes cinzas, aquecidas, protegidas – protetoras. É chegada a hora de **começar, continuar, estranhar, cuidar, descobrir, revelar, construir e pertencer**.

Figura 1 - *Cité Universitaire*. Paris, outubro de 2021. Denise Bomtempo. Primeiro trajeto realizado da entrada principal da *Cité* até a nossa residência.



O menino acordou. Mãe, a gente já chegou no 9? Cadê o pai? Querido, aqui não é o 9, mas o 6. O papai chega já! Ele está trazendo nossas roupas. Veja, a mala de brinquedos está aqui. Nossa, essas janelas são grandes! Podemos ver a cidade! Posso deitar no banco? Quantos carros! Essa casa é redonda e de fitas! Mãe, porque as folhas caíram? Escureceu. O que é aquilo ali brilhando? Tem uma luz que roda. É um farol? A cidade tem muita luz. Mãe, tô com sono. O pai chegou! Olha pai a luz que roda! Vamos para o 9... Nós vamos *continuar* nosso projeto, *descobrir* no 6 e, depois, *retornar* para o 9.

Figura 2 - Residência *Julie-Victoire Daubié/Cité Universitaire*, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



Tinha um vírus no meio do caminho. No meio do caminho tem um vírus e um verme. Com eles descobrimos o que é a incerteza da existência, a normatização da vida, a esperança, as **redes** e as **resistências** múltiplas. Descobrimos novas metodologias de investigação e que elas não devem estar separadas da vida. Entendemos, na tentativa de explicar, o significado do **adiar, esperar, prolongar, transferir** e **continuar**. Ao continuar, construir **pertencimentos**.

Figura 3 - *Fondation. Deutsch De La Meurthe. Cité Universitaire. Paris*, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



Mãe e Pai, qual o projeto que Vocês fazem? Vocês trabalham onde? Não podemos fazer a pesquisa no 6? Aqui não consigo ver as luzes da cidade, os carros e também não vejo a luz do farol. Você tem razão, mas aqui moramos num castelo e Você tem um quarto. Vamos **ficar** aqui? O tempo afastado e prolongado permite com que, no trânsito, possamos regar relações já estabelecidas e também constituir outras. A *Cité Universitaire* enquanto um **lugar** de acolhimento transitório, na pandemia da Covid-19, ampliou seu papel e se tornou lugar de moradia, de trabalho, de lazer, de segurança, de defesa, de compartilhamento e de recriação de **existências** e **experiências**. **Lugar – mundo**, aqui as **redes**, as **multiescalaridades**, as **sonoridades** e o **afeto** são atributos que fazem sentido na nossa **travessia**.

Figura 4 - *Fondation. Deutsch De La Meurthe. Bâtiment Pierre et Marie Curie. Cité Universitaire. Paris*, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



Lock-down, fechamento de fronteiras, *gestes barrières*, trabalho remoto, seminário *on line*, *link*, pcr, teste salivar, máscara, álcool, distanciamento social, afrouxamento das regras, caso contato, *les grandes vacances!* Ufa, pode tirar a máscara no parque? Vacinação, *passé sanitaire*, normas para encontros sociais, retorno parcial às atividades sociais, rodízio de rotinas presenciais no trabalho. A cidade, enquanto lugar/mundo, de e (re) sistência, respira com proteção e atividades são retomadas. Reparação do prédio vizinho. Estamos cercados! *Bonjour Madame, pourriez-vous rechofer mon repas, sil-vous-plâit? Bonjour Monsieur, vous êtes de quelle nationalité?* Ao ficar, a migração cruza corpos, mentes e sentidos.

Figura 5 - *Fondation. Deutsch De La Meurthe. Bâtiment Pierre et Marie Curie. Cité Universitaire. Paris*, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



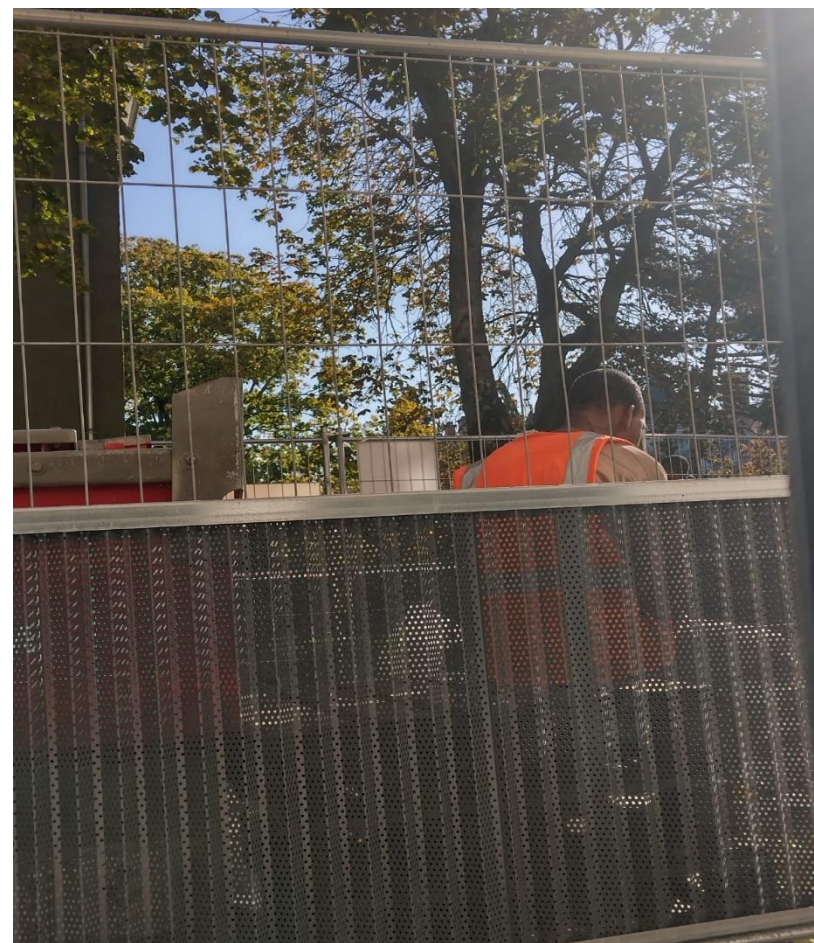
Língua, linguagens, sons e gestos, sentimentos, olhares, cheiros, cor, temperos, desejos... 13 horas, *c'est parti, on va manger!* O barulho diminui e o som se qualifica. Na janela aberta a sonoridade do oriente do século XXI – a China. Na janela onde em frente tem duas rodas que estão no chão, o silêncio da língua do outro extremo dos BRIC's. O silêncio da “língua brasileira” escuta a voz de quem logo chegará. Os instrumentos de trabalho se transmutam em espaços de repouso, de sossego, de cruzamento de fronteiras e de emoções. Um banco surge e com ele um corpo.

Figura 6 - *Fondation. Deutsch De La Meurthe. Bâtiment Pierre et Marie Curie. Canteiro de obras para reparação do Bâtiment Gérard. Cité Universitaire. Paris, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.*



O sol brilha. O pedaço de concreto se transforma em banco que acolhe o corpo negro. O canteiro de obras é o lugar do pertencer no *movimento*. A *rede técnica imaterial* conecta vidas e sonhos. O silêncio do outro lado da janela observa e escuta a sonoridade da língua, o riso, a alegria do estar-ser distante, a necessidade, as trocas, as emoções. A bolinha vermelha com o símbolo branco no meio é acionada. A origem foi congelada, a existência pausada. A sonoridade da língua se transforma, a língua do trabalho retorna. *Oui, il faut aller!*

Figura 7 - *Fondation Deutsch De La Meurthe. Bâtiment Pierre et Marie Curie.*
Trabalhador (em horário de almoço) do canteiro de obras para
reparação do *Bâtiment Gérard. Cité Universitaire. Paris*, outubro de 2021.
Foto: Denise Bomtempo.



Ao atravessar a rua, a cidade real aparece e com ela a contradição aparente na paisagem construída. No belo paisagístico monumental os ratos estão presentes. Os gatos do *Maus* também estão, eles não desaparecem. Desculpa aos ratos e aos gatos, mas os nazistas não devem fazer parte da nossa existência. Extinção da espécie, por favor!

Figura 8 - *Parc Montsouris 14ème arrondissement de Paris*, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



É uma casa engraçada?. Tem um teto, que tem tudo. É possível fazer pipi e dormir na cama. Ela é recheada de sonhos, então a sua construção é um ato de esperança. A tentativa de permanecer é uma resistência. Retornar, pra onde? A bomba caiu, a casa se foi. Ainda consegui trazer os brinquedos. Ganhei toalhas, um armário, um globo. Ganhei o mundo, ganhei Você! Olhem para minha casa e olhem para mim! É *logement social* que fala? *Moi, je suis sans papier et sans domicile fixe*, mais, *moi*? Eu vim para ficar!

Figura 9 - *Rue d'Alesia, 14ème arrondissement de Paris*, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



Fila, feira, troca, fica! Cheguei com sol e saí com chuva. Você quer ir mesmo? Pega o metrô linha 4 e depois linha 7. Mas, faz atenção, lá não é como aqui. Você desce, atravessa a avenida, sobe a rampa, e passa por uma passarela e lá estaremos nós. Tem a distribuição e o *repas chaud*. Tem também curso de línguas. Quer um pedaço de chocolate? Tem também calor, frustrações, (des) encontros, refúgio, desigualdades, cooperação, partilha, conflito. Tem *Resto et Coeur!*

Figura 10 - *Avenue de la Porte de la Vilette, 19ème arrondissement de Paris*, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



Você vai, faz o cadastro, leva a ficha, o carrinho, a sacola, o sorriso *et le coeur* para o resto. Sim, fica na *Cité U*. Lá você vai encontrar todo mundo – latino com certeza! Língua portuguesa – brasileira, *los hermanos, nosotros* – sem bolsa e sem diária. Zig-zag, flutuação da moeda, impactados pela Covid-19, eu falo assim? Não, é desvalorização mesmo! Política da morte: da vida – da ciência. Resistência, resistentes e de mãos dadas. *Bella Ciao* – ele nunca e jamais!

Figura 11 - Prédio da *Cité Internationale*, fila de estudantes e pesquisadores em situação de vulnerabilidade para distribuição semanal de alimentos feita pela Associação *Les Restos du Coeur*. *Cité Universitaire*. Paris, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



Eu te espero às 16h20min na *Pelouse* do Triângulo. *Foret Amazonienne et magique*. *On va fait un true! On va fait une Maison?* Piratas, monstros, princesas, cavaleiros, ninjas, animais e tudo o que a gente quiser. Não tira a grama porque ela está viva. Quero fazer pipi – *va à la nature!* Cuidado, o guarda se aproxima. O parque vai fechar!!!

Figura 12 - *Parc Montsouris 14ème arrondissement de Paris*, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



On fait ensemble! Põe o pé aqui, passa a perna por ali e pronto, é assim! Vamos juntos! *L'aire de jeux du Parc Montsourris* - lugar de passagem, parada, troca, conflito, encontro, reconciliação, competitividade e cooperação. Com potencial **situação geográfica**, a *l'aire de jeux* se posiciona entre o parque de areia e o carrossel. Para voltar ou continuar o trajeto, não tem jeito, é preciso parar, curtir, observar, contemplar, participar. Oh não, perdi a cabeça do meu cavalo. Não tem problema, ele vai virar a mula sem cabeça. Você conhece essa lenda? Vem lá do Brasil, eu vou te ensinar!

Figura 13 - *Parc Montsourris 14ème arrondissement de Paris*, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



Vamos organizar o som aqui! Bora afinar! Vou andar para procurar um lugar bacana. Vai ser ali perto do tronco. Fechado! Hoje vamos na *pelouse*. Hoje a *meteo* indica chuva, e agora? Vamos fazer no peloti do Brasil – da *Maison*, *ça va*? Nossa, aqui parece uma *street* capoeira! Não posso ficar nem mais um minuto... aqui. Norma – **terra**. Conflito – **território**. Resistência: movimento, ginga, esquiva! Alô? Quiosque: **territorialidade** – do corpo, da alma, da vida. *Alo, va enpezar la capoeira!* Capoeira Angola, hehe, Capoeira Angola, iaiá. Madame, *pardon!* *Ça c'est qua?* *Dans mon pays (Martinique) s'appelle _____ et l'abas il faut separe les filles et les garçons. Et aussi il faut bien faire la musique. Mais, super! Allonz-y faire ensemble!* É o A, é o B, é o C, oieie... quero aprender – oie o abc, oiáia!!! Terra, território, territorialidades, capoeira - *il faut continuer* iaiá!

Figura 14 - *Parc Montsouris 14ème arrondissement de Paris*, outubro de 2021. Grupo de Capoeira Infantil. Foto: Denise Bomtempo.



Não parem a música! Brasil – Brasília, Fortaleza, Juazeiro do Norte, Maceió, Botucatu, São Carlos, Florianópolis, Ponta Grossa, Rio de Janeiro. Itália - Puglia, Pinerolo. França, Estados Unidos, México, Hungria. Centralidade – mundo – 14 Arrondissement de Paris. Corpos atravessados. Sim, vamos nos encontrar uma vez por ano, pelo menos. Sucesso!

Figura 15 - *Parc Montsouris 14ème arrondissement de Paris*, outubro de 2021. Grupo de Capoeira Infantil. Foto: Denise Bomtempo.



Um dia, um **território** vigiado e uma **territorialidade** - móvel. Mãe, quero maiz choux! Bonjour! Pardon, est que je peux faire une photo monsieur? Non, c'est interdit Madame. Mais, non. Non est non!

Figura 16 - Gare RER 14ème arrondissement de Paris, Outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



O **retorno** do ir e vim para **permanecer**. Nós vamos dia 12, dia, 4, dia 9, dia 14... Sim, vamos nos encontrar uma vez por ano, pelo menos. Mas, quem vai ficar? Não, ele vai morar no 10, que fica em cima do 9. Metamorfoses – Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais. Sucesso!

Figura 17 - *Parc Montsouris 14ème arrondissement de Paris*, outubro de 2021. Foto: Denise Bomtempo.



O PULSAR DO PULSO QUE AINDA PULSA EM TRILHAS DE VIDA

Midiane Scarabeli Alves Coelho da Silva

No cimento/casa (imagem 1) ocorrem as colmeias de atividades que pulsam através das entradas e saídas de vidas em trilhas, no qual os seres em vicências se mantêm em ligações de movimentos e crescimentos. É salutar sentir o cinza do cimento e as texturas de ranhuras que se multiplicam com as fissuras das frestas de madeira da árvore. Assim, encontra-se a casa de morada entre o cinza do cimento e a madeira. O entre, o cimento e a árvore ainda pulsam.

Estar vivo é também considerar as imagens em escalas de rizomas. Nesse sentido, observe que há linhas de vidas na cordilheira dos Andes (imagem 2) que ultrapassam as caixas das dimensões, proporções e formatos pré-determinados. Assim, o entrever da janela do avião é ultrapassado, o florescer de linhas das civilizações pré-colombianas dos Andes, dos incas, dos povos atacama, araucano e chimú. A imagem pulsa em escalas de rizomas que ocorrem de modo possessual e relacional. Observe as linhas de trilhas da imagem que são potencializadas de vidas em atravessamentos e que ocorrem em múltiplas direções, entrelaços de saídas, entradas, sobrevoos, de veias terrestres, ramais de laços e nós de nossas próprias relações.

Dos postes de energia à terra em São Thomé das Letras – MG (imagem 3), o céu nublado que tocará com gotículas de chuva as flores de plástico e buquês de rosas, dos santos de muitos, das janelas que movem mistérios e da ausência de seres deambulando, a Câmara Municipal que nos atravessa de histórias e rememora os indígenas caraguases que habitaram essa região. Assim, outros caminhos espalham os ramos e as direções de linhas

e de nós que crescem e pulsam caminhos e trajetórias. Destarte, da antena da rádio até os quartzos e cristais que compõem a sociedade alternativa idealizada, os telhados, as casas e capelas de São Thomé. Estar vivo é mobilizar a observação de estrelas a partir da pirâmide de rochas, da perambulação das águas das cachoeiras da Lua, Antares, poço Verde e os situantes contos e causos de gentes sobre a gruta do carimbado que talvez faz ligação do município de São Thomé das Letras até Machu Picchu na cordilheira dos Andes.

Por conseguinte, observe os nós e densidades de afetos que pulsam nos batuques, nas danças e cantos (imagens 4 e 5) que habitam no mundo de malhas em trilhas de ancestralidades e em nós também com o devir tempo. Desse modo, é significativo mencionar que durante a madrugada os ternos de congado se direcionam às casas de encontros em diferentes bairros de Ituiutaba - MG. Assim, é servido o café da manhã e as linhas vitais das apresentações são orquestradas pela última vez antes da festa ser iniciada. Dessa maneira, às 5h da madrugada, gentes, Reis, Rainhas, Conguinhos, Guerreiros, as caixas, os pandeiros, as sanfonas, os reco-recos, as cuícas, os cachimbos, os cachorros na rua, o nascer do sol, os recortes e colagens das vestimentas, o azul, verde, branco, rosa, os chapéus, os turbantes, as bandeiras, os apitos, as gungas, os bastões, as bandeiras, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, o congar, os congos a cantar, a emoção intensa, o arrepio na pele e entre outras pulsões de vida que peregrinam em movimentos de histórias, de linhas e densidades de laços em malhas de trilhas de vida.

Sendo assim, observe a importância de uma geografia das costuras de texturas, das formas, dos sabores, das variações e intensidades de cores, da escuta e dos cheiros; dos primeiros, segundos, terceiros e conseguintes planos de enquadramentos para ver e entrever além dos planos fechados. As coisas tangíveis e intangíveis que precisamos considerar em nossas malhas de vida. Peregrinar ao mapear, desejar, tatear, viajar pelos meandros potenciais de fugas e efervecências dos sentidos. Ademais, reflitamos sobre os sentidos espaciais (imagem 6).

Para tanto, a imagem 7 evidencia uma das serras de Minas Gerais. Após andejar os percursos para o alcance do maior pico de Belo Horizonte - MG é possível avistar a serra do Curral devastada pela mineração, as linhas e nós de vidas em diferentes densidades nos mares de morros e de outras serras em planos e contraplanos de existências. Por outro ângulo, há a serra do Curral (imagem 8) em linhas de costuras com o Aglomerado da Serra,

no qual aparentemente ainda apresenta as características de serra e não de um conjunto de curvas de nível inautêntico, uma estrutura desagregada e atacadada por concretos. Mas, ainda assim, os processos relacionais movimentam para a existência de uma serra de fachada inexata.

Em peregrinação é possível fazer entrelaços de histórias e verificar o pulsar do pulso que ainda pulsa com as memórias. A partir disso, considero válido dizer que é inédito o compartilhamento desta imagem de Bento Gonçalves – MG (imagem 9), que inclusive faz parte de uma intensa sequência de imagens que compõem as ocorrências do crime sócioambiental decorrido. Neste sentido, quando realizei as pegadas em lama, perpasssei nos destroços de televisões, colchões, lençóis, brinquedos, portões, telhados, vidraças, bares, casas, igrejas, mesa de sinuca, jardins enlameados, árvores frutíferas tombadas com a força do crime, vidas e tantos outros significados potenciais de outrem e que também nos atingem. Com isso, não consegui explodir as imagens em outras direções. E, assim, permaneceram fechadas em mente e drive de computador desde o início do ano de 2016. Portanto, faço aqui a pequena exibição de forma respeitosa para aqueles e aquelas que os seus pontos de encontros foram rompidos, contidos, barrados e sufocados em múltiplos sentidos. Talvez, Drummond, nascido entre os ferros de Itabira conseguiria mensurar essas trilhas de sentimentos do mundo e para o mundo. Quiçá esse trecho poderia processar as trajetórias da lama, das pessoas, das pedras e potências vitais:

[...]
Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados

ao amanhecer
esse amanhecer
mais noite que a noite.⁵

⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 3.

Ainda assim, a insubmissão da unicidade está em entrever a televisão caída ao chão com a tela em direção para as nuvens e ambas em contraplanos de escalas de cinzas; notar o “pé” torto da mesa de sinuca apoiado em outra mesa, sendo componetes de dentro e fora da lama que está no cômodo e em todas as direções. Dessarte, a placa verde e branca sinaliza uma direção específica para os sujeitos correrem, caso outra barragem seja rompida. O socorro foi/é correr. Correr e passar pela placa verde que se parece com o verde entrelaçado visualmente com as ruínas da casa. E os outros tons de verde que se parecem como arranjos de plantas em composição aos fragmentos degradados. Com isso, a refrega em trilhar explode com sentidos diversos e atravessa o inegável aparente, possibilitando a crítica das ocorrências processuais e relacionais dos movimentos.

Ao mencionar anteriormente a respeito das existências contidas, coibidas, reprimidas, controladas e sufocadas em multiplicidades, notemos os processos relacionais de existências e resistências indígenas (imagem 10). Onde está a terra vermelha para encontrar-se e também perder-se? Outrora achar-se? Para condensar histórias e manter-se vivo, se misturando e modificando. Onde habitar? Os territórios originários escoaram-se para onde? Neste sentido, entreveja que os agrotóxicos transladam sobre as terras consumidas, nas peles, nos rostos e cabelos, na repressão e nos pulsos erguidos de luta. Estão no Planalto, em bancadas políticas, nos Tekoha e nos ataques contra as aldeias. Estão também, por exemplo, nos Guarani e Kaiowá do Tekoha Avaeté, nos corpos de crianças e líderes indígenas. Na dor, revolta e sofrimento. Nos corpos, organismos e seguramente nas comidas. Portanto, pulsar, refregar e costurar em trilhas de malhas da demarcação de terras indígenas é também estar vivo para o mundo e no mundo.

Em nexos, o duelo de MC's, o Hip Hop, o Rap, a poesia, os saraus, danças, os sambas, pixo e grafite (imagem 11) ocorrem em contínuo movimento no qual a vida é vivida nas linhas e potências de vida no viaduto Santa Tereza. Sendo assim, há os caminhos, movimentos e entrelaços. Contudo, no contexto de pandemia da Covid-19 e negacionismos em várias camadas, é possível notar que decorrem situações restritivas de deslocamentos, difusões e ampliações da arte marginal. Portanto, considere o negacionismo que perpassa na ciência, com os pesquisadores, professores, da Terra e das vidas em trilhas. É importante evidenciarmos que há coibição do decurso das linhas e nós de atividades em costuras em malhas. E, assim, refregar nessas ocorrências é estar vivo e pulsar em trilhas de vidas e em nossas próprias relações. Outrora, em outra costura, na praça Sete de Setembro (imagem 12) as exposições de trabalhos de artesanato, os pipoqueiros, engraxates, músicos, bancas de revista, comidas de rua e restaurantes constituem

o desejo, as pulsões e as intensidades dos colares, das pulseiras, dreads, do violão, das luzes, da imensidão do céu como entrelaço ao ponto de luz do obelisco e a resistência pelo direito dessas relações em multiplicidades de movimentos, nós e laços em caminhos. Com isso, fica evidente as existências dessa Praça e como as vidas importam neste sentido da arte também.

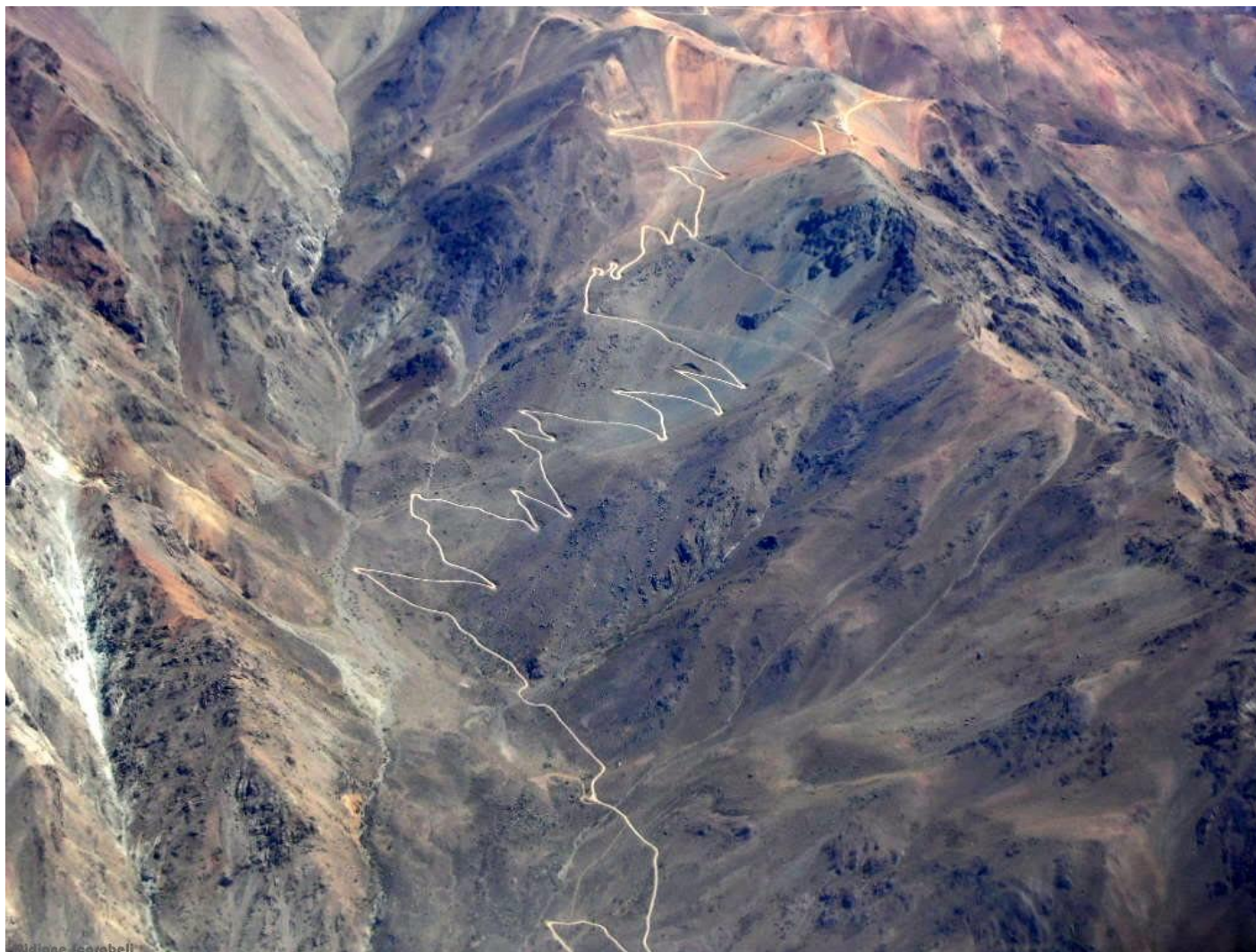
Em outras direções, relato que há alguns anos os sons se intercalavam entre a máquina de costura (imagem 13) e os cantos das cigarras. As tardes de primavera e a boa sensação de tentar erroneamente encapar cadernos e livros que usava na escola. Abrir o plástico sobre a mesa, conferir as medidas, fazer um corte na parte central do plástico de modo que se encaixe no livro e realizar as dobras semelhante ao meio embrulho de presente. Tudo organizado para errar. Mas a tarde estava muito ensolarada e gostosa com todos aqueles sons que me atingiam. Assim, o ônibus amarelo ao lado da máquina de costura me despertava novamente para conferir pela enésima vez os destinos possíveis para trilhar em pensamento. No ônibus havia uma espécie de parafuso vermelho para girar o chumaço de papel enrolado com os nomes das cidades de Juiz de Fora - MG, Rio de Janeiro - RJ, São Paulo - SP e Ipatinga - MG. Assim, realizava a escolha do meu destino para transver malhas lúdicas de vidas. E por muitas vezes os sons da máquina de costura me confundiram nas estradas de asfalto que atravessava em fantasia sentido à São Paulo, Rio de Janeiro e Juiz de Fora. Isto porque os sons, as visões, os cheiros, os gostos e os contatos já experienciados em viagens de trem Vitória-Minas enlaçavam-me nas memórias e pulsões de histórias vividas. Sendo assim, habitam em mim os sons dos trens puxando os vagões, dos sinos, dos longos apitos, dos motores, buzinas e ruídos perpassados nos trilhos de ferro durante o percurso de Belo Horizonte até leste de Minas Gerais, mais especificamente em Governador Valadares. Inclusive, Ipatinga faz parte deste emaranhado de nós de intensidades que urge em atravessamentos em percursos.

A partir disso, as idas e vindas se multiplicam em caminhos potenciais de linhas e nós entrelaçados e densidades atreladas. Mas o que almejo dizer também é que essas breves histórias escritas neste ensaio estão interligadas em pulsões de vida. E eu também habito nelas. Até mesmo nas fantasias em viagens de criança e cada história memorada. Hoje, durante a tarde desta primavera em meados de outubro de 2021 foi possível ouvir os sons de outras cigarras, contudo, neste instante, não escuto a máquina de costura e não tenho o ônibus amarelo. Porém, o pulsar do pulso ainda pulsa em trilhas de multiplicidades e em peregrinações de costuras neste mundo. Estar vivo, é, portanto, estar em pulsões de peregrinações em malhas de vidas.

1



2



3







6















13



Neste ensaio há a citação de um trecho específico escrito por Carlos Drummond de Andrade. Além disso, é válido informar sobre as inspirações que ocorrem através das leituras de obras variadas dos autores Tim Ingold, Gilles Deleuze e Félix Guattari, e pelas andanças atravessadas de linhas e nós.

Fonte das imagens: As fotografias foram realizadas pela autora em diferentes locais e anos, sendo a imagem 1 captada na Praça da Liberdade em Belo Horizonte – MG; a imagem 2 foi fotografada na Cordilheira dos Andes durante o percurso de viagem entre Belo Horizonte - MG e Chile; o cemitério do município de São Thomé das Letras em MG (imagem 3); as imagens 4 e 5 foram feitas durante a festa do Congado nas ruas de Ituiutaba – MG; na Praça principal do município de Açucena – MG (imagem 6); durante a trilha até o Pico de Belo Horizonte – MG (imagem 7); em trabalho de campo no Aglomerado da Serra em BH - MG (imagem 8); em Bento Gonçalves – MG, após alguns meses da ocorrência do crime socioambiental – rompimento da barragem em Mariana provocado pela companhia Vale (imagem 9); em participação da manifestação de rua em Dourados – MS (imagem 10); na apresentação de duelos de MC's no viaduto Santa Tereza em BH - MG (imagem 11); em andanças na Praça Sete em BH – MG (imagem 12) e na casa dos meus pais em BH – MG (imagem 13).

A ESCOLA *NO/DO* CAMPO COMO ESPAÇO DE REPRODUÇÃO E RESISTÊNCIA: ASPECTOS VISUAIS DE VIVÊNCIAS PROPORCIONADAS PELO PROGRAMA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)/GEOGRAFIA/UFGD⁶

Silvana de Abreu

Amanhecer... (Foto 1), sob um dia qualquer de um novembro em 2014, ou mesmo 2015, sob esperança de um futuro melhor... a chegada na escola (Foto 2), os portões abertos recebem estudantes e trabalhadores. As edificações “escolares” e a certeza de terra e educação diferenciada, ainda que não para todos... foi, é e será sempre uma conquista, haja vista que sempre está em construção, sob movimentos de avanços, desmontes... avanços... recuos... processos! Para quem quer ser professor/professora de Geografia, conhecer tal “vivência”⁷ pode ser um despertar.

A vasta literatura (e não apenas geográfica) tem apontado que a industrialização, no domínio dos processos de produção e da existência dos sujeitos, impôs um modo de viver adensado que se personifica na cidade como *locus* da vida moderna, concentradora da técnica científica produzida, e expressão do sentido mais pleno da vida sob o domínio da industrialização *da/na* nossa vida. Do outro lado da mesma moeda, na contraposição, a vida

⁶ Texto elaborado a partir de experiências desenvolvidas por meio do PIBID Geografia, em 2014 e 2015, em escolas do campo de Mato Grosso do Sul. As fotos foram tiradas em visitas realizadas em assentamentos de Itaquiraí e Ponta Porã.

⁷ O Projeto PIBID/Geografia da UFGD tinha entre seus objetivos proporcionar formação a partir do conhecimento de experiências escolares diferenciadas.

rural e o campesinato se configuraram, portanto, como atraso e subalternidade diante da bucólica condição rural estereotipada no Brasil e que consolidou o imaginário do “Jeca Tatu”, personagem ignorante, atrasado, sujo e pobre, criado por Monteiro Lobato, como imagem com a qual os sujeitos daquele lugar eram identificados. A solução “apresentada” pela sociedade “moderna” foi o êxodo rural e a vida na cidade.

Ainda que os romances, novelas e jornalismo da “Rede Globo” e outras menos expressivas emissoras de televisão (e a imprensa em geral), no Brasil, não se cansam de marcar esses sujeitos campesinos como atrasados, simplórios, deslocados, deselegantes, entre outros predicativos, o fato é que sair do campo, historicamente, nunca foi uma condição de opção, mas de expropriação dos pequenos produtores e/ou trabalhadores rurais de seus lugares e trabalho. Viver e produzir sob o ritmo de uma sociedade monopolista industrializada significou crescente implementação da técnica e da tecnologia na produção rural, controle de produção e dos produtores, conhecimento, mecanização e redução dos postos de trabalho, levando o Brasil a se transformar em um país urbanizado na segunda metade do século XX, e de desigualdade acentuada e concentrada nas “bordas” das cidades, que se ampliavam para o pobre vindo da “roça”, cuja experiência da fome e pobreza extrema o campo não permitia pela possibilidade de se plantar/colher algo que comer. É na cidade que a fome é extrema, assim como as oportunidades são apenas sonhos.

Dessa forma, no auge da sua contraditória organização concentradora e urbana, a pobreza da vida na cidade, o desemprego em meio às lutas de classes e o aprofundamento da exploração do trabalho, levaram movimentos de trabalhadores a se voltarem para a retomada do campo, enquanto espaço de produção da vida. Tais movimentos sociais se forjaram na luta pela terra, assim como pela educação para seus filhos e filhas.

Nesse tempo da contradição, que não é nem um pouco curto nem finito, os movimentos de trabalhadores sem terra conquistaram já alguma terra e também a escola, que já pode ser *no campo* e/ou *do campo*. E as escolhas (não opcionais), que nem sempre se adequam aos sonhos sonhados coletivamente pelos movimentos de trabalhadores sem terra, em Mato Grosso do Sul, no Brasil, na América Latina, são passíveis de serem “reclamados”, enquanto cidadania em construção.

Nada lhes é ou foi dado como um presente, nada é completo, sempre há algo que “falta” e precisa ser reivindicado... As paredes das salas, algumas são de alvenaria, outras são de tábuas, tem laboratórios de informática, mas nem todos os computadores funcionam, não tem técnico de laboratório efetivo... tem professores, mas não há concursados para educação do campo, e assim caminha-se pela escola pública e gratuita *do/no* campo, nem sempre diferenciada ou resistente... (fotos 3 e 4).

Políticas educacionais específicas para os menos abastados do campo (quase sempre limitadas à liberação de ônibus escolar) materializam-se em alguns equipamentos obsoletos, ônibus velho de pintura desgastada e mal cuidados..., certamente porque entre tantas demandas que uma sociedade desigual opera no cotidiano dos sujeitos dominados, o direito de chegar a escola por um transporte é bem valorizado..., ainda, que muitas vezes, as condições em tempos de chuva possam ser impedimentos de acesso ao conhecimento. A estrada de chão batido e duro, destinadas aos (e para) povos do campo, podem se tornar correnteza e lama... que não deixa passar (Foto 5).

Pensada como resistência nos acampamentos de reforma agrária e referenciada como possibilidade de uma *outra* educação em assentamentos (mas não apenas), a escola diferenciada do campo, responsabilidade do Estado (garantida na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9.394/1996), reproduz a divisão de classes da sociedade capitalista, que se expressa em um modo de ser e existir próprio *na/para* escola do campo e que reproduz a dureza do viver (e estudar) para quem luta por ela, para quem nela trabalha, para quem não tem capital, não tem acesso aos financiamentos (promovidos em geral por políticas e governos, para poucos)... para uma gente que luta ainda para ser pelo menos visível, historicamente e cotidianamente (Foto 6).

O espaço da escola pública, gratuita, do campo vem se formando, se construindo, enquanto “escola no campo”, mas essa história leva tempo e ainda está se forjando! (Foto 7).

No Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) (fotos 8 e 9), mais do que atender às necessidades imediatas do período vivido em um acampamento, que já é em si legítima, a oferta de escola aos filhos e filhas dos acampados dentro do acampamento, faz parte de uma proposta pedagógica do Movimento, envolta na *práxis* e na relação teoria, discurso e prática. A educação para seu “povo”, se pretende libertadora e emancipatória, visando oferecer aos alunos uma nova forma de ver o mundo, a sociedade e a luta pela terra.

A escola é pensada como seu contrário! E a Luta é pela “escola do campo” e não apenas “no campo” (Foto 9). O acampamento é uma passagem, assim se espera que seja... Quase sempre cortado pelo asfalto (Foto 8), que é quase sempre também uma representação de Estado “mais eficiente” para fazer o capital circular, suas mercadorias, mas também os trabalhadores que se mexem “pra lá, pra cá”, em busca de vender sua força de trabalho. Aqueles que se tornam “acampados de reforma agrária” precisam sobreviver e prover a família.

Espaço aberto ao conhecimento, viver em acampamento impõe mostrá-lo e fazê-lo visível, mas a experiência de conhecer essa vida, sobretudo para quem tem as condições primordiais de existência garantidas não é de fácil absorção (Foto 11). Cabeças baixas de quem chega é pura indignação, mas também é o impacto necessário que permite olhar e também “enxergar” o sentido do *chão da luta* do acampamento; os barracos e as condições de vida sob lona, sob sol a pino, sob chuva, sob o som dos carros, sob medo de acidente e morte... de filho e filha... iminentemente.

Mas a escola enquanto espaço de resistência tem seu lugar e forma no acampamento, que se diferencia das demais “construções”: duas salas de aulas que se ligam por uma “varanda” (Foto 11). As turmas, em geral, são “juntas e misturadas”, onde estudam crianças de diferentes idades no ensino fundamental I. Os banheiros, feminino e masculino, são externos e protegidos/limitados por uma cerca. Do outro lado, o gado pasta, no entanto nem sempre tem merenda... mas se luta para ter (fotos 12 e 13).

Certamente é preciso haver alguma paixão para resistir sob tamanha dificuldade. Se a escola do campo no assentamento é difícil e a presença do Estado é “limitada”, no acampamento é superação e resistência (fotos 13, 14, 15, 16, 17).

A explicitação da sociedade desigual e combinada por Adam Smith pode explicar a realidade socioespacial produzida (que é/pode ser desigual, na desigualdade); ou talvez Poulantzas (2000) possa nos levar a compreender os movimentos no interior do Estado, uma vez que condensa as contradições dos diversos níveis de uma formação social específica; ou ainda Harvey explicando o papel do “ajuste espacial” das contradições internas do capital. A escola do acampamento, em tempos pós Golpe 2016, foi dissolvida, mas não a luta pela terra, nem pela escola diferenciada do campo e o futuro sabe-se lá a quem pertence, mas o cotidiano é contraditório e se expressa muitas vezes na brincadeira de criança... O caminhão de brinquedo deixou trilha, atravessou a pista, talvez, desceu a pista de asfalto e, nesse momento de brincar, faz feliz o menino ainda inocente... Contradições! (fotos 18 e 19).

A escola do campo ainda não se realizou, mas está sob conquista e é obrigação do Estado, daí a dificuldade e a contradição. Um Estado que se coloca mediado pelas forças dos diferentes sujeitos em suas respectivas frações de classes (e poder)... A resposta ainda tem sido o ônibus, a estrada, as salas de aula. Tem os professores contratados, mas não necessariamente formados em licenciatura do campo... em maioria não efetivos. Tem mesas e cadeiras, tem banheiro de parede, tem até água que se bebe na torneira... O desafio é compreender que não passam de aparências de políticas!

Foto 1



Foto 2



Autor: Daniel Araújo de Freitas (2014).

Foto 3



Autora: Devanira Martins Gonçalves (2014).

Foto 4



Autora: Flaviana Gasparotti Nunes (2015).

Foto 5



Autora: Flaviana Gasparotti Nunes (2015).

Foto 6



Autor: Daniel Araújo de Freitas (2014).

Foto 7



Autora Devanira Martins Gonçalves (2014).

Foto 8



Autor: Daniel Araújo de Freitas (2014).

Foto 9



Autora: Francielle Zironi (s.d.).

Foto 10



Autora: Devanira Martins Gonçalves (2014).

Foto 11



Autor: Daniel Araújo de Freitas (2014).

Foto 12



Autor Daniel Araújo de Freitas (2014).

Foto 13



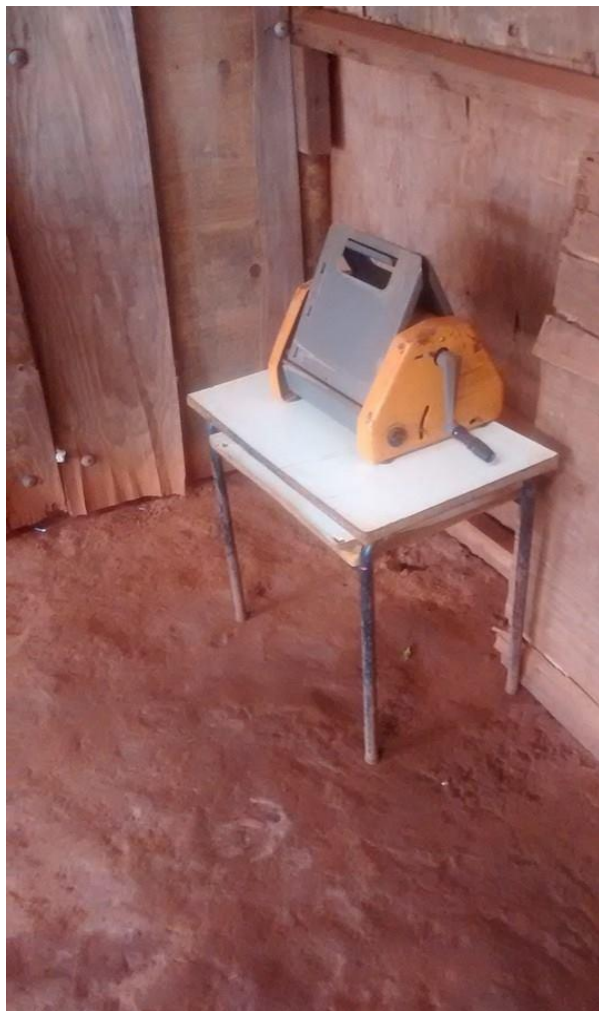
Autor: Caique Oliva (2014).

Foto 14



Autor: Caique Oliva (2014).

Foto 15



Autor: Caique Oliva (2014).

Foto 16



Autor: Caique Oliva (2014).

Foto 17



Autor: Daniel Araújo de Freitas (s.d.).

Foto 18



Autor: Daniel Araújo de Freitas (2014).

Foto 19



Autor: Daniel Araújo de Freitas (2014).

ATÉ NA HORA DA NOSSA MORTE

Kamila Madureira da Silva
Alexandre Bergamin Vieira

Vou te encontrar vestida de cetim
Pois em qualquer lugar esperas só por mim
E no teu beijo provar o gosto estranho
Que eu quero e não desejo, mas tenho que encontrar
Vem, mas demore a chegar
Eu te detesto e amo morte, morte, morte
Que talvez seja o segredo desta vida
Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida

Paulo Coelho de Souza/Raul Santos Seixas

A morte é inerente a toda humanidade, porém, apesar de ser para todos, ela está longe do contexto de imparcialidade ou neutralidade, possuindo uma determinação social, nas formas de como cada um encontrará o seu “destino”, de como os deuses tenham desenhado a passagem para a eternidade ou, quiçá, alhures inatingíveis aos nossos sentidos humanizados.

As classes sociais estão presentes, e desenharam os caminhos que nos levam até a morte, e também a cara dela. Morre-se, de forma incomensurável, pela pobreza historicamente construída, morre-se muito pela desigualdade social, morre-se de fome! Morre-se pobre! morre-se um pouco pelo descaso, morre-se muito pelo preconceito racial, morre-se preto! Morre-se indígena! Morre-se pelo fim do amor, pela escolha da liberdade, pelo direito do não! Morre-se muito, mulher! Morre-se por querer se afirmar, por se amar, por se impor, por querer amar; morre-se, homossexual! Morre-se rico, morre-se famoso, morre-se popular, morre-se natural... celestial ou infernal... destino final...

Enfim, na cotidianidade, morrer nunca é, nem de longe, um acontecimento imparcial: há tipos de morte que acometem somente mulheres, outros que afetam mais os pretos, e outros, ainda, que são mais comuns nas favelas, nos becos, nas retomadas, nas aldeias... Os atestados de óbito e as estatísticas são nitidamente discriminatórias e falam de um território usado que não é nada imparcial.

Ah, o capitalismo, o sistema capitalista... ele permanece impávido, com suas facetas, façanhas, falsetes, em que se constroem muros (imagem 1) que nos protegem da morte e nos limitam compartilhar a vida, garantem a propriedade privada dos que estão privados de vida, escondendo a realidade “natural” durante o sol nascente, e o “sombrio” durante o sol poente.

E quando, enfim, findarmos nossas obras ou, mesmo por infortúnios, deixarmos elas, as obras, pela metade, com belíssimos jazigos e epitáfios solenes e floreados (imagens 2 e 3), consumaremos nossa breve ou longa, linda ou não tão bela história, de uma vez por todas e seremos todos iguais, ali, isolados nos sete palmos abaixo da terra, e o silêncio que ecoa. Mas, há uma voz ensurdecadora que diz que não! Que a morte não é democrática, que a desigualdade permanece, e é visível e vivível, facilmente observada (imagens 4 e 5). A morte não existe apartada daquele que morre, de como e onde morre. A morte, como a concebemos, é um acontecimento social e, portanto, não pode ser pensada em separado da sociedade desigual e contraditória na qual vivemos e como vivemos.

Mesmo após a morte a nossa condição social nos persegue, e está visível até mesmo na “morada eterna”, pois a morte se tornou um comércio: cobra-se pelo terreno do sepulcro, o luxo e o mármore, as flores para deixar bem claro que aqui jaz o “bem sucedido” (imagem 6), e aqui jaz o “pobre” (imagem 7), impossível de se confundir. As desigualdades presentes em vida permanecem no pós-morte.

O capitalismo limitou o sagrado da morte (imagens 8 e 9) à mercadoria, pois tudo se limita ao lucro/dinheiro (imagem 10): o nascer (imagem 11), o sobreviver, o conviver (imagens 12 e 13) e o morrer (imagem 14). As desigualdades que nos acompanharam em vida fazem-se presentes também no nosso pós-morte...

1



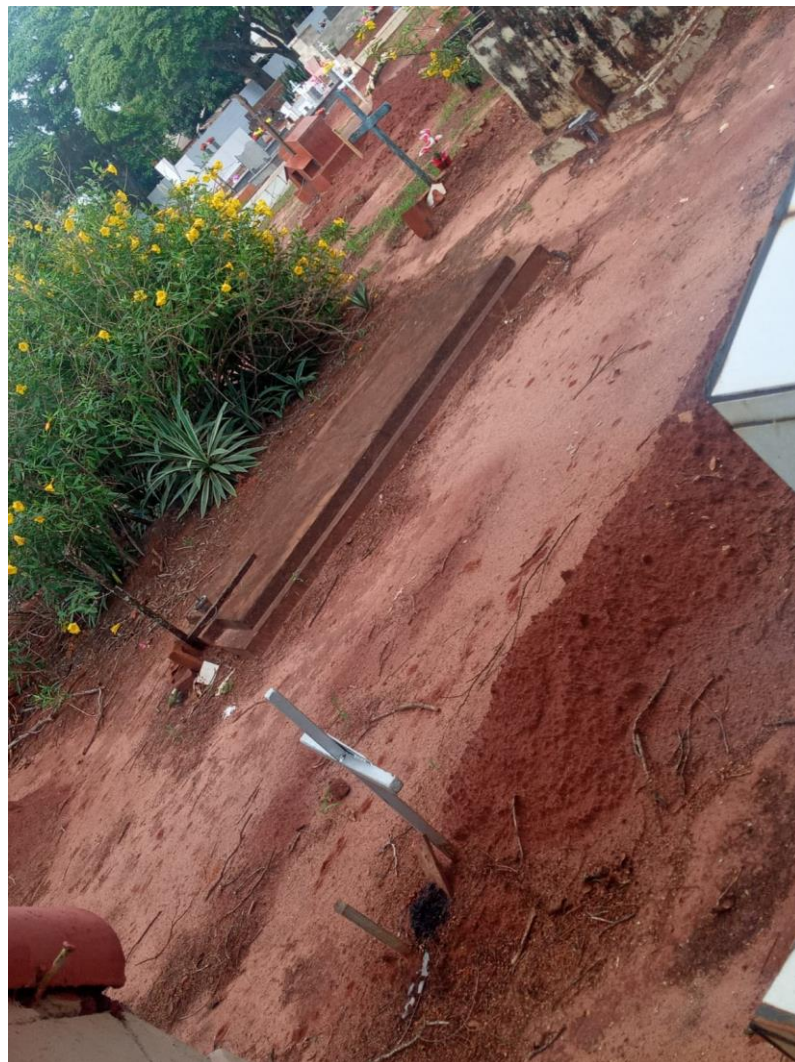


3





5





7

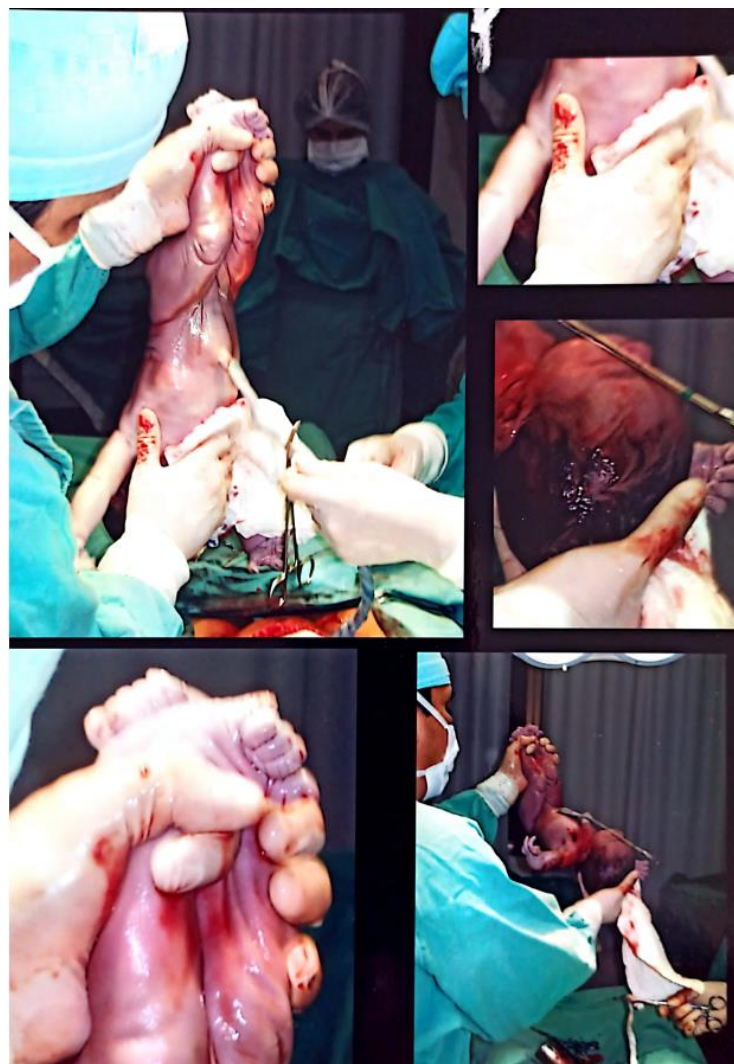








11









Fonte das imagens: fotos dos autores.

- As fotos 1 a 8 e 14 são do Cemitério Municipal São João, em Caarapó-MS (novembro de 2021).
- A foto 9 foi obtida no cemitério da reserva indígena Te'yí Kue (novembro de 2021).
- Datada de novembro de 2021, a foto 10 foi tirada em Dourados-MS.
- A foto 11 foi obtida em abril de 2008 em Presidente Prudente-SP, no Hospital/Maternidade Iamada.
- A foto 12 foi capturada em Dourados-MS, em abril de 2013.
- De Uberaba-MG é a foto 13 (outubro de 2014).

ANDANÇAS PELO MÉXICO

Juliana Grasiéli Bueno Mota

Italo Franco Ribeiro

A gente não gostava de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação.

Manoel de Barros, do livro O menino do Mato.

A fotografia permite reviver o passado, lembranças de um espaço-tempo que jamais irá se repetir. “Fotografias para não esquecer” (VERGER, 2009) são imagens selecionadas, enquadradas e para sempre eternizadas em nossas histórias e trajetórias que revelam e marcam para todo o sempre nossas andanças (ou parte delas) no “lindo y querido México”, como escreveu e cantou Jorge Negrete.

*Voz de la guitarra mía
Al despertar la mañana
Quiere cantar su alegría
A mi tierra mexicana
Yo le canto a sus volcanes
A sus praderas y flores
Que son como talismanes
Del amor de mis amores
México lindo y querido
Si muero lejos de ti
Que digan que estoy dormido*

*Y que me traigan aquí
Que digan que estoy dormido
Y que me traigan aquí
México lindo y querido
Si muero lejos de ti
Que me entierren en la sierra
Al pie de los magueyales
Y que me cubra esta tierra
Que es cuna de hombres cabales
Voz de la guitarra mía
Al despertar la mañana*

*Quiere cantar su alegría
A mi tierra mexicana
México lindo y querido
Si muero lejos de ti
Que digan que estoy dormido
Y que me traigan aquí
Que digan que estoy dormido
Y que me traigan aquí
México lindo y querido
Si muero lejos de ti*

A letra-canção está eternizada nos corpos e espíritos das gentes mexicanas e de quem se sente parte desse lugar-mundo, uma espécie de “hino nacional” que encanta e emociona aqueles e aquelas que desejam conhecer e viver em um país encantado e mágico. Compartilhamos imagens da cidade do “pueblo da tierra del Sol”, a Ciudad de México, que nos cinco primeiros meses do ano de 2015 compõem a realização dos sonhos de criança da primeira autora do texto⁸. Por caminhos distintos, nós, autora e autor deste texto-afeto, tivemos a oportunidade de colocar os pés, as mãos, o coração e a alma em um país que consideramos multicolorido vibrante e fluorescente, alegre, diverso, gentil, encantado e mágico. Esse país, que apesar de todos esses adjetivos, é, também, ao mesmo tempo, marcado pelo “Colonialismo Interno” (Casanova, 2007) que atravessa as terras e as gentes de toda América Latina. Um “México profundo” formado por uma grande diversidade de povos indígenas que tem sua origem na civilização mesoamericana (Batalha, 2014).

Este texto fotográfico, de imagens enquadradas pelos autores e escolhidas para compartilhar com as leitoras e os leitores, compõem parte das nossas experiências na terra dos povos mexicas, sobretudo nossas andanças em Zócalo, Coyoacán e Teotihuacan que também foram lugares percorridos e construídos pelas geografias indígenas que, antes dos espanhóis, e, após séculos de resistência, ainda são caminhadas por seus descendentes.

Os Astecas, conhecidos dessa forma em ampla literatura, são os povos mexicas que construíram e estão presentes nas toponímias que compõem a complexa megalope que é a Cidade do México (ou Distrito Federal do México), que junto com São Paulo (BR), se constitui como um dos maiores centros urbanos da América Latina (Sá, 2007).

⁸ A experiência no México compõe o projeto de doutorado sanduiche “Estudos sobre descolonização e movimentos indígenas no México”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 14/20473-3. Agradecemos a Luciano Concheiro, tutor do doutorado sanduiche, pela sua gentileza, carinho e por nos permitir conhecer, mesmo que um pouquinho, o encantamento e complexidade da produção da vida na Cidade do México. Ainda, amigos e amigas do México e Colômbia que nos acolheram e nos fizeram sentir em casa.

A cidade do México é um museu que conta a história dos seus antepassados e das geografias indígenas que persistem habitar parte do seu *modus operandis*, o que torna difícil andar pelas ruas da cidade sem voltar ao passado-presente do que foi uma das maiores cidades do mundo conhecido pelo ocidente espanhol no século XVI, a linda *Tenochtitlán*.

Tenochtitlán

Cidade lacustre do povo mexica, gêmea da cidade Tlatelolco, assentadas no lago Texcoco, que, com a conquista espanhola, se tornou cidade colonial, e é hoje a Cidade do México. O arqueólogo mexicano Eduardo Matos Moctezuma (2004) adverte em seus textos que cada vez que arqueólogos penetram em seu subsolo é possível observar os vestígios das histórias e trajetórias de um povo que durante séculos construiu uma das mais belas, maiores e populosas cidades do mundo⁹. Inclusive era considerada a “Veneza do Novo Mundo”, segundo o próprio colonizador espanhol Hernán Cortés, em trecho de suas cartas endereçadas ao Rei da Espanha Carlos V.



“Templo Mayor era el centro de la Concepción universal del azteca y, por lo tanto, el lugar de mayor sacralidad por donde cruzaban los caminos que llevaban a los niveles celestes y al inframundo, Además de ser el centro fundamental de donde partían los cuatro rumbos del universo¹”
(Moctezuma, 1998, p. 9).

Entrada do Templo Mayor (principal templo mexica de Tenochtitlan).
Foto tirada em fevereiro de 2015.

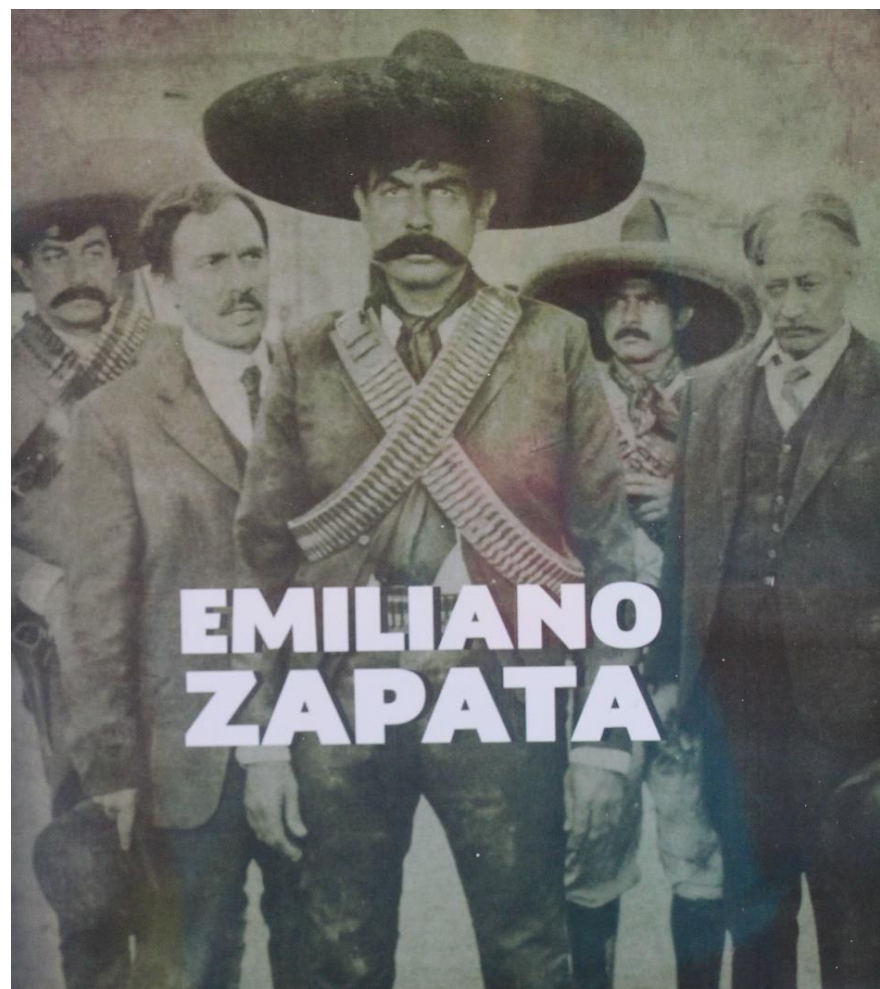
⁹ Ampla literatura tem constatado que era umas das cidades mais povoadas do planeta; maior que Roma, Paris ou Sevilha (Gonzales, 1972; 1983).

É impossível não tecer geografias imaginárias sobre as grandes transformações que acometeram os povos mexicas e os contemporâneos mexicanos. É óbvio dizer que tudo era muito diferente do que é hoje, ou como era em 2015, quando tivemos a oportunidade de andar por suas ruas, muitas delas pré-colombianas, comer comidas, como o amaranto, nopales, tortillas, pozole e as mais variadas pimentas (los chiles maravilhosos e diversos) que eram também parte da vida cotidiana dos mexicas. Comer o que os mexicas comiam, andar por ruas que eles construíram e andaram. Imaginar um mundo antes do colonialismo, antes de qualquer presença ou resquício da presença não indígena.

Zócolo-Ciudad de México, março de 2015.



Palácio Nacional, maio de 2015.



Edifício Latino Americana, fevereiro de 2015.



Zócalo-Templo Mayor, março de 2015.



Zócalo-Centro Histórico da Cidade do México – Cuauhtémoc, 12 de fevereiro de 2015.



Coyoacán (lugar dos coyotes).

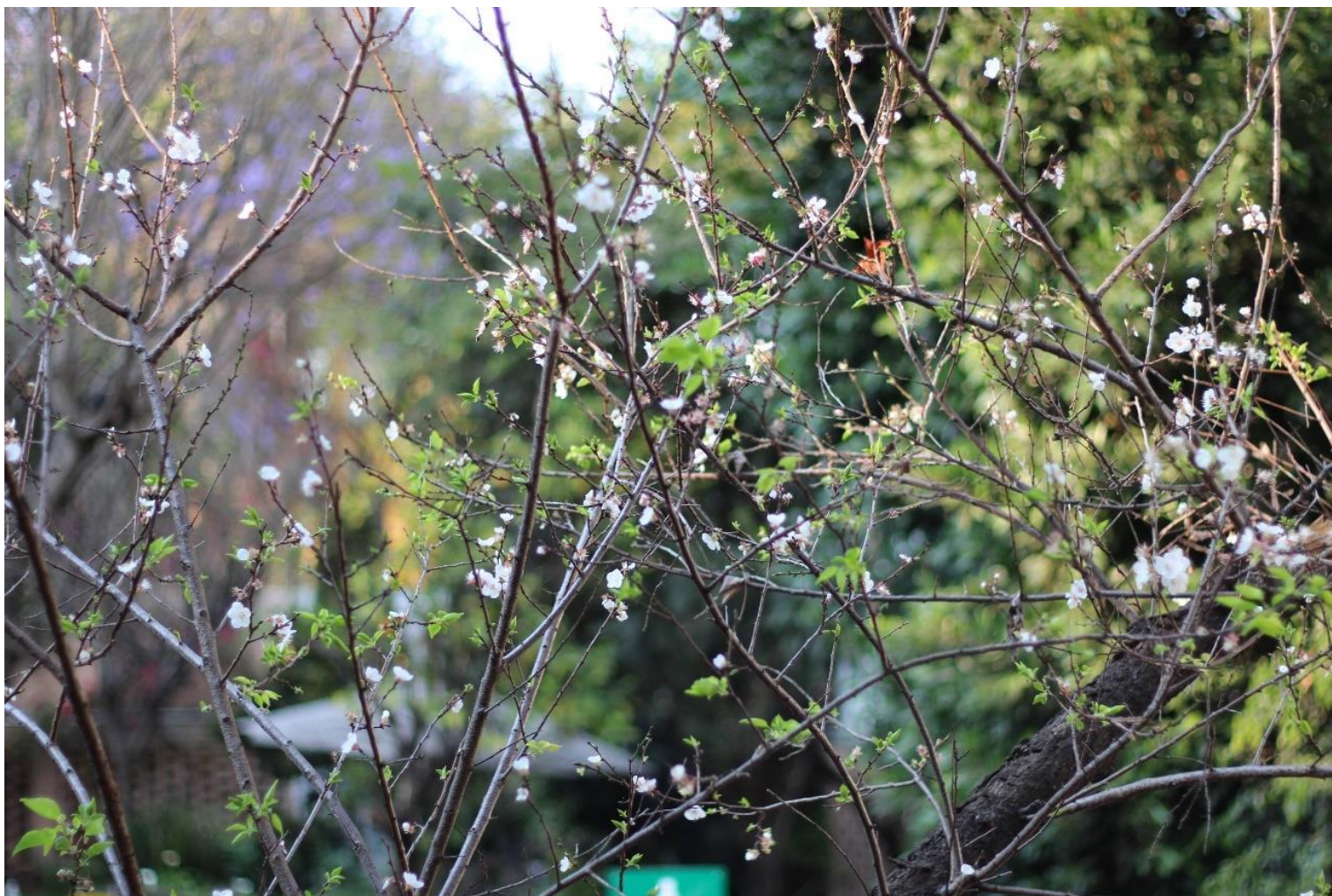
Mercado de Coyoacán, 20 de janeiro de 2015.



Plaza de Los Coyotes, fevereiro de 2015.



Museu Frida Kahlo, La casa Azul, 27 de fevereiro de 2015.



Museu Frida Kahlo, La casa Azul, 27 de fevereiro de 2015.



Andanças em México, 24 de abril de 2015.



Andanças em México, abril de 2015.



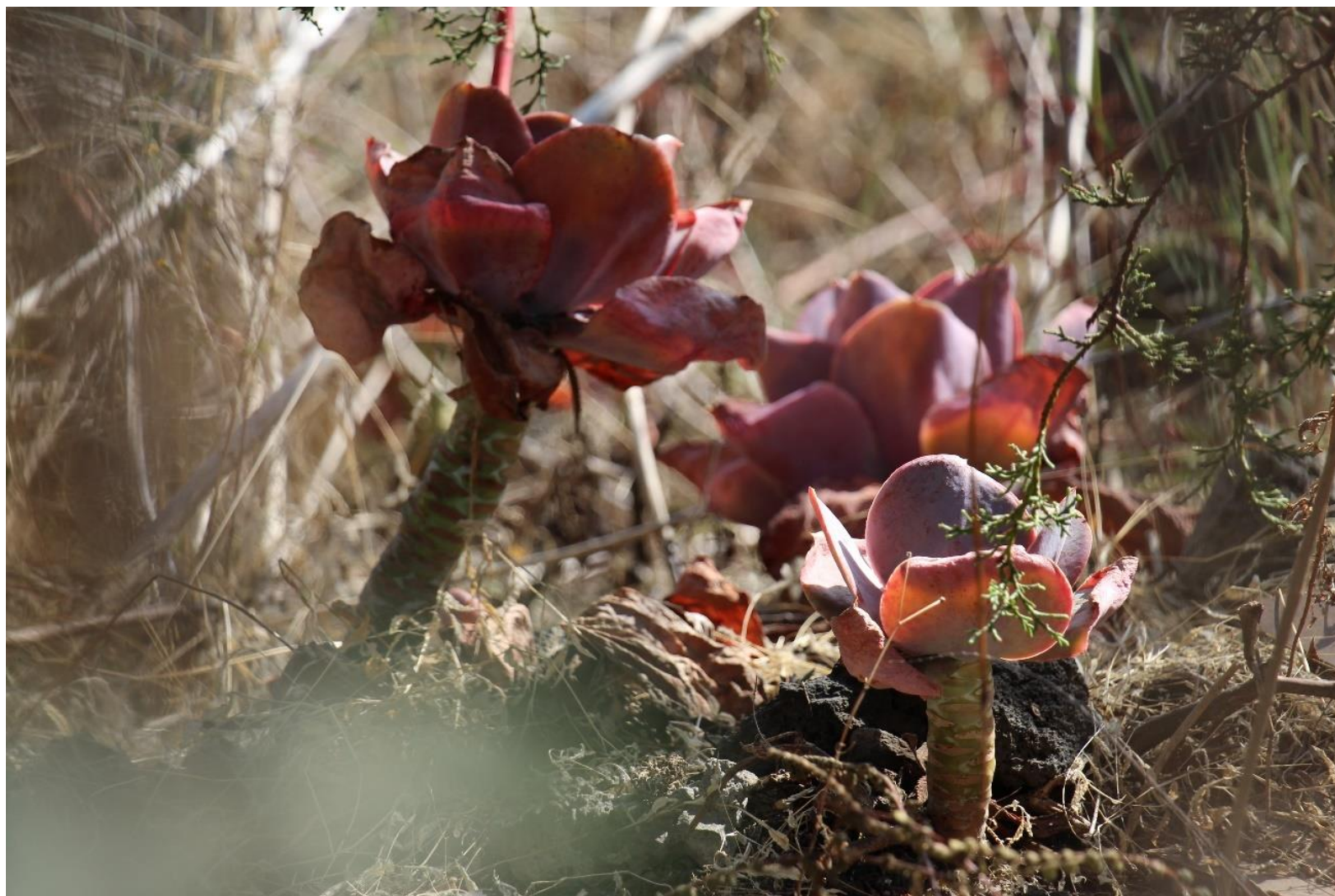
Andanças em México, abril de 2015.



Nevado de Toluca, 15 de fevereiro de 2015.



Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), fevereiro de 2015.



Biblioteca Central da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), fevereiro de 2015.



Praça do Museu de Antropologia, março de 2015.



Praça do Museu de Antropologia, março de 2015.



Sien maíz no ha país, janeiro de 2015.



Há que lembrar que qualquer que seja a resistência daqueles com quem conversamos, eles sempre são um pouco nossa criação, assim como nós somos a deles. Esse fato empírico talvez marque o limite do nosso empiricismo.

Vincent Crapanzano, 1991.

Em nossas andanças pelo México criamos os outros e nós mesmos. Cada foto representada foi criação nossa e desses outros humanos e não humanos que habitam cada fotografia com nosso enquadramento (sempre parcial) da vida virada imagem através do clique fotográfico. Após as “tomadas” de suas paisagens e suas gentes, a consciência de que tudo se transformava na velocidade de um *flash*. De algum modo, o sentimento que fotografias aprisionam a vida em movimento.

Cada experiência vivida junto às gentes mexicas, suas paisagens e histórias-geografias que as constituíram, se deu pelo/no diálogo (im)possível a partir da nossa condição de pessoas posicionadas como pesquisador e pesquisadora viajante.

Fotografias sobre nossas andanças são a construção de um (con)texto com o objetivo singelo de compartilhar aquilo que enxergamos, o que nos foi importante. As imagens, sua seleção a ser compartilhada com leitoras e leitores, dão vida e potenciam nossas memórias afetivas sobre o “México lindo e querido”. Aqui, neste texto, não coube descrever sobre as imagens. Caberá àqueles que com elas se afetarem buscar uma explicação que lhe faça sentido, ou, quem sabe, “pousar” e caminhar em terras mexicanas. Recomendamos!

Fotografias para não esquecer, como aprendemos com Pierre Verger (2009).

REFERÊNCIAS

- BATALLA, Guillermo Bonfil. **México profundo: una civilización negada**. México: Los Noventa [1987], 2014.
- BARTHES, Roland. **A Câmera Clara**. Notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2018.
- CORTÉS, Hernán. **La gran Tenochtitlan**. 47. ed. Espanha: Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, 2017.
- SÁ, Lúcia. **Life in Megalopolis: México City and São Paulo**. Questioning Cities Series. Oxford: Routledge, 2007.
- MOCTEZUMA, Eduardo Matos. **Vida y muerte em el templo mayor**. México: El Colegio de México, Fondo de Cultura Económica, 1998.
- MOCTEZUMA, Eduardo Matos. **Tenochtitlan**. México: El Colegio de México, Fondo de Cultura Económica, 2006.
- MOCTEZUMA, Eduardo Matos. **Teotihuacan**. México: El Colegio de México, Fondo de Cultura Económica, 2009.
- VERGER, Pierre. **Fotografias para não esquecer**. São Paulo. Terra Virgem Editora, 2009.

O CAMINHAR ENTRE VIDA(S), HISTÓRIA(S) E GEOGRAFIA(S)

Claudia Marques Roma

“Pela janela do quarto, pela janela do carro, pela tela, pela janela. Quem é ela? Quem é ela? [...]”¹⁰. Uma janela, no tempo da casa, no tempo-espaco do museu da Maré. A janela que se abre para o tempo-espaco de tantas vidas nas palafitas do Rio de Janeiro de outrora (imagem 1). Uma boca de fogão, pratos, lamparinas para clarear o anoitecer, pilão, xícara de café e canecas para matar a sede com água fresca no filtro de barro.

1



¹⁰ Esquadros, Adriana Calcanhoto.

Água transportada pelas bacias, latas, crianças, cabeças e que mesmo dentro d'água a caminhada para matar a sede produz o tempo da água (imagem 2).

2



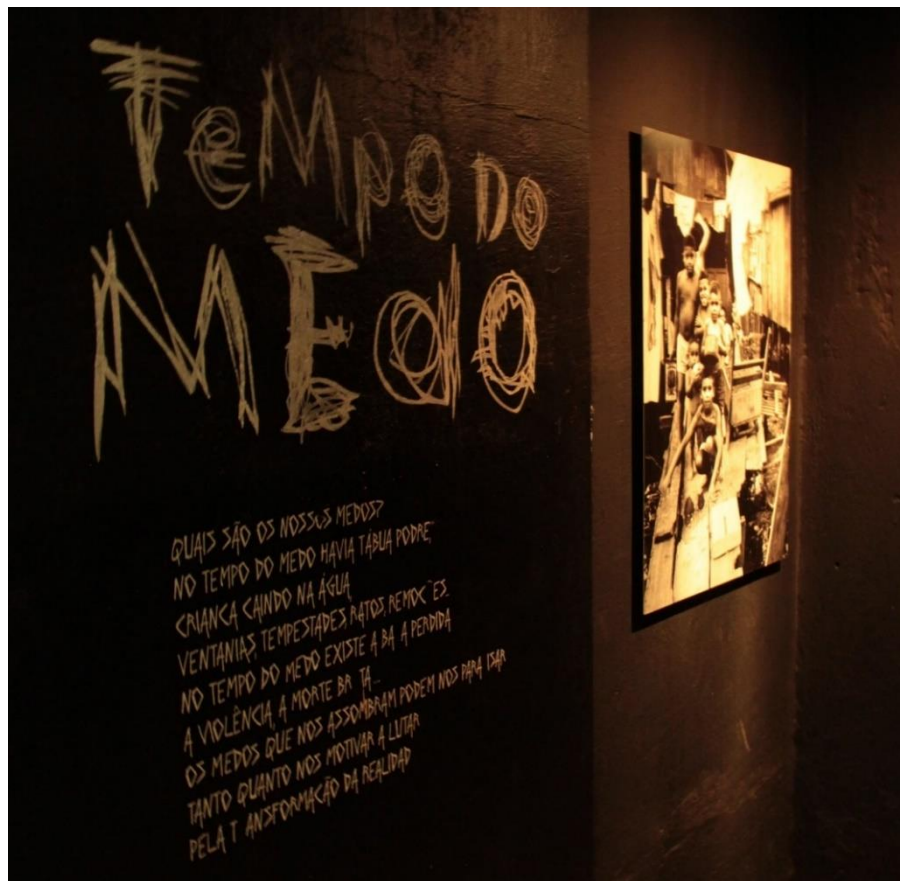
Na tela, crianças, crianças, crianças que nos contornos da baía de Guanabara caminham entre brincadeiras, água, tábuas podres, ratos e ventanias. O tempo da criança, colorido, branco e preto, que brinca no chão batido, com a bola surrada e o sonho do futebol. Entre as palafitas, suas tábuas pobres e as balas “perdidas”, caminham em meio a casa, a bala e o medo (imagem 3).

3



O tempo do medo (imagem 4). Da tábua podre, crianças caindo na água, ventanias, tempestades, ratos, remoções, balas “perdidas”, violências, morte e Estado. A pose para a fotografia em tela de crianças que caminham entre a casa, a bala, a bola e o medo. Os furos de balas nas paredes das casas que emoldurados se transformam em arte (imagem 5). Cada bala retirada das paredes das casas, de cada moldura, uma história, um medo, uma dor e uma prece.

4





“Eu tenho Jesus, Maria e José. Todos os Pajés em minha companhia. O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos (...)”¹¹. O tempo da fé (imagem 6). Preto Velho, Iemanjá, Nossa Senhora das Graças, São Jorge, Cristo Crucificado, Santo Antônio, Nossa Senhora Aparecida, Oxúm. Cachimbos, ferraduras e rosários. O tempo de toda fé e de culturas diversas se entrecruzam ao tempo do medo. Cada conta do rosário surrado, uma prece, uma esperança, um desalento. Uma prece para que as balas dos furos nas paredes não perfurem as vidas e os corpos, uma prece para que as balas de um Estado omissivo e uma sociedade racista e desigual não atinja os corpos de negros e negras, de homens, mulheres e crianças pobres. E uma prece para que a fé ajude suportar o peso da desigualdade.

6



¹¹ Carta de amor, Maria Bethânia.

Em prateleiras de madeira as garrafas expostas com gostos e saberes, as balanças e moedores (imagem 7). O tempo da venda que enche os pratos e copos do tempo da casa. Às vezes meio cheio e às vezes meio vazio.

7



O tempo do migrar, do partir, do chegar, da esperança, da despedida, do recomeço e do sonho de uma vida melhor na metrópole (imagem 8). Numa mala, as roupas e os itens que não podem ficar para trás porque fazem parte do modo de vida. As malas e os corpos no pau de arara que partem e chegam onde “o sertão vai virar mar e o mar virar sertão¹²”.

8



¹² Antônio Conselheiro.

A janela varal do cotidiano, o mural entrecortado pela janela entrada de vento, lado a lado. O tijolo e o barro numa sobreposição de tempos e espaços na cidade da garoa. Da janela avista-se as ondas do mar, os bares de Copacabana, os champanhês em taças de cristais e o posto de trabalho (imagem 9). O tempo da água agora chega pelos canos improvisados no alto do moro, mas não através do Estado.

9



Depois de caminhar por 1.500 degraus íngremes, andar entrecortando becos e ruelas já com as panturrilhas endurecidas e os ombros cansados de carregar a caixa de peixe, os galões reaproveitados e a roupa molhada, avista-se o mar (imagem 10). A roupa no varal, os galões para lavar e limpar os peixes, as placas de madeira para tapar os buracos, o banco, suporte e descanso, compõem a casa de barro que no tempo-espaço do século XXI da metrópole carioca sobrevive porque a lógica do mercado ainda permite. Olimpíadas, copa do mundo brilham na cidade maravilhosa! SMH12 – Secretária Municipal de Habitação casa desapropriada para revitalização (imagem 11).

10



11



No chão batido, o caminhar (imagens 12 e 13). A calça surrada e os pés cansados, estes de Ava Guarani em Guáira-Paraná, outros tantos no Rio de Janeiro e nos quatro cantos desse Brasil. Mulheres, homens e crianças que se juntam no caminhar da luta pela terra, pela casa, pela vida e histórias.

12





DA RAZÃO TÉCNICA À VIOLÊNCIA INSTRUMENTAL: O VÍNCULO ENTRE PAULO AFONSO E CANUDOS NAS PROFUNDEZAS DO SERTÃO BAIANO

Thiago Romeu

A terra, os ares, os vales profundos desde o Sertão do Velho Chico até o Arraial de Canudos. Da fantasia de um Brasil imaginário para a feitura de uma república rude e opressiva. Os degraus da subalternidade de um território construído sobre sangue e fúria, cujas marcas estão por todo lado, nestas plagas tórridas de um país que se finge esquecer. O Brasil nasceu! Não, ele foi nascido. Parido em muitas dores, um “filho de mil homens”, desterrado em seu território-prisão. Segue abaixo, um relance deste parto. Reberto dolorido do qual todos somos tributo e tributários.

Inauguro assim este escrito, num grito! Antes de tudo, um manifesto da tormenta que são os anos imersos nas profundezas do desmonte de um país que sempre foi o do futuro. Mas que país??? Foram os anos de flerte declarado com o modelo neoliberal que nos levou às franjas de um fascismo renovado. Um neomaltusianismo tingido de política macroeconômica responsável. Em nome de um cuidado fiscal, mata-se a população que sustenta o fisco. De onde vem esta contradição absurda e abjeta? Alguém dirá, mas sempre foi assim. Olhe o umbigo. Nós sempre fomos assim. Agora apenas estamos a nos olhar no espelho, vivendo um narcisismo às avessas.

Imbuído deste olhar menos romantizado da nossa própria existência, atento a algumas paisagens e pensando na “história do Brasil pelo barranco” (método intuitivo propalado por Aziz Ab`Saber) que ensaio este olhar. Este Brasil que hoje parece ver o céu pelo fundo do poço, teve origem não só numa data, mas em vários momentos e em vários pontos do que posteriormente viria a ser seu território vasto. Mas há uma *região* (utilizando nosso cacoete profissional) nos sertões semiáridos que merece destaque. Há uma história/geografia que precisa ser enfatizada, ser sempre narrada (não que haja falta, pois dela muito já foi dito/escrito), mas cabe a repetição... e de novo... e de novo... para que não nos esqueçamos. Por isso, ousou tecer palavras/imagens que agreguem peças a este mosaico.

Esse lugar-história encontra evidências às margens do médio-São Francisco, o “rio da integração”, que em seu (dis)curso¹³ mostra a fragmentação de um território que clama justiça e unidade. A marcha moderno-colonial de ocupação das terras de clima semiárido seguiu parâmetros idênticos aos da ocupação do litoral e interior do planalto brasileiro: extermínio indígena, cercamento de terras em nome “del Rey” e obstinada tentativa de domínio da natureza. Seja na laboriosa doma do rio com nome de santo, ou no infausto “combate” às secas, a lógica de submissão dos ciclos naturais à sanha civilizacional capitalista pareceu sempre o sonho de um pequeno grupo hegemônico, eivado de muitos pesadelos para grupos subalternizados.

Pankararu, Pankararé, Xucuru, Xocó e Kariri, entre outros, foram dizimados ou reunidos em reduções que dissolveram suas línguas, costumes e herança genética. Algo que levou Darcy Ribeiro a crer que não havia mais povos originários, a não ser “resíduos de população indígena do Nordeste” ou “magotes de índios desajustados” povoando os barrancos e ilhas do São Francisco (Ribeiro, 1970 *apud* Oliveira, 2016¹⁴, p. 197). Mas o clamor indígena resiste, existindo. E urra e brada. Os Kariri-Xocó clamam hoje por sua terra e seu rio, re-existindo à beira do rio que sempre lhes permitiu viver (1, 2 e 3).

Em seu intento de se erigir como país, o Brasil teve no “Velho Chico” um marco geográfico e desafio para a interiorização nos sertões do território até então desconhecido. Coube à visão de geógrafo/engenheiro a tarefa de mapeá-lo e dar-lhe visibilidade (4).

¹³ “Rios Sem Discurso”. In: MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 350-351.

¹⁴ OLIVEIRA, João Pacheco. O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

Desde o seu mapeamento, o São Francisco despertou interesses vários: a produção de energia, a irrigação das terras secas ao seu redor, o fluxo de navegação. E suas margens testemunharam parte relevante da história subalterna do país. O seu vale abrigou Lampião e seu cangaço e inúmeras disputas entre fazendeiros de gado em disputas pelas margens férteis. O rio forneceu água e alimento para incontáveis ribeirinhos na história recente, mas suas margens abrigam ancestrais há mais de 10 mil anos (5).

O afã dominador da modernidade sobre a natureza se ergueu em paredes imensas de concreto, furtando do rio sua energia e silenciando o fragor das cataratas de Paulo Afonso. Em nome do progresso implacável, rio, catarata e encantamentos foram roubadas das terras Kariri-Xocó. O lamento dos indígenas não reduz a força do seu clamor (6). Mas há uma brutalidade na paisagem. A placidez das águas no lago artificial (7) esconde o monstro subterrâneo encravado na rocha (8). Ergueu-se em panóptico foucaultiano (9) a dureza e a vigilância do mundo em sonho (?) desenvolvimentista.

A razão técnica guarda relação direta com a história de subalternização de indígenas e negros. Distanto cerca de 150 quilômetros a sudoeste dali, a pujança do verde das terras à beira do São Francisco dá lugar à secura do solo raso pedregoso (10) do sertão central baiano. O antigo arraial de Belo Monte, erguido na segunda metade do século XIX pelo beato Conselheiro, materializou os temores dos ditames políticos de então. O arraial de moribundos indígenas e negros cujas memórias e ancestralidades foram furtadas, reuniu-se em torno do “santo” beato, no sonho da construção de uma cidade baseada na lei sagrada e na justiça social, mais tarde chamada de Canudos. Tal intento foi estopim da guerra mais sangrenta realizada no interior do Brasil e pôs a recém-criada república em condição defensiva. A lógica positivista, consigna do poder instituído, tremeu diante da ação militar dos desvalidos sertanejos.

Está em Canudos a plena realização do conflito entre a lógica instrumental eurocêntrica e os povos negro e indígena subalternizados. Até Euclides da Cunha¹⁵, ardoroso defensor da razão instrumental, se viu obrigado a defender os sertanejos do que chamou de “um crime”. Mas seu olhar superior logrou a elaboração de um estigma que perdura até os dias de hoje. Cunha enleva o espírito do sertanejo, mas se fundamenta na noção de que

¹⁵ CUNHA, Euclides. Os Sertões. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016.

o sertanejo é um flagelado que, apesar das agruras terríveis a que é submetido, ele “é um forte”. Arremata, descrevendo o sujeito do sertão como alguém “desgracioso, desengonçado, torto. Hérculos-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos [...]” (p. 115). Sua descrição do sertanejo atualmente ruboriza até os mais convictos racistas, mas era comum naquele momento de racionalismo racista se deparar com descrições populacionais pautadas no determinismo geográfico e no evolucionismo, evidentemente, com os povos brancos em posição de superioridade. Para Cunha, era lógico crer que uma população de mestiços caboclos, filhos de negras, de indígenas e de pessoas de pele escurecida, lábios grossos e cabelos crespos fossem naturalmente inferiores e, portanto, rapidamente dominados. Contudo, o testemunho ocular de Cunha, que gozava de grande prestígio, fazia desmoronar a premissa de superioridade branca. E seu relato, com a finalidade de fazer justiça aos sertanejos, oportunizou, nos círculos letrados do Rio de Janeiro – então capital – e da nascente São Paulo industrial, o surgimento a ideia de que os sertanejos eram fortes, portanto, resistentes, e de que o norte (ainda não havia a divisão regional que nomeasse os nordestinos¹⁶) era terra inóspita, de falta de água, lugar selvagem, de pessoas bárbaras e inferiores, o que supostamente seria resultado das dores da vida sertaneja.

Tentou-se de todo modo apagar Canudos. Primeiro: os “favelados” de Canudos (soldados vitoriosos que ocuparam o morro próximo ao Ministério da Guerra à espera de providências prometidas: um pedaço de terra) deram nome à primeira ocupação irregular da cidade do Rio de Janeiro. O Morro da Providência foi a primeira “favela” (nome do morro em que os soldados em Canudos destruíram o arraial) da cidade do Rio de Janeiro. E os favelados de então eram quase todos negros que foram ao nordeste eliminar outros negros rebelados. Ignorar os favelados era ignorar Canudos. Segundo: Getúlio Vargas tenta apagar o arraial submergindo-o sob as águas do “combate”¹⁷ à seca e do combate à memória de pobres, negros e indígenas que ousaram tentar viver sob seus próprios termos. Mas Canudos resistiu e serviu de testemunho de luta. Na crista do morro cujo chão pedregoso foi o

¹⁶ A definição da regionalização que cria o Nordeste entre as regiões do Brasil, só é estabelecida a partir de 1942 com a criação das regiões Nordeste Oriental e Ocidental. Só em 1970 que a o Nordeste foi unificado numa única região que passou a incluir também a Bahia.

¹⁷ A razão técnica sempre tentou subverter a natureza. Ao invés de se buscar meios para a convivência com o clima semiárido, o Estado brasileiro buscou combater o rigor climático criando o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) que era responsável por criar e gerir imensos açudes na região.

teatro de guerra, resistem as imagens da vergonha: mulheres sobreviventes, muitas delas negras, foram reunidas ali e levadas a Salvador. Nunca mais se teve notícia do seu destino. Com o ajuze de Corcorobó ao fundo (11), e em seu fundo, os restos da igreja pivô de toda a discórdia, reside ali a memória da infâmia. A razão técnica ergueu-se em necropolítica e fez suas vítimas.

Canudos é hoje uma cidade sertaneja tradicional. Os jovens crescem na expectativa da imigração (dizem sempre “não tem serviço aqui”, argumentando que o desejo de migrar é só justificável pelo trabalho, escondendo o fato que também se migra para fazer a passagem para o mundo adulto). Uma cidadezinha com pequenos comércios, feira e um polo da universidade estadual. Mas Canudos ainda respira a guerra. Os ares da guerra do fim do mundo, no dizer de Vargas Llosa, ainda é sentido por lá. No teatro de ações militares, a terra de dor, sangue e fúria ainda clama (12). Nos sulcos do rosto da sobrevivente (13) registra-se a memória do crime praticado. Só o olhar sensível de Verger para registrar o sofrimento visível na imagem.

As plagas do sertão do São Francisco guardam metáforas das agruras, das dores e das injustiças dessa terra que chamamos de Brasil. Estará também na releitura da sua história, a compreensão e a saída para o flagelo que suas gentes vivem hoje? Dos canudenses de 120 anos atrás aos indígenas que habitam a região hoje, a rotina de lutas contra injustiças parece não ter fim. Mas há esperança, do verbo esperar, no dizer de Paulo Freire; e os Kariri-Xocó dão exemplo. Lutaram e conseguiram parte de suas terras ancestrais, mas querem mais. Querem a devolução de sua catarata. Querem o fim do panóptico e o rio em seu caminho natural. Haverão de conseguir? Ficaremos à espera de que a história, na sua releitura do porvir, mostre que eles conseguiram.

Foto 1 - Recepção dos Kariri-Xokó com Toré. Mesmo em situação de flagelo, alojados provisoriamente numa escola abandonada sem água, luz e telhado, a dança dos indígenas é uma forma de manter vivo o ânimo para a luta (foto do autor, 2017).



Fotos 2 e 3 - Duas gerações de Kariri-Xokó, a pequena com o maracá e o Pagé em ritual à beira do cânion (fotos do autor, 2017).



Foto 4 - Primeiro mapeamento completo do rio São Francisco. Acervo CHESF (Companhia Hidroelétrica do Vale do São Francisco), Paulo Afonso/BA (foto do autor, 2013).



Foto 5 - “O flautista”: resto mortal restos mortais de jovem de aproximadamente 12 anos encontrado com um osso manipulado artesanalmente no formato de flauta. Datado de aproximadamente 9 mil anos. Acervo do MAX - Museu arqueológico de Xingó, Canindé de São Francisco/SE (foto do autor, 2017).



Foto 6 - O Lamento Kariri-Xocó. Cacique contempla a Ponte Dom Pedro II e a parede da Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso (foto do autor, 2017).



Foto 7 - Lago da represa de Paulo Afonso e o aparato técnico das linhas de transmissão de energia elétrica (foto do autor, 2017).



Foto 8 - Turbinas da PA4. Gigantesco aparato técnico encravado no granito que forjou o salto de Paulo Afonso (foto do autor, 2017).

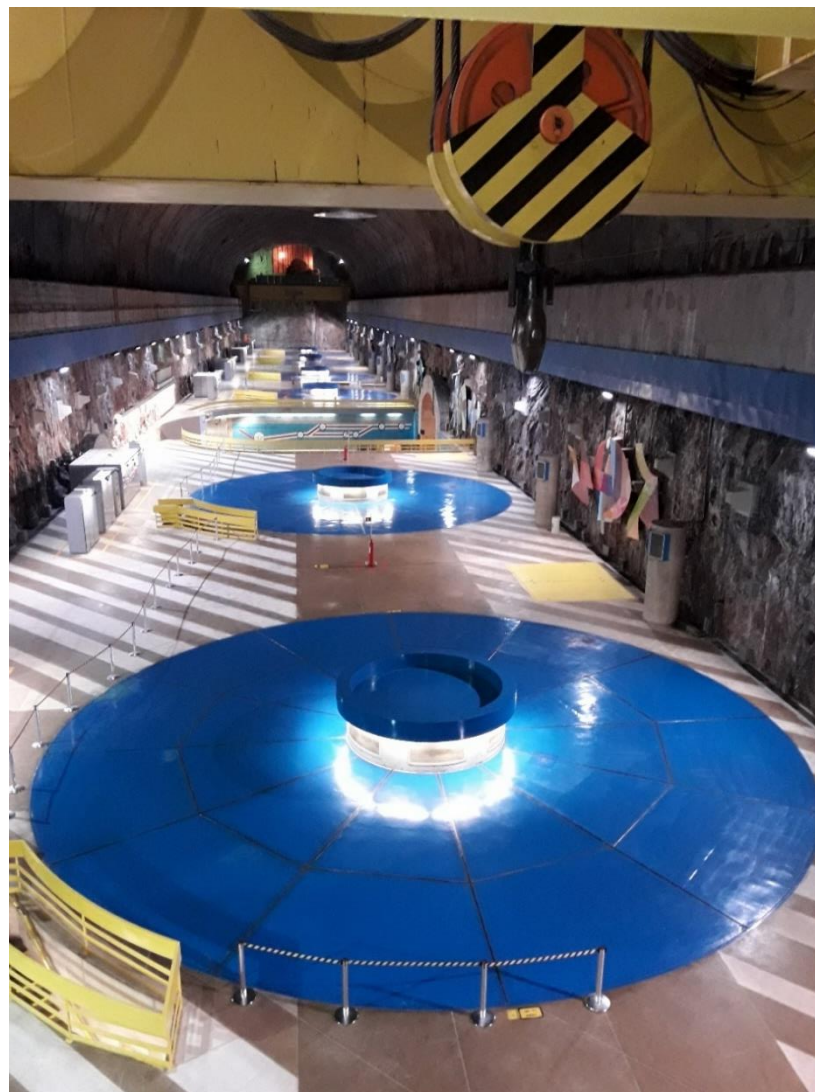


Foto 9 - Sala do Diretor Geral da CHESF, atualmente sem uso. Na forma de um gigantesco panóptico, a construção indica de modo inquestionável o poder e o modo como era exercido na Companhia (foto do autor, 2017).



Foto 10 - O solo raso e ressecado de Canudos faz com que o horizonte rochoso se evidencie. Nada fica enterrado aqui eternamente, nem as injustiças (foto do autor, 2017).



Foto 11 - Local em que se agruparam as mulheres sobreviventes da guerra. No segundo plano da imagem, o açude Corcorobó no fundo do qual repousa a velha Canudos (foto do autor, 2017).



Foto 12 - Teatro de operações militares. Além das muitas batalhas, a estratégia de trincheiras utilizada pelos jagunços conselheiristas desorientou os soldados e deu grande vantagem aos sertanejos (foto do autor, 2017).



Foto 13 - Fotografia de Maria Avelina dos Santos exposta a céu aberto no Parque Estadual de Canudos/BA, uma das testemunhas da guerra segundo o olhar de Pierre Verger. As marcas de expressão parecem definir uma trajetória de dificuldades que teve na guerra seu estopim quando ainda era criança (foto do autor, 2017).

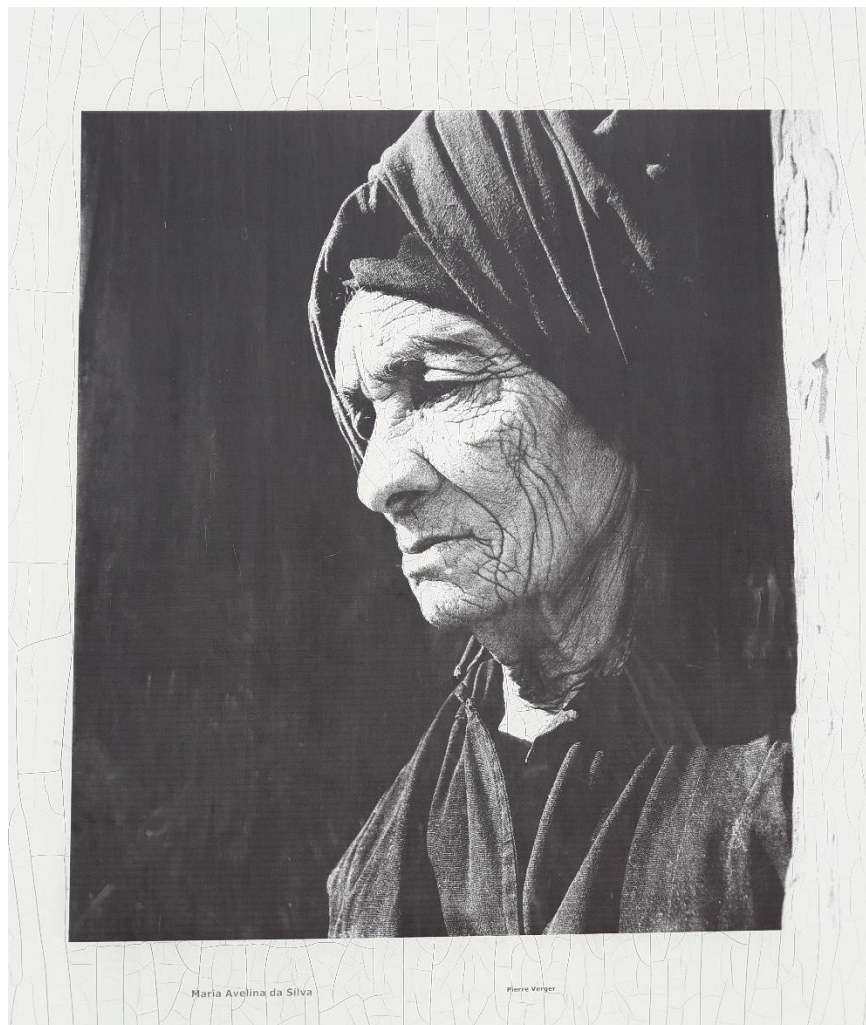


Foto 14 - Cânion do São Francisco visto da Ponte Dom Pedro II, logo depois da PA4. Separa os estados de Alagoas (à esquerda) e Bahia (à direita) (foto do autor, 2017).



DO OUTRO LADO DO MUNDO TEM O QUÊ?

Alex Dias de Jesus

Muitos de nós, geógrafos, enveredamos por esse caminho depois de nos perguntarmos muito sobre os lugares e as coisas. Movidos pela curiosidade, avançamos sempre um passo a mais no terreno e um dedo sobre o mapa. A distância e a diferença provocam em nós mais fascínio que desconforto. Isso não é regra absoluta, obviamente, mas muitos se movem por perguntas e, por isso, o desconhecido nos lança à frente. Eu sou um desses, felizmente. Ando e me pergunto o tempo todo e, como não acho todas as respostas, ando sempre mais um pouco.

Ciente de que meu corpo em movimento cartografa o mundo, busco ampliar essa cartografia pessoal sempre que possível. Com esse propósito, juntei as minhas dúvidas em uma mochila e, certa vez, embarquei para a China. Queria descobrir o que existe do outro lado do mundo, apesar do *lado de lá* entrar no *lado de cá* com frequência cada vez maior. Porém, queria pisar no seu chão, rasurar o seu espaço, cartografar.

Do *lado de lá*, no Oriente, há um pedaço de Ocidente. Dizem que em Hong Kong (imagem 1), as duas “bandas” do mundo se encontram. Gentes, muitas gentes se adensam no conjunto de ilhas conectadas por um complexo sistema de metrô por cima e por baixo da terra e até debaixo do mar. Luzes, línguas, cheiros e muitos movimentos entrelaçados, infinitas rasuras. Na ilha de Lantau, o concreto que predomina nas outras ilhas dá lugar ao verde. Ali, quase todo mundo vem ao encontro do *Tian Tan Buddha*, uma estátua de 26 metros de altura, no topo de uma colina (imagem 2). Essa

estátua compõe um conjunto de monumentos do monastério budista *Po Lin* (imagem 3), que mistura nativos e turistas o ano inteiro. Entre cliques e preces, a vida segue.

Antes de ingressar na China continental, dá tempo de conferir um veículo de transporte de encomendas (imagem 4). Penso imediatamente na complexidade da logística que deve ser para suprir um imenso país e o mundo com um sem-fim de mercadorias. Coisas, dinheiro e pessoas circulando todo o tempo. Essa é a cara do leste da China, das grandes cidades, da China que é vista. Para falar em visibilidade, nada é mais exemplar que Xangai (imagem 5). Mais de 25 milhões de habitantes, arranha-céus altíssimos, câmeras por todos os lados, vigilância e controle. Essa é a vitrine da nova China altamente moderna.

Distante 180 km a sudoeste de Xangai, outro absurdo chinês: a impressionante Hangzhou (imagem 6), cidade que cresceu ao redor do *West Lake* (imagem 7), a principal atração turística dali. Tudo parece ordenado, como plantas de um enorme jardim. Chineses de diversas partes usam a cidade para descanso nas férias. Além deles, alguns outros estranhos como eu. Entre o vai e vem infinito de pedestres, motos e ônibus, os “locais” se encontram religiosamente todos os dias para dançar (imagem 8) e praticar esportes. Pouco a pouco vão chegando; um traz o som, outro a água e logo começam a festa diária. Parecem pouco se importar com os curiosos. Parecem desfrutar a beleza daquele lugar. Curioso, tento ler as inscrições dos monumentos, mas isso me é impossível. Contento-me com a leitura da leitura (imagem 9). Nas redondezas, plantações dos mais caros chás do mundo (imagem 10) que eu nem ousa dar maiores detalhes.

Em Pequim o contraste se acentua. Entre edifícios ultramodernos, os *hutongs* - vilas e ruas antigas – permanecem no centro da cidade. A imensidão da “Cidade Proibida” (imagem 11) parece pequena quando vista em outra escala, em conjunto com os igualmente imensos parques e praças. Buscando algo mais “real” para poder comparar em ilusão de igualdade, fui à Biblioteca Nacional da China (imagem 12). Me perdi. Descobri depois que mais de 30 milhões de livros compõem o seu acervo. Milhares de estudantes passam por ali todos os dias, mas o silêncio é inspirador. A pouco mais de 100 km dali, o grande tesouro, a milenar Muralha da China (imagem 13), resistindo à passagem do tempo, como recado para dizer que nem tudo se vai. Do outro lado do mundo tem um mundo e infinitas possibilidades de leitura dele.

1

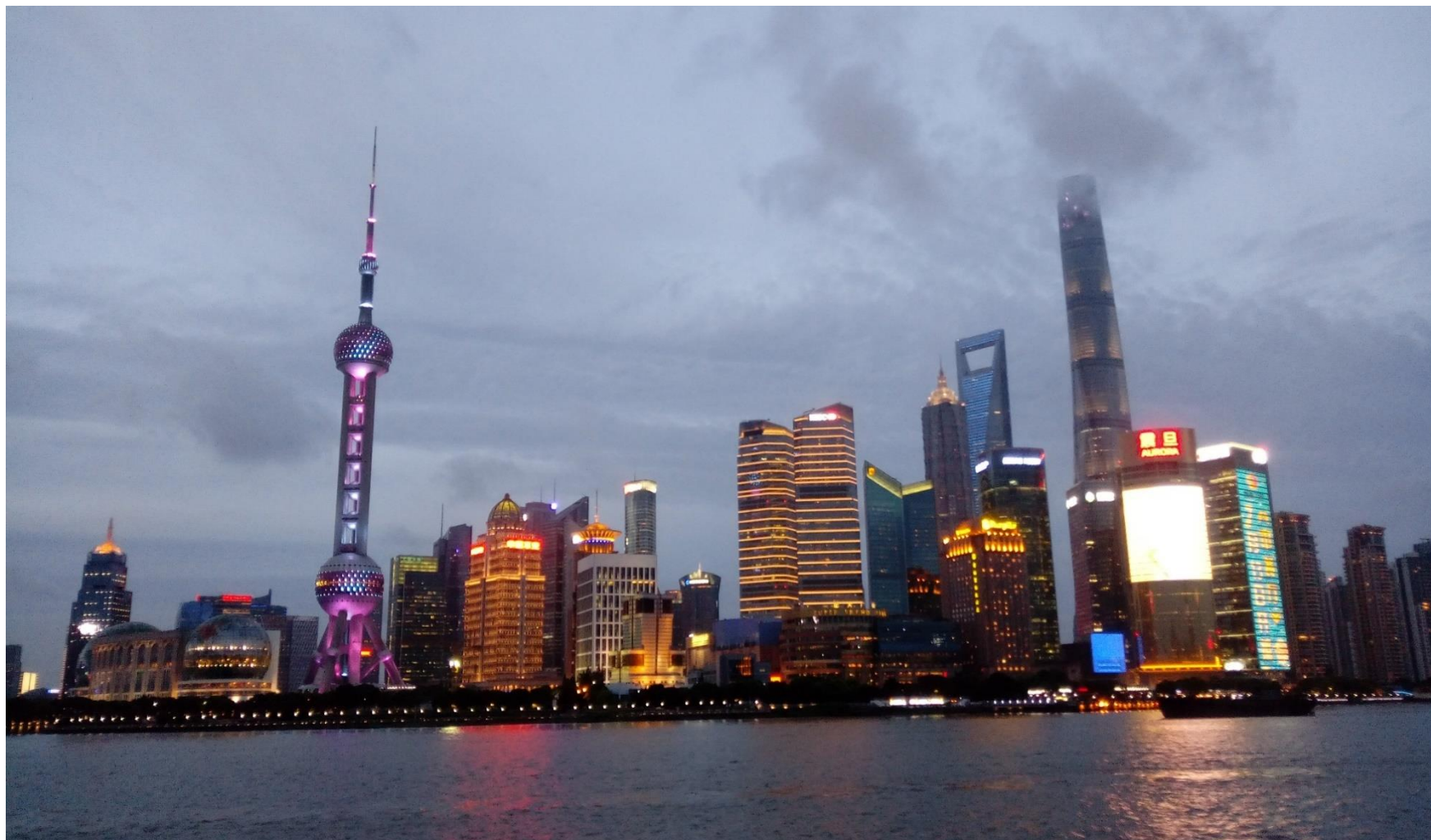




3





















Imagens: *Hong Kong Island* (imagem 1 e 4); *Lan Tau Island* (imagens 2 e 3); *Xangai* (imagem 5); *Hangzhou* (imagens 5, 7, 8 e 9); Plantação de chá nos arredores de *Hangzhou* (imagem 10); Pequim (imagens 11 e 12); Muralha da China, trecho de Jinshanling (imagem 13).

SITUAÇÕES GEOGRÁFICAS E ESTADO: AÇÕES E OMISSÕES DELIBERADAS

Adauto de Oliveira Souza

A histórica e decisiva atuação do Estado no processo de desenvolvimento capitalista em geral, e, especificamente no Brasil, tem sido amplamente analisada, dada a sua relevância e as determinações que exerce na produção espacial. Com esse pressuposto, organizamos um conjunto de imagens que, de algum modo, expressa alguns “momentos” de nosso percurso acadêmico nestas quase quatro décadas de atuação como professor/pesquisador. Esse período mostra que persistiu um perfil profissional vinculado à temática que envolve a relação do Estado com a economia e a sociedade, suas interações espaciais e suas contradições, em território do atual Mato Grosso do Sul.

Trata-se de entender a atuação do Estado, materializada em políticas públicas. As políticas públicas são concebidas como um sistema de decisões políticas que se desencadeiam em **ações ou omissões**, preventivas ou corretivas, buscando a manutenção ou mudança da realidade de um ou vários setores da vida social/regional, por intermédio da definição de diretrizes, objetivos e estratégias de atuação e da alocação dos recursos necessários para atingir os objetivos estabelecidos.

Se o Estado socorre o capital com vultosos recursos públicos (por meio de generosos financiamentos e incentivos fiscais) é de se supor que outros setores (investimentos sociais públicos) sejam sacrificados. Como leciona Francisco de Oliveira, “o fundo público aprofunda seu lugar como pressuposto do capital”¹⁸.

No interior desse processo, ganham relevância as narrativas que justificam a ação do Estado. Insere-se nesse contexto o “fogo das ideias”, essencial ao convencimento, ou seja, a ideologia que se internaliza nas mentes humanas (imagens 1 e 2).

Os governos, em Mato Grosso do Sul, histórica e deliberadamente adotaram uma política de desenvolvimento regional polarizado, instalando distritos industriais (imagens 3, 4, 5 e 6) nas suas chamadas cidades-polos: Dourados, Campo Grande, Corumbá e Três Lagoas.

Nestas cidades foram priorizados os investimentos públicos, os financiamentos aos empreendimentos (imagens 7 e 8) e incentivos fiscais (imagem 9), além de outras políticas intraurbanas, como habitação popular, que, em Três Lagoas, por exemplo, levou à construção de um conjunto residencial sobre o antigo lixão (imagem 10). Em Dourados, por sua vez, o conjunto habitacional projetado – para seus trabalhadores – não foi edificado. Apenas o arruamento e rede (seca!) de abastecimento de água (imagem 10).

Trouxemos também aspectos da ação do Estado que reforça a opção pela política, que, por sua vez, reforça a topologia extravertida da rede de transportes sul-mato-grossense. Trata-se de recursos públicos destinados ao setor rodoviário (imagem 12), mas também investimentos na hidrovía do rio Paraguai.

Modais de transportes para atender o agronegócio globalizado e, segundo discurso ideológico, ganhar competitividade. Na realidade, somente os agentes hegemônicos da economia conseguem converter a fluidez potencial em fluidez efetiva, ou seja, ampliam sua mobilidade geográfica por meio do uso corporativo do território. Tal pressuposto é válido igualmente para o modal hidroviário (imagem 13), no qual “os tempos rápidos invadem os

¹⁸ OLIVEIRA, Francisco. *Os direitos do antivalor*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 44.

tempos lentos e pode tornar-se, no lugar, mais um fator de diferenciação e de regulação da sociedade e do território”¹⁹. Trata-se de uma operação de transformação do ambiente natural em consonância com as necessidades impostas pelo desenvolvimento econômico. “Naturalmente”, tal intervenção implica em sérios danos à natureza.

Tratamos das políticas de Estado do ponto de vista atual – expressa na Parceria Público Privada (PPP) do saneamento básico (imagem 14) quanto de um passado histórico recente – materializado na construção e abandono da obra do Frigorífico do Peixe (imagens 15, 16 e 17), próximo à cidade de Dourados, que deveria processar a produção da piscicultura regional.

Mas, como o Estado é um lugar de exercício de poder e um campo de lutas, vislumbramos também algumas políticas direcionadas – em determinado momento histórico, neste início do século XXI – para as classes dominadas. A primeira expressa o Programa de Assistência Farmacêutica, denominado “Farmácia Popular do Brasil” (imagem 17) e a outra, o “Programa Mais Médicos”, o qual, ao destinar-se a melhorar a atenção básica em saúde, no país, produziu reação contrária dos interesses corporativos, inclusive de estudantes de medicina. Os futuros médicos traziam cartazes com o conhecido pedido de “Fora Dilma”, utilizado até a concretização do golpe de 2016 (imagem 19).

Uma outra ação consubstanciou-se no programa “Territórios da Cidadania”, voltada a contemplar pequenos produtores rurais (imagens 20 e 21).

Enfim, trata-se de uma proposta que permite diversas possibilidades de leituras. De nossa parte, concebo que devemos explicitar as diferenças essenciais entre Estado e mercado: O Estado ainda é o único agente que tem responsabilidade com a totalidade do território e da sociedade. Nesse sentido, expressou-se o movimento estudantil douradense que, na luta pela mobilidade e acessibilidade urbana, ocupou as ruas e o “espaço de poder” expresso na Câmara Municipal de Vereadores de Dourados (imagens 22, 23, 24 e 25).

Sob o ideário liberal dos mercados, em nome da eficiência e da competição, a ética da solidariedade foi substituída pela ética da concorrência e da meritocracia.

¹⁹ SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 84.

Compreender as gentes e os setores econômicos atendidos (ou não!) pelas políticas do Estado, contribui para compreender a produção espacial. Enfim, trata-se de uma proposta que permite diversas leituras e interpretações.

1





3







6









































Fontes e dados das imagens: Imagem 1 – *Outdoor* instalado em Campo Grande (MS) exaltando a política industrial sul-mato-grossense como instrumento de geração de empregos, investimentos e renda; Imagem 2 – Desfile no aniversário da cidade de Três Lagoas, evidenciando a fábula idílica da industrialização como “desenvolvimento”; Imagem 3 - Vista aérea dos Distritos Industriais de Três Lagoas (I e II), do aeroporto, do lago formado para a instalação da Usina Termelétrica de Jupiá; Imagem 4 - Distrito Industrial de Campo Grande (MS); Imagem 5 – Distrito Industrial de Dourados; Imagem 6 – Área do Distrito Industrial de Corumbá, com ocupações residenciais, do auto-denominado bairro “Nova Aliança”; Imagem 7 – Placa de financiamento do BNDES à construção de Armazém no Distrito Industrial de Dourados. Hoje tal armazém pertence a um grupo de fazendeiros do agronegócio, e Mato Grosso do Sul ainda paga a dívida do financiamento; Imagem 9 – Antigo Lixão da Cidade de Três Lagoas, hoje área de um conjunto residencial popular; Imagem 10 - Distrito Industrial de Dourados: área reservada para construção habitacional, com arruamento e rede de abastecimento de água; Imagem 11 - Vista parcial da rodovia estadual MS-178 “Estrada do Porco” - Extensão que interliga o Polo Turístico do Pantanal com o da Serra da Bodoquena; Imagem 12 - Vista aérea de embarcação no rio Paraguai, próxima à cidade de Corumbá (MS); Imagem 13 - Seminário promovido em 2019 pela Assembleia Legislativa sobre a PPP da SANESUL; Imagens 14, 15 e 16 – Frigorífico do Peixe, na cidade de Dourados (obra financiada e inacabada); Imagem 17 – unidade própria do Programa Farmácia Popular, em Dourados. Unidade fechada pós golpe de 2016; Imagem 18 – Acadêmicos de Medicina protestando (ou defendendo interesses corporativos); Imagens 19 e 20 – Projeto apoiado pelo Programa Territórios da Cidadania – coletivo de mulheres do Distrito de Santa Teresinha/Itaporã (MS); Imagens 21, 22, 23 e 24 – acadêmicos lutando pela implantação da política de mobilidade urbana (e passe livre) em Dourados.

PRAIA DE MACANETA, MOÇAMBIQUE

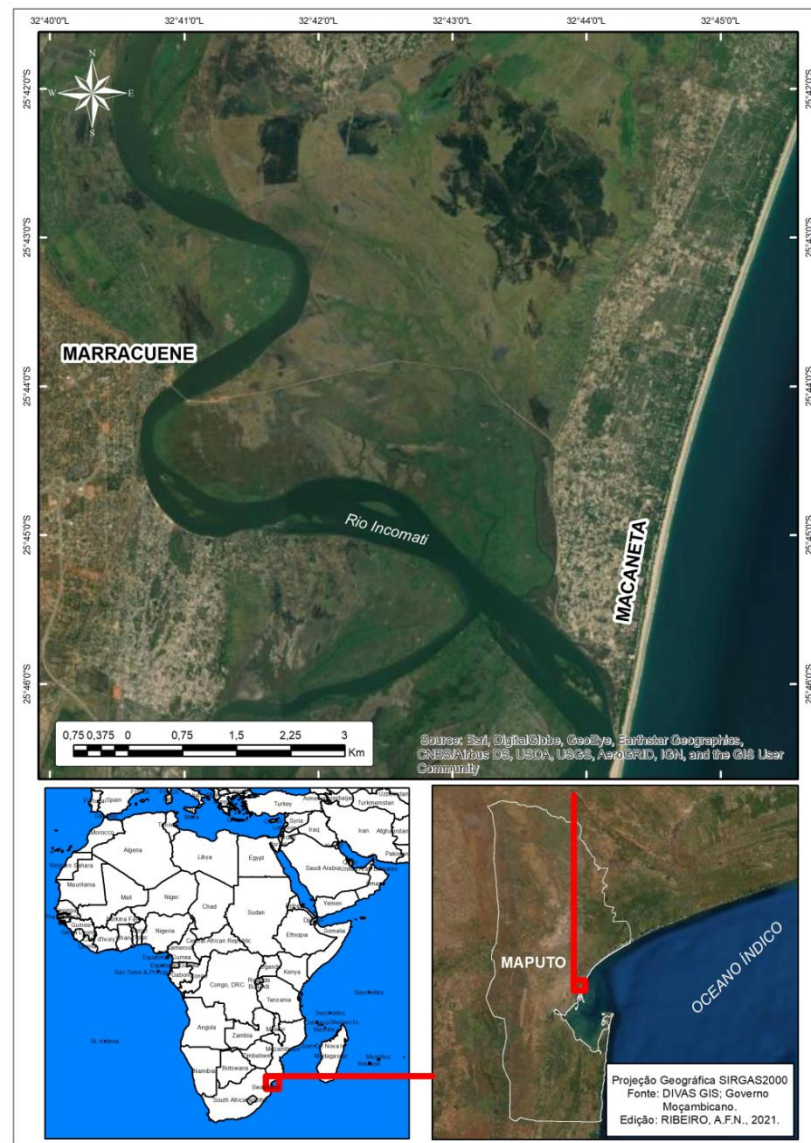
Edvaldo Cesar Moretti



Para Silvana Lucato Moretti,
sem a força dessa mulher não seria possível
superar os receios dessa jornada.

Em um tempo não muito distante era possível realizarmos projetos de pesquisa no Brasil com apoio dos órgãos públicos. Em um tempo não muito distante foi diminuída a distância entre o Brasil e alguns países africanos, entre eles Moçambique. Nesse tempo, realizamos o projeto “*Práticas sociais e saberes de mulheres e homens e a produção do território rural no Distrito de Marracuene em Moçambique: viabilidade das alternativas produtivas no mundo da sustentabilidade*”, financiado pela AULP/CAPES. O projeto permitiu experiências de pesquisas e contribuiu com a formação de jovens estudantes moçambicanos e brasileiros. Nas andanças dos pesquisadores brasileiros em terras moçambicanas, um lugar foi escolhido para realizarmos formalmente a pesquisa, o Distrito de Marracuene.

O lugar



O lugar das imagens é a Praia de Macaneta, localizada no Distrito de Marracuene, Moçambique – África, lugar onde rio e mar fazem parte da existência das pessoas (imagem 1). O Oceano Índico significa sobrevivência. A atividade da pesca é realizada na solidariedade, no coletivo. A praia e o mar significam possibilidade de vida, de trocas, de relações entre pessoas que produzem o lugar. Em uma estreita parcela da praia que separa e une o rio Incomati e o Oceano Índico (imagem 2), as redes de pesca são retiradas (imagem 3), os peixes coletados são separados por tipo e valor (imagem 4); alguns possuem valor no mercado de peixes, outros são para a subsistência das famílias dos pescadores. Na praia, mesmo os peixes são amontoados, armazenados em buracos na areia (imagem 5). O transporte dos peixes da praia para as casas e para as feiras, é realizado por mulheres, que carregam o fruto do trabalho na cabeça (imagens 6 e 7) e, ainda, as mulheres, comercializam os peixes salgados ou fritos nas feiras das áreas urbanas (imagem 8).

Mas, atualmente - tempo de alargamento do mundo - a praia de Macaneta é diminuída para as pessoas do lugar, para os pescadores, para as mulheres e para as crianças. O contraste é, então, tão visível como um “homem-placa-artefato” branco, com câmera fotográfica a tiracolo, a indicar um *novo* Índico, pois que já não é/será o mesmo com tanta gente de longe; os caminhos são outros, lados opostos, *apartheid* (imagem 9). Macaneta é ocupada por outras línguas, uma língua diferente das 42 línguas oficiais faladas em Moçambique; turistas brancos com seus hotéis, seus quiosques, suas camionetes, seus modernos equipamentos de pesca (imagens 10, 11 e 12). É simbólica e concreta a inauguração, em 23 de novembro de 2016, da ponte de concreto sobre o rio Incomati, diminuindo a distância entre a vila sede do Distrito de Marracuene e a praia de Macaneta: são 310 metros que aproximam Macaneta do aeroporto, da rodovia, da África do Sul. (Imagem 13). A praia passa a ter dono, dono que não convive, que expulsa. A praia deixa de ser para a vida, agora é para a contemplação, para o branco, para o dinheiro. Pescar, ficar na praia é resistir, é viver. (Imagens 14 e 15).

1





























Fonte das imagens

Autoria das fotos: Edvaldo Cesar Moretti.

Fotos: 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 10; 11; 12; 14; 15. Praia de Macaneta, 2014.

Foto 8: Comércio de peixe na feira de Marracuene, 2014.

Foto 9: Indicação de hotel em Marracuene, 2015.

Foto 13: Ponte sobre o rio Inconáti. Acesso à praia de Macaneta, 2016.

A GEOGRAFIA NO DINAMISMO DO MUNDO VIVIDO: PAISAGENS EM CORES-TEXTURAS-SIMETRIAS-FORMAS-GENTES

Charlei Aparecido da Silva

Paisagem, aquilo que imediatamente se vê de forma sensorial por sua compleição, cores e texturas, pela qual imediatamente percebemos o mundo ao nosso redor. No cognitivo, criamos memórias nas quais paisagens são fatores determinantes de compreensão da espacialidade do mundo (Schama, 199); Cauquelin, 2007). Para a Geografia, essa escala analítica, PAISAGEM, revela a complexidade do mundo vivido ao combinar concomitantemente formas-estrutura-função a partir do acúmulo do tempo social e natural. É na compreensão da complexidade de paisagens que o geógrafo toma para si o tempo-transformação presente na relação sociedade-natureza.

O interesse dos geógrafos pela paisagem está presente no âmago daquilo que veio a se constituir a Geografia como Ciência no século XIX, mas sua importância remonta em períodos muito anteriores (Claval, 2004; Gomes, 2017). A descrição das formas das paisagens por séculos se constituiu como o principal instrumento de materialização do território e, mesmo, dos lugares, essencialmente pelo olhar aguçado de observadores e pela oralidade. Há de se lembrar qual era a configuração especial do mundo até o século XIV e, mesmo, as dificuldades encontradas para o registro das paisagens-território até o final do século XIX; daí a importância daquilo que se instituiu chamar de relatos de viajantes. A Cartografia, com os mapas elaborados nos períodos clássico e medieval, traz consigo os signos da percepção da PAISAGEM e sua importância para a Geografia (Besse, 2006).

Tomemos a obra de Humboldt como exemplo: ela é marcada por uma minuciosa descrição de paisagens e seus significados sob o ponto de vista natural e mesmo social (Wulf, 2015). Sua visão integrada e interdependente das paisagens que conheceu em suas viagens de estudo fornece elementos essenciais para compreensão do mundo para além da Europa, um mundo inclusive pouco conhecido e ainda por ser conquistado e dominado.

Olhares sobre paisagens assim carregam evidentemente o olhar do sujeito-observador, suas experiências e entendimento de si e do mundo; trazem a materialidade do dinamismo do mundo vivido; os registros pelos quais há o desejo de externalizar o próprio mundo pelo qual ele transita. Não há subjetividade, pelo contrário, há em si uma intencionalidade, a qual, para o geógrafo, é uma opção inevitável e deve ser estimulada.

O estro do registro e da análise de paisagens visa ser um instrumento crítico, cuja condição imagética permite o diálogo com o outro, muitas vezes até mesmo sem a necessidade do exercício textual, da escrita. O estímulo sensorial posto pelo registro da paisagem deve (deveria mesmo) ser capaz de gerar ações de causalidade e despertar indagações no âmbito da Geografia. Questões como: Onde? Por que? Como? Quando? têm que se fazerem presentes no primeiro plano e, com elas, a própria essência do conhecimento geográfico na forma de sua interpretação. Devemos lembrar que a PAISAGEM não é única dos geógrafos, a geograficidade dar-se-á sempre no campo da análise, na perspectiva analítica posta sobre ela; por tal razão o empírico é um elemento dos mais importantes para a Geografia (Silva; Berezuk, 2021).

Existe uma lógica na captura de imagens quando o objetivo é estabelecer um diálogo geográfico. O desafio sempre está na transposição dos sentidos e no privilégio dado à percepção visual. Pinturas rupestres configuram-se como os registros mais antigos do esforço humano dedicado à representação de suas paisagens e à importância delas no seu contexto social.

Com o aprimoramento de técnicas, fazendo uso de materiais diversos como barro, tecido, metal, papel, couro, a humanidade sempre procurou registrar paisagens. Todavia, o advento da fotografia foi aquilo que transformou radicalmente a forma de captura da imagem-paisagem, e, mais recentemente a possibilidade de tê-la na forma digital e realizada a partir de dispositivos móveis de acesso de massa e conectados à rede mundial de computadores, a internet. O consumo de imagens é resultado de uma sociedade que produz e consome diuturnamente lugares, formas, texturas,

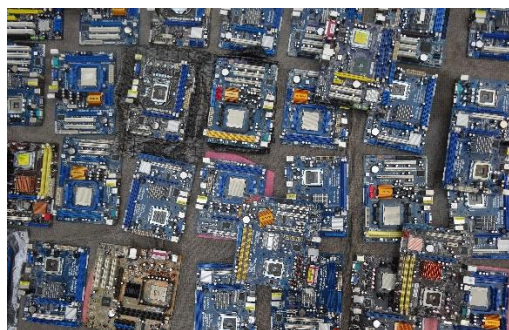
estruturas, simetrias; consome gentes, sempre havendo a exigência de um recorte dado pelas limitações dos equipamentos utilizados e pelo olhar do sujeito-observador.

A imagem-paisagem é a captura de um fragmento do espaço-tempo que fica preso, imóvel, e, em certa medida, contraditoriamente, se esgota, não traz consigo o dinamismo do mundo vivido a não ser pelo olhar do sujeito-observador que fez o registro. Aqui se revela o ponto de deflexão e a importância da imagem-paisagem para a Geografia; o sentido do registro dá lugar ao da análise. O significado real da materialidade dá lugar à subjetividade da interpretação do outro e, muitas vezes, nela se vê, mas a desconhece no mundo vivido. É, portanto, no ponto de deflexão que se dá a análise geográfica, a qual traz consigo conceitos e aspectos técnicos e teóricos da Geografia. O observador traz consigo todo um sistema histórico-cultural e mesmo socioeconômico que influencia diretamente interpretação (Bertrand, 2004). É evidente, portanto, a necessidade da construção de um olhar-geográfico que permita o registro da imagem-paisagem e de sua interpretação. Ultrapassar o campo do visível, descortiná-la, é um ato complexo e desafiador; é por traz dela que está a complexa relação sociedade-natureza e tempo-espaço (Verdum; Vieira; Pinto; Silva, 2012). A captura da imagem-paisagem, portanto, deve ultrapassar o aspecto estético e ilustrativo e se transformar em uma fotogeografia que traga consigo elementos presentes no dinamismo do mundo (Steinke; Reis Junior; Costa, 2014).

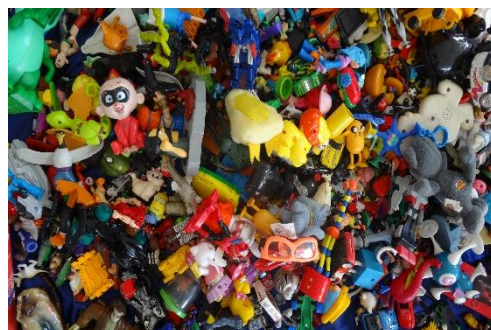
Neste sentido, a construção das lâminas apresentadas neste ensaio segue uma lógica que visa dialogar sobre um mundo vivido que é marcado por elementos sociais e naturais, cuja complexidade não está no registro em si, mas sim na interpretação e no processo de análise - o leitor é, portanto, um sujeito ativo. De forma intencional, os temas escolhidos são substantivos femininos que se fazem presentes na Geografia de diferentes formas e escalas. As imagens escolhidas são, assim, uma articulação escalar que prioriza o processo do olhar sobre paisagens às vezes marcadas no primeiro plano por elementos naturais, e em outros momentos sociais, que revelam a Geografia e as múltiplas possibilidades de seu entendimento.



[A]



[B]



[C]



[D]

TEXTURAS

Substantivo feminino.

1. tecido; trama.
2. união íntima das partes de um corpo; contextura.

A paisagem está na escala do olhar, carrega a percepção do indivíduo, a qual antecede sua compreensão, daí a importância dos fractais em sua estrutura e forma – quem dera pudéssemos enxergar os fractais imediatamente.

“[...] a paisagem e suas representações a partir de produtos estéticos e culturais apresentam-se como expressões humanas diversas, na literatura, nas artes visuais e na música. A produção de significados das práticas humanas revela-se pelas diversas linguagens que podem decodificar estes significados por meio da interpretação” (Verdum; Vieira; Pinto; Silva, 2012, p. 11).

[A] Deserto do Atacama, arredores do povoado de São Pedro, Chile – fotocomposição.

[B] Placas de computadores usadas, Feira de Tristán Narvaja, Montevideo, Uruguai.

[C] Brinquedos, peças antropomórficas, Feira Praça Dom Orione, bairro do Bexiga, São Paulo, Brasil.

[D] Especiarias, Mercado Municipal de São Paulo, Brasil.



[A]



[B]



[C]



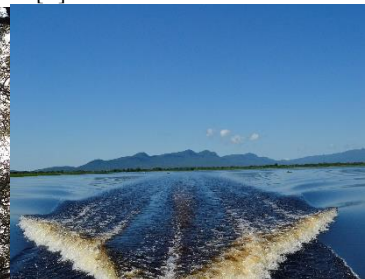
[D]



[E]



[F]



[G]



[H]

SIMETRIAS

Substantivo feminino.

1. conformidade, em medida, forma e posição relativa, entre as partes dispostas em cada lado de uma linha divisória, um plano médio, um centro ou um eixo.

2. semelhança entre duas ou mais situações ou fenômenos; correspondência.

As simetrias do mundo escondem complexidades que necessitam ser compreendidas, estudadas e reveladas. A busca por padrões na natureza e na sociedade é um exercício geográfico constante.

“Os objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação” (Sauer, 2004, p. 22).

[A] Duto de transposição de água no Deserto do Atacama, Chile.

[B] Palmeira Carandá, considerada a palmeira símbolo do Pantanal brasileiro. Passo do Lontra, Mato Grosso do Sul, Brasil.

[C] Edifício Sumitomo, Avenida Paulista, cidade de São Paulo, Brasil.

[D] Estação de metrô, Paris, França.

[E] Arenito, Formação Aquidauana. Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil.

[F] Fenômeno *cromm shyness* ou coroa tímida. Buenos Aires, Argentina.

[G] Rio Paraguai, Pantanal sul-mato-grossense, Brasil.

[H] Plantação de soja, bacia do Córrego Laranja Doce, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.



[A]



[B]



[C]

ESTRUTURAS

Substantivo feminino.

1. organização, disposição e ordem dos elementos essenciais que compõem um corpo (concreto ou abstrato).
- 2 aquilo que dá sustentação a alguma coisa; armação, arcabouço.

As estruturas são, dão, as formas das paisagens; são concernentes ao tempo (escala temporal) da natureza e da sociedade. O delineamento da paisagem é o acúmulo do tempo sobre ela.

“A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução” (Bertrand, 2004, p. 141).

[A] Serra de Maracaju, município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil.

[B] Lagunas Altiplánicas, Deserto do Atacama, Chile.

[C] La Défense, a modernidade de Paris, França.



[A]



[B]



[C]



[D]

CORES

Substantivo feminino.

1. Impressão produzida no olho pela luz, segundo a sua própria natureza ou a maneira pela qual se difunde nos objetos: as cores do arco-íris.
2. Aparência dos corpos segundo o modo como refletem ou absorvem a luz.

Cores definem paisagens, revelam suas características; uma composição geográfica se faz imediatamente no olhar. Nas cores se apresentam e, contraditoriamente, se escondem, o conceito tempo-paisagem. Um matiz geográfico que nem sempre é assimilado no curto tempo necessário para a captura da imagem.

“Aqui se trata, com a paisagem, de um a priori (a forma simbólica que filtra e emoldura nossas percepções da paisagem), mas esse a priori está incluindo num sistema de orientações e de valores combinados, produtos de uma gênese” (Cuquelin, 2007, p. 152).

[A] Área de plantação de soja, verão, região centro-sul de Mato Grosso do Sul, Brasil.

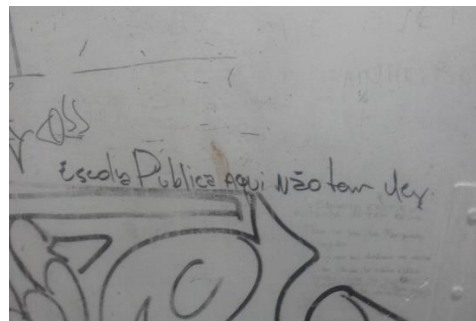
[B] Várzeas do Rio Ivinhema, região centro-sul de Mato Grosso do Sul, Brasil.

[C] Paisagem de arenito, Formação Aquidauana. Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil.

[D] A aridez da paisagem, vilarejo no Deserto do Atacama, Chile.



[A]



[B]



[C]



[D]



[E]

ESCOLAS

Substantivo feminino.

1. latim *schola*, *-ae*, ócio dedicado ao estudo, ocupação literária, lição, curso, lugar onde se ensina.
2. Estabelecimento de ensino. Conjunto formado pelo professor e pelos discípulos.

As dimensões da Escola Pública interagem e compõem múltiplas paisagens; estão presentes de diversas formas, mas, em todos os casos, significam o lugar do acesso, do transgredir e de algo melhor.

“Na viagem, ao sair da “escola”, o intelecto deve verificar seu senso prático aplicando os conhecimentos adquiridos às circunstâncias, o espírito deve desembarcar das amarras da rotina e dos livros e, aprendendo a ver a natureza e os homens, atingir suas condições de liberdade” (Besse, 2006, p. 43).

[A] Escola pública, o ponto cardeal. Assentamento Itamarati, região centro-sul de Mato Grosso do Sul, Brasil.

[B] Dissimetria. Universidade pública, Unicamp, Campinas, Brasil.

[C] Elementos da escola pública, Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil.

[D] O lugar escola, vilarejo no Deserto do Atacama, Chile.

[E] O chegar em uma escola pública no Rio Amazonas, Manaus, Brasil.



[A]



[B]



[C]



[D]

GENTE(S)

Substantivo feminino.

1. Quantidade não determinada de pessoas; povo, multidão, população.
2. Nação, habitantes de um país, de uma região. Representação da humanidade.

Não há paisagens sem “gentes”. A invisibilidade é um fenômeno dos mais importantes na análise geográfica e na compreensão dos lugares, suas vulnerabilidades e significados no mundo.

“A paisagem sempre esteve intimamente ligada, na geografia humana, à cultura, à ideia de formas visíveis sobre a superfície da terra e à sua composição. A paisagem, de fato, é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, em uma unidade visual” (Cosgrove, 2004, p. 98).

[A] A lida na busca de espigas de milho, região centro-sul de Mato Grosso do Sul, Brasil. Para alguns, apenas aquilo que não me importo.

[B] As panelas de Vitória na lida, Espírito Santo, Brasil; a lida desconhecida, escondida por de trás do fogo e no barro.

[C] Catadora de materiais recicláveis na lida, município de Rio Brillante, Mato Grosso do Sul, Brasil. A invisibilidade da lida e da sustentabilidade imaginada.

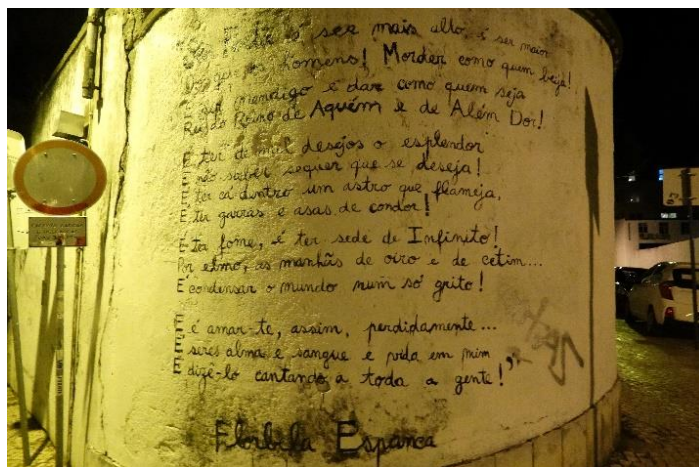
[D] Dia comum, o final de tarde, comércio de caranguejos no Delta do Parnaíba, área do Maranhão, Brasil. A lida depois do banho, fora do mangue.



[A]



[B]



[C]



[D]

GRAFITE(S)

Substantivo feminino.

1. Do verbo grafitar. Converter em grafita. Executar grafites em muros, superfícies.
2. Forma corrente de grafita. Inscrição ou desenho feito pelos antigos em monumentos:

A expressão social da escrita nos remete ao olhar do outro, um sujeito que muitas vezes não conhecemos. Na paisagem, ela registra o concreto, serve como interlocutora do tempo-espaço; em certas ocasiões torna os lugares e os fenômenos geográficos atemporais e a-espacial, marcam territórios.

“É a paisagem uma particularidade que agrega o universal, representa o geral em um recorte do espaço-tempo geográfico. A paisagem não existe para todos, poucos a identificam como tal; assim, se perfaz a necessidade de se aguçar um olhar capaz de interpretá-la” (Costa, 2014, p. 87).

[A] Palavras com significado universal. Parede de um banheiro da Université de Rennes 2, região administrativa da Bretanha, França.

[B] Chão-grade-poder, Estado translúcido. Casa Rosada, Praça de Maio, centro da cidade de Buenos Aires, Argentina.

[C] Ruela de encontros, idas e vindas, muro de uma casa na cidade de Lisboa, Portugal.

[D] Parede de uma casa abandonada, mas não esquecida, centro da cidade de Parintins, Amazonas, Brasil.



[A]



[B]



[C]



[D]

LOCALIZAÇÃO(ÕES)

Substantivo feminino.

1. Ato ou efeito de localizar(-se).
2. Condição do que está localizado.

Na Geografia, as localizações são únicas, uma coordenada expressa um ponto exato na superfície terrestre e nele ocorrem fenômenos geográficos que incorporam a ação da natureza e da sociedade sobre o território. Localizações são territórios socialmente reconhecidos.

“Os espaços da superfície terrestre, enquanto objetos de investigação, devem ser concebidos não como entidades simplesmente tridimensionais, mas como entidades quadrimencionais, como complexos de fenômenos espaço-temporais. São eles que, tanto em suas partes como em sua totalidade, constituem o campo de estudo geográfico” (Bobek.; Schmithusen, 2004, p. 76).

[A] Latitude 23° 26'16" Sul, Trópico de Capricórnio. Verão no Deserto do Atacama, Chile.

[B] Simbolismo de um tempo, ano de 2018. Estrada BR-267, trecho entre Casa Verde, município de Nova Andradina, e, Bataguassu, Mato Grosso do Sul, Brasil.

[C] Um olho d'água somente nunca é! Nascente do Rio São Francisco, Parque Nacional da Serra da Canastra, município de São Roque de Minas, Minas Gerais, Brasil.

[D] Matacão, exuberância, Lajedo de Pai Mateus, caatinga, município de Cabaceiras, Paraíba, Brasil.



[A]



[B]



[C]



[D]

CERCA(S)

Substantivo feminino.

1. Obra feita de lascas de bambu, ripas, arame esticado etc. que contorna um espaço e impossibilita o acesso a ele.
2. Sebe de arbustos ou valado em torno de um terreno, para o demarcar.

A delimitação do território é um ato geográfico, às vezes sem sentido, às vezes carregado de violência, em outras de conectividade. A delimitação em si, o cercamento, profere uma forma de poder espacial-histórico.

“As imagens possuem a capacidade de mostrar aos olhos do observador aquilo que ele habitualmente olha, mas não vê. Elas exigem a contemplação e o exame acurado do objeto da descrição. As escolhas do que deve figurar, dos conteúdos das imagens e as alternativas de como fazê-lo (de ponto de vista, de escala, de composição, de distâncias, de relação entre os planos e etc.) são elementos de julgamento e de conhecimento” (Gomes, 2017, p. 27).

A] Muro de condomínio na área urbana de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Limite com a terra indígena Bororó e Jaguapiru, – fotocomposição.

[B] Divisa do Brasil com o Paraguai, área da Aldeia Pirajuí, município de Paranhos, Mato Grosso do Sul, Brasil.

[C] David Harvey está correto. Comunidade no Delta do Parnaíba, estado do Maranhão, Brasil.

[D] Cascalheira, município de Antônio João, Mato Grosso do Sul, Brasil.



[A]



[B]



[C]



[D]

MODERNIDADE(S)

Substantivo feminino.

1. Caráter do que é moderno, do que se refere ao tempo presente ou a uma época relativamente recente; modernismo.
2. O que existe ou passou a existir recentemente.

As paisagens do antropoceno, demonstram, caracterizam, marcam, o impacto do homem sobre a Terra. Trazem consigo signos da relação homem-natureza, a forma como interagimos com o meio, a obtusa visão de curto prazo.

“A paisagem, eu afirmaria, é um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado” (Duncan, 2004, p. 106).

A] Lixão a céu aberto, município de Deodápolis, Mato Grosso do Sul, Brasil.

[B] Área de deposição irregular de Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) às margens do Rio Amazonas, área urbana de Parintins, Amazonas, Brasil.

[C] Deposição de resíduos, lixão a céu aberto no Deserto do Atacama, Chile.

[D] Afloramento de chorume, lixão desativado, hoje área do perímetro urbano de Dourados, município de Mato Grosso do Sul, Brasil.



[A]



[B]



[C]



[D]



[E]

ILUSTRAÇÃO(ÕES)

Substantivo feminino.

1. Comentário que esclarece algo explicando; esclarecimento, elucidação.
2. Ação ou efeito de ilustrar. Ato de elucidar, de esclarecer.

Técnicas permitem transmutar paisagens, mas não o seu significado; este se encontra na relação tempo-espaço, na interação homem-natureza, na sua interpretação. A escolha de como fazê-lo é o que o torna importante no âmbito da Geografia.

“As fotografias, aqui, tornam-se expressões poéticas, artísticas, culturais, de pontos de vista, constituindo em uma forma de “olhar” para as coisas, objetos, elementos, discursos, mas acima de tudo, que possibilita uma visão acerca de recortes espaciais e as múltiplas experiências que as permeiam” (Gomez; Fernandez; Prado, 2022, p. 145).

[A] Silhueta da Serra de Maracaju, município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, linearidade da paisagem - fotoilustração.

[B] Feira da Ladra, cidade de Lisboa, Portugal. Os primeiros registros remontam ao século XIII, o tempo se desnuda na forma de objetos e pessoas - fotoilustração.

[C] O silêncio entre luzes e trevas. Interior da Catedral de Notre-Dame de Paris, França.

[D] As margens da/na cidade do Porto, rio do Porto, Portugal - fotoilustração.

[E] Homem-mangue. A interação do homem com o seu meio e o exercício diário do viver. Delta do Parnaíba, área do Piauí, Brasil – fotocomposição.

CONSIDERAÇÕES (FINAIS)

As imagens presentes neste ensaio resultam de experiências de campo e missões de trabalho; viagens nas quais o trabalho deveria ter sido secundário, mas, depois de algum tempo, observar e registrar a PAISAGEM torna-se algo intrínseco ao viajante que nunca deixa de ser geógrafo de fato. Em certa medida, até a escolha dos lugares visitados estão carregados de uma intencionalidade na qual a Geografia, e seu significado, se fez(faz) presente. O processo de seleção de 51 imagens, dispostas e ordenadas em onze temas, envolveram determinar elementos que pudessem permitir a compreensão da Geografia sob vários aspectos; nelas afloram elementos da relação sociedade-natureza, cuja complexidade de análise poderá ser ampliada, metamorfozada, em função da percepção e das experiências do leitor, e, por isso, as imagens são protagonistas em si. Quando possível, optou-se por não identificar o ano do registro da imagem na intenção de permitir ao leitor pensar sobre o tema e seu contexto de forma atemporal. Trata-se de instigar o olhar e a análise do significado da paisagem no âmbito da Geografia, a partir da percepção do leitor. As referências utilizadas são sugestões ao aprofundamento do estudo da PAISAGEM; o interlocutor-leitor poderá (deve) acrescentar outras, a intenção é o pensar e o registro de outras paisagens.

Há de se considerar que a proposta aqui apresentada traz consigo a *escala* como um elemento importante no registro das imagens, das paisagens. A escala, em certa medida, revela a geograficidade daquilo que será, no futuro, objeto da análise; elucida a percepção do observador sobre a paisagem; cria vínculos entre a paisagem observada e o observador. É partir dela (escala) que os elementos prioritários da paisagem se farão presentes, um ato portanto que requer a determinação de um processo de seleção baseado em critérios concretos e/ou subjetivos, os quais carregam o entendimento do mundo do observador e, mesmo, seu entendimento daquilo que é a Geografia e seus significados a partir de sua percepção.

Olhar sobre paisagens deve ser um exercício constante no processo de conhecimento dos fenômenos espaciais e dos lugares; na Geografia ainda mais. O século XXI é notadamente marcado pela sociedade imagética, portanto estabelecer um diálogo geográfico a partir de imagens nos parece algo essencial e por demais prazeroso. O mundo vivido é um mundo de paisagens cores-texturas-simetrias-formas-gentes cuja Geografia deve ser desvelada a partir do olhar.

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física global. Caderno de Ciências da Terra. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, n. 13, 1972.
- RA´EGA, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389/2718>. Acesso em: 1 nov. 2021.
- BESSE, J. M. **Ver a terra**: Seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006. 108 p.
- BOBEK, H.; SCHMITHUSEN, J. A paisagem e o sistema lógico da Geografia. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998, p. 75-83.
- CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2004. p. 13-74.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.
- COSTA, E. B. Paisagem-memória e função social da fotografia. *In*: STEINKE, V. A.; REIS JUNIOR, D. F.; COSTA, E. B. (org.). **Geografia & Fotografia**: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoinconografia e Multimídias – LAGIM, UnB, 2014. p. 79-106.
- DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2004. p. 91-132.
- GANDY, Matthew. Paisagem, estética e ideologia. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2004. p. 91-132.
- GOMES, C. da C. G. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- GOMES, E. T. A. Natureza e Cultura: representações na paisagem. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2001.
- GOMEZ, S. E.; FERNANDEZ, P. S. M.; PRADO, S. A fotografia como linguagem, fonte de investigação e ensino de Geografia. *In*: GIRARDI, G; OLIVEIRA JUMIOR, W. M. de; NUNES, F. G. (org.). **Pegadas das imagens na imaginação geográfica**: pesquisas, experimentações e práticas educativas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 145-162.
- HAESBAERT, R. **Travessias**. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

- LISBOA, K. M. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. v. 1.
- SANTOS, M. P. A Paisagem como imagem e representação do espaço na Geografia Humana. **GEOUSP** Espaço e Tempo (Online), [s. l.], v. 14, n. 2, p. 151-165, 2010. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2010.74175. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74175>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. *In*: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998, p. 12-74.
- SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- SILVA, C. A.; BEREZUK, A. G. Geografia, Geografia Física: o pensar e o fazer geográfico em um mundo-tempo pandêmico, remoto e autocrático. *In*: SILVA, C. A. da; BEREZUK, A. G.; RAMPAZZO, C. R.; SOARES FILHO, Adelsom (org.). **Geografia & Pesquisa**: do pensar e do fazer. 1. ed. Porto Alegre (RS): TotalBooks, 2021. p. 13-40.
- STEINKE, V. A.; REIS JUNIOR, D. F.; COSTA, E. B. (org.). **Geografia & Fotografia**: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoinconografia e Multimídias – LAGIM, UnB, 2014.
- VERDUM, R.; VIEIRA, L. F. S.; PINTO, B. F.; SILVA, L. A. P. da (org.). **Paisagem: leituras, significados, transformações**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- WULF, Andrea. **A invenção da Natureza**: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

A ideia do texto, a elaboração de sua forma e estrutura, é da primavera de 2022. O revisitar, a primeira seleção das imagens, do verão de 2023. A escolha das referências, a articulação texto-imagem, do outono de 2023. A publicação, creio que será no final do inverno - ou próximo disso.

SERES E COISAS QUE CAMINHAM COM OUTRAS COISAS, COM OUTROS SERES

Elaine da Silva Ladeia

Como surgiram os seres? E as coisas que vemos por todos os lugares em que caminhamos? De onde vieram? Quem pode ter a certeza e a real (se essa é a lógica das coisas) origem de cada ser ou coisa nesse mundo em que vivemos e coabitamos?

Os caminhos de onde e para onde seguimos nos levam à percepção de diferentes modos de vida, habitat, locomoção, reprodução e sobrevivência. Nesses caminhos e nesse caminhar surgem inúmeras dúvidas sobre a origem dos seres vivos, sejam humanos, animais, plantas e diversos outros seres existentes nesse planeta que chamamos “Terra”. Dentre os elementos que nos levam a refletir sobre essas origens e caminhos temos no fogo (imagem 1) um ponto de partida, considerando sua presença na *teoria* da origem do universo e a voracidade com que consome lugares, coisas e seres por onde avança, de maneira natural ou antrópica... À beira de uma fogueira na Aldeia Te’iykuê (município de Caarapó, Mato Grosso do Sul), ouço o estalar da madeira queimando... E, concomitante a isso, as lembranças de uma infância com meus avós nas noites de festa de São João, na casa da fazenda onde viviam, mas bem longe dali, da aldeia, no interior de Rondonópolis, Mato Grosso... De volta à aldeia, o fogo e sua presença constante nas famílias Guarani e Kaiowá também me fazem enxergar esse laço familiar, um momento de descanso, de aprendizado. E é ali, na beira do fogo, que o mais novo ser atenta ao saber do mais velho, em “co-partilha” dos conhecimentos de uma vida de muito antes para uma vida de – tomara – muito ainda depois. Esse é um caminho.

O fogo, entretanto, não é o elemento único que favorece a continuidade da vida, sendo então, muitas vezes, devastador para a maioria dos seres vivos, como quando destrói uma casa ou uma mata, natural ou intencionalmente, como a caminho de um atendimento pedagógico, passando pela rodovia que corta a Aldeia Limão Verde (município de Amambai, Mato Grosso do Sul) (imagem 2). Uma casa queimando nos aflige; poderia ser de um aluno ou de uma família próxima, mas o pensamento logo nos leva à preocupação com o que será dessas pessoas atingidas. A “queimada”, uma prática constante do “homem”, presente em várias discussões nas aulas de Ciências da Natureza junto ao curso Teko Arandu (Faculdade Intercultural Indígena – UFGD), já muito utilizada nas práticas agrícolas noutros tempos, e, agora “fiscalizada”, está presente nessa caminhada com os Guarani e Kaiowá, revelando uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que ajuda na limpeza de áreas para o cultivo de roças tradicionais, “ela” também é utilizada para ameaçar e destruir as moradias, roças, mulheres, homens, jovens, crianças, árvores e tantos outros seres em parte de seus territórios. O fogo que aquece e alimenta a comida e a alma é o *mesmo* que traz o desconforto e o desassossego...

Esse fogo imponente pode ser derrotado em sua amplitude por outro elemento de primeira ordem na existência e continuidade da vida dos seres vivos: a água, que, assim como o sangue, a linfa e secreções vitais, percorrem desde os mais ínfimos capilares até os vasos mais calibrosos dos corpos vivos, como nas bactérias, formigas, onças, baleias, samambaias, fungos, taquaras e cedros. Um desenho simples para uma professora aprendiz leva à reflexão sobre quão profunda é a compreensão diferenciada que os Guarani e Kaiowá possuem sobre a origem dos seres e das coisas desse mundo, uma cosmologia até há pouco tempo desconhecida inclusive para mim, professora (imagem 3); ali, diante do desenho, fui então levada pela imagem da água e sua diversidade aos mais distantes pensamentos sobre a presença da água para a vida e sua existência biológica e social.

A água, diferentemente do fogo, inunda *literalmente* qualquer caminho por onde corre, mesmo naqueles seres inanimados como nas popularmente conhecidas pedras (em geografia aprende-se como “rochas”)... Como já dizia Raul Seixas, pedras que choram sozinhas no mesmo lugar, essas pedras, ou rochas, são habitats também de muitos seres. Uma pedra no meio de uma caminhada em Cambará do Sul (Rio Grande do Sul) (imagem 4), mostra em sua *inanimada* existência a diversidade viva habitando sua superfície, o que logo me trouxe para a sala de aula me vendo exibindo aos meus alunos a imagem daquela rocha coberta de seres, vivos, calados, mas exuberantes. Talvez meus alunos nunca visitem esse caminho, porém, mesmo que

eles não visitem, outras etnias indígenas, do sul do Brasil, como os Guarani Mbya, possam conhecê-las, pois *como Raul*, acreditam que as pedras falam e cantam como as imensas rochas por onde correm as águas do rio Iguaçu (imagem 5, Cataratas do Iguaçu, *lado argentino*, Puerto Iguazu).

Durante o decorrer de nossa caminhada pelos cantos, recantos e pedaços de lugares onde conseguimos chegar, percebemos, em todos eles, que a presença da água mantém vivos inúmeros seres, assim como, por vezes, em uma *revolta natural*, mas que nos parece vingativa contra as ações antrópicas; “ela” torna-se avassaladora, levando tudo que há no caminho por onde abruptamente vai irrompendo. E frente a essa força abrupta ou não, vê-se o renascer de diversos seres, enquanto outros sucumbem pelo caminho.

O som das águas e do vento por vezes acalmam os seres, noutras provocam inquietudes, sensações diferenciadas de sentimentos e sensoriais pelos seres vivos. As folhas de uma palmeira balanceando com o vento leve no pátio da Escola Municipal Indígena da Aldeia Pirakuá (Bela Vista, Mato Grosso do Sul) (imagem 6), traz uma calma; parece até natural, ao contrário do que nos apresenta a distância percorrida para se chegar até o asfalto nesse território, e ter acesso ao caminho físico que leva até os bancos da universidade... O caminhar nessas estradas torna o esforço do estudar, adquirir conhecimento fora e dentro da aldeia, mesmo que as dificuldades e as pedras no caminho sejam muitas.

O vento que bate nas janelas do carro durante o percurso da estrada chega ao chão do pequeno barracão da Aldeia Pirakuá, flamejando as folhas de um livro (imagem 7), quase que totalmente despedaçado, talvez pela defasagem do uso das informações nele contidas, talvez pelo esquecimento no pátio, talvez pela contradição dos saberes nele com aqueles dos Guarani Kaiowá praticados na vivência do cotidiano. Gentes e livros importam, mas ali, no chão, apenas o vento importava, levando as páginas no mesmo sentido que as folhas da palmeira, o sentido do vento.

Noutro caminho, chegando na aldeia Porto Lindo (Japorã, Mato Grosso do Sul), em uma manhã fria de inverno, avistamos a paisagem calma e serena e, ao mesmo tempo, exuberante em sua rica biodiversidade. O questionamento interno logo surgiu: quanta vida verde nesse lugar, quantos seres sob as folhas das plantas e da copa das árvores não avistados, quanta vida a se espriar no solo, invisíveis aos nossos olhos, quantos seres não vistos por nós, os “jaras” da natureza (donos, guardiões), sagrados para os Guarani e Kaiowá, que nos ensinam, assim como tantas outras etnias, que a natureza e

seu silêncio inquieto nos convidam ao conhecimento e ao cuidado com todos os seres. No silêncio inquieto do vento gelado, ouvi com paciência a natureza naquele instante (imagem 8).

Essa mesma natureza viva foi brevemente representada num pedaço de papel, em sala de aula, com poucas cores, a lápis. Se não podemos e nem conseguimos “reproduzir” com perfeição a natureza, fica demonstrado o quanto é “cara” a riqueza natural das coisas e de seres para a “vida-existência” dos seres humanos e não humanos, vivos e não vivos. É o que podemos constatar nesse pedaço de papel, em coletividade Guarani e Kaiowá na sala de aula da universidade (imagens 9 e 10). A coletividade, uma característica tradicional da cultura Guarani e Kaiowá, pode ser compreendida como a força que move a vontade de chegar na reta final de uma formação profissional e, nesse caso, ser professora ou professor, pois já são professores e ensinam não apenas conhecimento de escrita e da teoria, mas os conhecimentos de geração em geração, como os costumes tradicionais. Um deles, a dança, aqui representada num pequeno *guachiré* (dança, reza, canto) durante etapa presencial de formação no curso Teko Arandu (imagem 11).

Ao longo dessa caminhada em meio a ventos, chuvas, pedras e alguns goles d’água – essa água que é essencial para a manutenção dos seres coabitantes nesse planeta – perpassando danças, cantos e outras tradições, presenciamos momentos de conquista, momentos especiais celebrados com vestimentas tradicionais e não tradicionais para os Guarani e Kaiowá (imagem 12), mas que, nessa altura da caminhada, são *objetos* que contemplam uma vitória, não o fim da caminhada, essa sim, sem fim.

Caminhos, descaminhos, seres, não seres, coisas, movimentos, sensações, perpassam nossos caminhos durante nossa existência nesse pequeno espaço-tempo em que coabitamos a “Terra”, todas as terras.

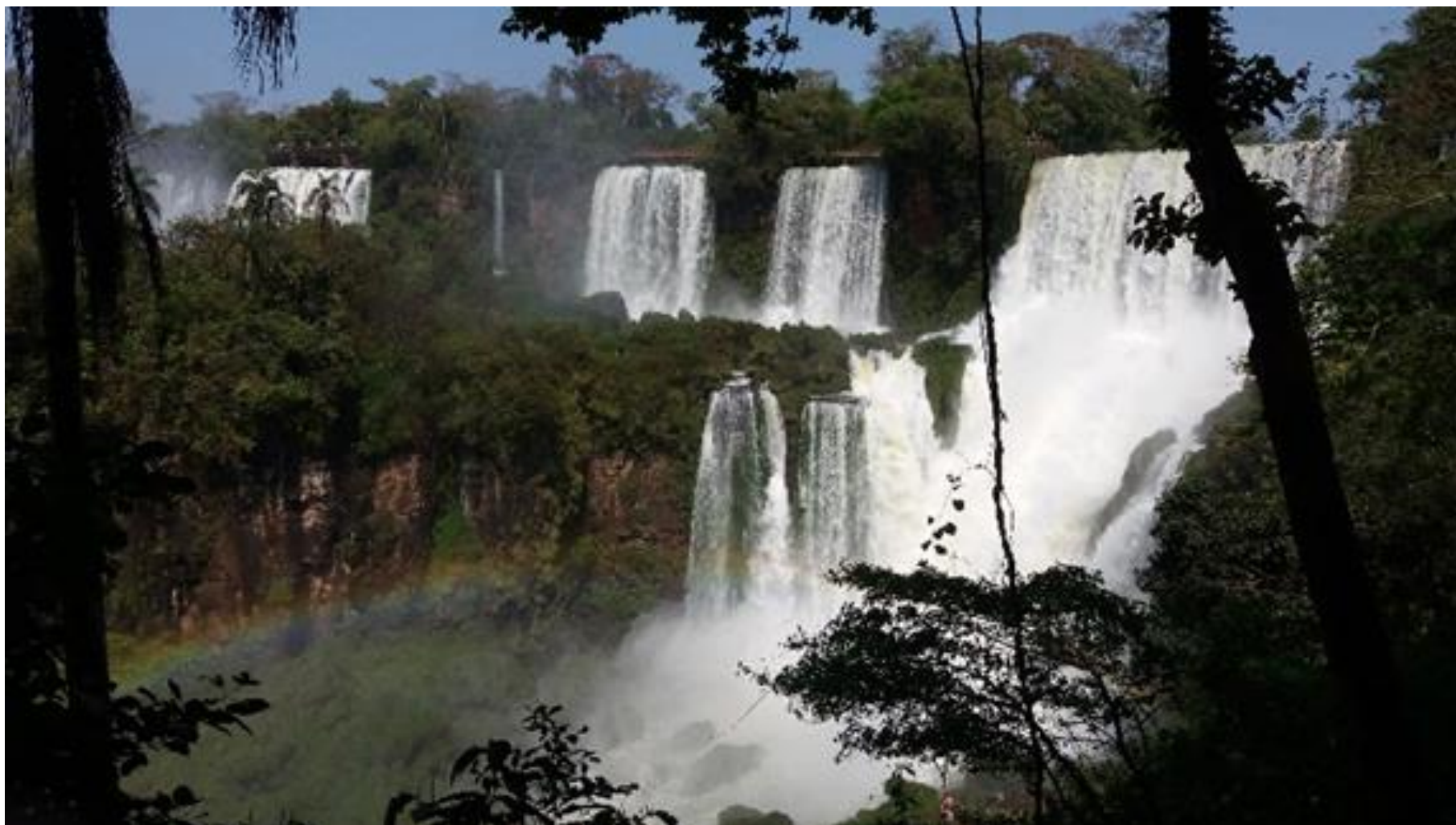
1











6















Fonte das imagens: Aldeia Te'yikuê, Caarapó, MS – 2016 (imagens 1 e 9); Aldeia Limão Verde, Amambai, MS – 2019 (imagem 2); atividade de Ciências da Natureza na Escola Guarani Polo Japorã, MS – 2013 (imagem 3); Cambará do Sul, RS – 2019 (imagem 4); Cataratas do Iguazu, Puerto Iguazu, Argentina – 2016 (imagem 5); pátio da Escola Indígena da Aldeia Pirakuá, Bela Vista, MS – 2018 (imagens 6 e 7); Aldeia Porto Lindo, Japorã, MS – 2019 (imagem 8); aulas no curso Teko Arandu, FAIND/UFGD – 2013 (imagens 10 e 11); e cerimônia de Colação de Grau da Turma 2011 do curso Teko Arandu, FAIND/UFGD – 2011 (imagem 12). Com exceção da imagem 5, de Maria Júlia Ladeia Goettert, todas as demais imagens foram feitas pela autora do texto.

ONDE VIDAS HABITAM GEOGRAFIAS

Jones Dari Goettert

Uma fonte brota na *Aldeinha*, uma terra Guarani e Kaiowá em fundo de fazendas (imagem 1). Tanto as plantas protegem a água, ainda límpida, como a água sacia as plantas, os animais e também as gentes indígenas junto dali. Um galão plástico para pegar a água. Um banco para descansar o corpo e refrescar os pés, ou mesmo uma “tábua de lavar” para as roupas suadas dos trabalhos em fazendas próximas ou distantes. Um território exíguo, mas uma vontade imensa de nunca deixar a fonte, uma *nascente remanescente* que não deixa *suas* gentes nem as gentes querem deixar a *fonte*.

Junto à Terra Indígena Jarará, um pequeno riacho molda as pedras a poucos metros de misturar-se ao rio Amambai (imagem 2). Entre rochas, uma vegetação baixa se aproxima cada vez mais das águas correntes, em encontros mútuos nos quais gramíneas, arbustos e árvores desejam nutrir-se e a água *expandir-se* em verdes de todos os tons. Ali, em tardes de finais de semana, sobretudo, jovens Guarani e Kaiowá deixam suas casas próximas para se aproximarem desse lugar como suas antepassadas e seus antepassados faziam há séculos, senão há milênios: o *habitat* indissociável com águas correntes, marcando um território com tal intensidade como ele mesmo é marcado pelos *veios* de água menores e maiores.

As águas guarani e kaiowá são indissociáveis do alimento em volta, seja daqueles colhidos junto a buscas de sabedorias de caminhos e lugares *mapeados* com vagar e atenção, seja daqueles das roças, das *kokue* que sempre foram de companhia. Assim, igual às águas, a roça é dimensão intrínseca a qualquer lugar guarani e kaiowá, com a terra preparada tanto a mãos, pés e corpos humanos inteiros, quanto a braços ritualísticos que abençoam terra, sementes e cultivo em cada benção-reza, em cada *jehovasa*. Ali, na mesma Aldeinha de antes, onde também um ananás deixa-se vingar em planta e fruto (imagem 3), e onde a terra acolhe cebolinhas em cortados vasilhames plásticos (imagem 4) que muito antes deixaram fábricas de agrotóxicos para o assassinato de toda *erva daninha nativa*, para fazer reunir, então, as monoculturas em volta.

Os *vasos* com cebolinhas são de companhia, ali, a uma moradia guarani e kaiowá. Parte tijolos com pouco cimento, parte madeira, parte lona preta e tudo o mais que o mundo *usado* ou *novo* dispõe. Estruturadas geralmente com seis (dois em cada lateral e dois mais altos no centro) ou nove (três em cada lateral e três mais altos no centro) palanques de madeira, as moradias são levantadas e *preenchidas* de acordo com materiais que *a terra dá*, mais “coisas de branco” que, *amansadas*, viram *coisas-de-índio*. Uma pequena lasca de pau atravessada por um prego a fixar lonas plásticas pretas e brancas e *ex embalagens* de veneno, em companhia de nós de retalhos de tecido arrarrando as pontas (imagem 5). Troncos de palmeiras cortados verticalmente juntos a outras madeiras de troncos mais claros se ajustam em companhia enquanto um pequeno pedaço de corda avermelhado parece amarrado em arame sustentando uma vigota ao lado (imagem 6). Taboas de tamanhos, texturas e cores diversas se juntam em uma *cartografia-morada* que se deixa atravessar pelo tempo a tal maneira que *rugas* são, muito mais que marcas da velhice, linhas de expressão territoriais (imagem 7), enquanto preguinhos “12x12” se juntam a pequenos pedaços de “coisas sem uso” para *acalmarem* a lona do vento e da chuva (imagem 8).

O corpo precisa tocar a terra para fazer dela uma *toca*, a qual para dentro nos imiscuímos ao chão e para fora a terra daqui migra para lá e acolá junto de nossos pés, e no caminho (sobretudo nos *tape po’i*, pequenas trilhas) o andar *cartografa* o mundo amasiando terras. Por isso, talvez, que os pátios guarani e kaiowá (*okara*) estão sempre junto das moradas, e banquinho, cadeiras e bancos *se disponibilizam* para o encontro com o chão. E, *sem querer*, também as sombras dispostas sobre o banco e o chão desenhavam *cartografias* inusitadas – capazes mesmo de serem *copiadas* como fazem às vezes as crianças “colando” desenhos de um para outro papel (imagens 9 e 10).

Mas se as sombras são o “reflexo” do que as alturas trazem, o que são as alturas? Como germina uma semente, como “pega” uma muda”, como sobe uma árvore? Quando e onde é o *ponto* para um novo ramo, para um novo galho, para uma nova folha, para um novo ninho de passarinho? E é curioso: a sombra embaixo resulta de uma *engenhosa prática* de busca de sol na qual os galhos vão *se retorcendo* em uma “disputa de espaço” rumo ao mais alto ponto da árvore. Uma copa, por isso, nunca será igual à outra, porque também os sóis dos dias, desde a germinação até a lonjura dos talvez dez, vinte ou mesmo trinta metros de altura, nunca serão iguais aos de outra copa, mesmo que árvore seja “gêmea” e habite a pouca distância uma da outra. E para contemplar esses emaranhados de *entrecruzamentos* que emergem de troncos, nada melhor que deitar-se no chão e mirar a altura mais alta (imagem 11) ou mesmo observar *mapas* de um espaço-tempo junto à própria árvore (imagem 12).

Porque também uma árvore não é apenas o visível... Ela, ali, em qualquer lugar, é sustentada por outro conjunto de *entrecruzamentos* quase sem fim, praticamente só passíveis de serem sentidos se, de fato, nossa posição humana ereta deixar-se terra outra vez (imagem 13).

1





3























Fonte das imagens: *Aldeinha*, pequeno território guarani e kaiowá em fundos de fazendas, entre as cidades de Vicentina e Caarapó (imagens 1, 3, 4, 5, 6 e 9); Terra Indígena Jarará, próxima à rodovia MS-289 e junto ao rio Amambai – a cinco quilômetros ao sul da cidade de Juti (imagens 2, 7, 8 e 10); Aldeia Laranjeira, à margem da rodovia MS-267, a vinte quilômetros a oeste da cidade de Jardim (imagens 11 e 12); e Aldeia Takuaju, à margem da rodovia MS-382, entre as cidades de Guia Lopes da Laguna e Bonito (imagem 13).

AUTORAS E AUTORES

Adáuto de Oliveira Souza – Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (FCH-UFGD). E-mail: adautosouza@ufgd.edu.br

Alex Dias de Jesus – Professor do Instituto Federal do Piauí (IFPI). E-mail: alexdias@ifpi.edu.br

Alexandre Bergamin Vieira – Professor do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (FCH-UFGD).
E-mail: alexandrevieira@ufgd.edu.br

Arnulfo Morínigo Caballero – Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (FCH-UFGD). E-mail: arnulfomorinigo@gmail.com

Charlei Aparecido da Silva – Professor do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (FCH-UFGD).
E-mail: charleisilva@ufgd.edu.br

Claudia Marques Roma – Professora do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (FCH-UFGD).
E-mail: claudiaroma@ufgd.edu.br

Denise Cristina Bomtempo – Professora do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UECE).
E-mail: denise.bomtempo@uece.br

Edvaldo Cesar Moretti – Professor do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (FCH-UFGD).

Elaine da Silva Ladeia – Professora do Curso de Licenciatura Teko Arandu (FAIND-FCH). E-mail: elaineladeia@ufgd.edu.br

Italo Franco Ribeiro – Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (FCH-UFGD). E-mail: italoribeiro@hotmail.com

Jones Dari Goettert – Professor do Curso de Geografia e dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e em Ensino de Geografia em Rede Nacional (FCH-UFGD). E-mail: jonesdari@ufgd.edu.br

Juliana Grasiéli Bueno Mota – Professora do Curso de Geografia e dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e em Ensino de Geografia em Rede Nacional (FCH-UFGD).

Kamila Madureira da Silva – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (FCH-UFGD). E-mail: kamila_agro@hotmail.com

Midiane Scarabeli Alves Coelho da Silva – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (FCH-UFGD).
E-mail: midiane.scarabeli@yahoo.com.br

Silvana de Abreu – Professora dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e em Ensino de Geografia em Rede Nacional (FCH-UFGD).
E-mail: silvanaabreu@ufgd.edu.br

Thiago Romeu – Professor do curso de Geografia (UFCG). E-mail: thiago_romeu2000@yahoo.com.br

Valney Dias Rigonato – Professor do Curso de Geografia e do Programa de Pós-graduação de Ensino (UFOBA).
E-mail: valney.rigonato@ufob.edu.br



ESPAÇOS E IMAGENS

ensaios de expressão



UF
GD Universidade
Federal
da Grande
Dourados

TOTAL
BOOKS

UF
GD PPGG
Programa de
Pós-Graduação
em Geografia

